JORNADAS EM PORTUGAL

DO AUTOR:

Trístia. (2.ª edição.)
Alêm.
Partindo da Terra.
Palavras de Agnelo.
A Estrada Nova. (Peça em 3 actos.)
Recordações e viagens. (2.ª edição.)
Cómicos. (2.ª edição.)
Doida de amor. (5.ª edição.)
D. Pedro e D. Inês. (4.ª edição.)
A arte na educação da mulher. (Conferência.) (3.ª edição.)
Leonor Teles. (3.ª edição.)
Jornadas em Portugal. (3.ª edição.)
Maria Amália Vaz de Carvalho. (Discurso.)

NO PRELO:

D. Pedro e D. Inês. (5.ª edição.)

ANTERO DE FIGUEIREDO
Da Academia das Sciências

Jornadas em Portugal

TERCEIRA EDIÇÃO, REVISTA

5.º MILHAR

Livraria Aillaud & Bertrand
PARIS — LISBOA

Livraria Chardron
PORTO

Livraria Francisco Alves
RIO DE JANEIRO

1919

TIRAGEM ESPECIAL:

Dois exemplares, numerados, em papel de luxo.
Fora do mercado.

Todos os exemplares vão rubricados pelo autor.

A. de Figueiredo

Tip. da Emprêsa Diário de Notícias — Rua do Diário
de Notícias, 78 — Lisboa

«Um homme n'est rien
quand il n'est pas le pro-
duit de sa terre.»

ANATOLE FRANCE

Viajar, recordar...

¿QUE é a vida senão uma viagem? ¿Que são as viagens senão temas de recordação?

Recordar!

O presente é inconsciente como a juventude: — só na idade reflectida se mede o prazer que passou. O prazer é vivaz e efémero; a recordação vem esmorecida, mas pousa e fica. A alegria vale, sobretudo, pelo fio de doçura que deixa na saùdade nevoenta... Quando fruímos um prazer, com a ardência do sol em chamas, estamos a preparar o luar dêsse gôzo: o deleite brando e demorado de o relembrar.

E' como o sonho do amor, que se desdobra na ilusão solar de construir e na ilusão lunar de recordar. Tudo ilusão! Mas a ilusão é a mentira fecunda da vida. E' a própria vida. A ilusão é a maior verdade, porque é a mais constante; é a maior beleza, porque universalmente, eternamente atrai e seduz. O prazer vale um pouco pelo que é, e muito pelo que será. Quem goza, semeia saùdade. O mais delicado perfume é o perfume do que foi perfume...

Recordar é acordar. Só acordados somos vivos. No presente somos mortos. Recordando, ressuscitamos. E então vivemos conscientemente a vida inconsciente que por nós correu.

Recordar é poetizar. Tão nobre é o valor da recordação que, às vezes, recordar uma viagem comum é desvulgarizá-la, é engrandecê-la. Da realidade ficou apenas uma imagem depurada—a essência da verdade que existiu. A recordação superioriza, porque espiritualiza. O tempo é o poeta da saùdade.

*

* *

Emquanto se anda a pisar terras estranhas, vistas pela primeira vez, o espírito, entontecido pela scintilação do imprevisto, goza tão alarmado e sôfrego, que todo êle desliza, fugaz, pela fácil aparência irisada das cousas transitórias, as quais, passando por nós como relâmpagos, lá ficam para trás sem as termos vincado com o nosso comentário enternecido a invadi-las de entendimento e de estima penetrantes. Só depois, mais tarde, reflectindo, nos apercebemos do que vimos, do que sentimos, — mais tarde, quando analisamos, miúda, demorada e saboreadamente, as imagens belas trazidas connosco dessa correria luminosa e vertiginosa. Tal qual a leitura de um livro profundo, que só se faz repassadamente, depois que o fechamos para pensar nêle; tal qual um

quadro que só começamos a ver bem, quando já o não olhamos — quando o não temos diante das pupilas que o viram, mas ante os olhos fechados que nêle meditam...

*

* *

Se voltamos a uma terra onde há muito estivemós, encontramo-nos lá com o que fomos. Então, pomo-nos a ver paisagens, pessoas e cousas, com outras paisagens, outras pessoas, outras cousas no fundo dos olhos... Acama-se o presente no passado. Monologamos. Monólogos, que, afinal, são diálogos de nós connosco próprios — entre o nosso sentir de ontem e o nosso sentir de hoje, entre o que somos e o que fomos. E sofremos, dando-nos em espectáculo às cousas impassíveis que são os observadores irónicos da nossa alma débil de melancolia, ou açodada de arrebatamentos vãos. Tudo fraquezas!

Se amo ainda as terras que há muito não vi e as almas de que há muito me afastei, é a mim que eu amo do que de mim nessas terras ficou, do que do meu espírito a êsses espíritos dei. Por onde passamos, de alma comovida e franca, deixamos sempre alguma cousa de nós; e a saùdade, depois sentida, não é mais do que a pena do que já não somos — dos sonhos que não mais podemos sonhar, dos erros que não podemos de novo repetir... Sofremos então, mas resignamo-nos com tristeza e doçura, a chorar e a sorrir: — sorriso que punge, chôro que consola; e isto talvez seja o que se chama Saùdade.

*

* *

Viajar!

«C'est bon voyager, mais c'est mieux avoir voyagé», diz Taine. A ânsia da partida é um vinho forte, que nos excita; a serenidade do regresso, um leite morno, que nos acalma e nos amodorra

gostosamente. Partir, afastar-se, ausentar-se para viagens novas, são prazeres que levam a dor pela mão...; — esferas de ouro, a rolar no espaço azul, metade feitas de sol, metade feitas de treva. Então nossa alma, amachucada pelos adeuses da despedida, melancólica pelo afastamento, dorida pela ausência, começa a sentir chover em si uma morrinha lenta de mágoas imprecisas, vagas como neblinas, finas como gotas de água fria; a ver formar-se, desdobrar-se, entre o ponto da terra que deixámos e aquele em que estamos — a ver formar-se (tanto mais extensa, quanto mais afastados de pessoa querida) a planície da ausência, longa, rasa, calada, desolada, onde a nossa tristeza se queda e se pasma, e vai, como virgem louca, em sofredor silêncio, cravando, aqui e além, a flor miùdinha e lilás da recordação pesarosa e o cardo roxo da saùdade amarga, que laiva o chão de sombra violácea...

O regresso é doce. Como há amiza-

des suaves que só se entendem bem após os tumultos dos amores descompassados, assim há modestas sombras de cantinhos de moradias liais, que sòmente se valorizam depois de os olhos se haverem deslumbrado com a falsa maravilha dos palácios de ouros rutilantes — tantas vezes mentirosos como miragens...

Dizia Demócrito: «Toma o cajado do viandante, abandona a càsa paterna, expõe-te à má recepção que te faça o estrangeiro para, no regresso, saboreares o pão negro do teu lar».

O lar!

O lar é o único confôrto inalterável da vida, como a mãe é o único amor inalterável da mulher. No lar há a bondade e a beleza dos ninhos. No lar, até a cinza fria aquece... Pode o soalho estar frinchoso e lurado; ouvir-se o vento sibilar nas fendas das ombreiras e dos enxaiméis, levantando o telhado de telha vã e matracando, uns nos outros, os caixilhos desconjuntados das

janelas de raras vidraças; serem tomentosos e pardos os lençóis da cama estreita; entrar por um postigo uma réstea de sol; só duas achas arderem, sob um pote negro, na pedra da lareira varrida; ser pequenina, como pinhão de luz, a chama da candeia de azeite no fim; sem presigo o jantar feito de uma malga de caldo, de um naco de broa e de um tudo-nada de vinho; — que nem por isso o corpo e a alma se sentem mal aí, tamanho é o confôrto dos corações certos, a arder em amor, tecendo de ideais sêdas e de veludos maravilhosos o aconchego do nosso lar amigo onde tudo nos diz, com lialdade e carinho, que somos bemquistos.

*

* *

As composições dêste livro brando serão um relembrar terno de factos passados, e um demorar por gôsto em aspectos de viagens idas — aqueles,

trechos de vida que vivi; estes, cantos lindos da terra, que entraram em mim e em mim floriram. Desta vez, porêm, as viagens não serão por êsse mundo vasto e estreito, onde me perdi, mas na minha terra pequenina e grande, onde jamais me encontrei a mim próprio... Não é viajando muito que se viaja melhor; não é indo longe que se alarga a visão do Universo. Por mais que ande, ninguêm gira senão «à volta do seu quarto», como simbólicamente escreveu De Maístre — senão à roda da sua alma, como espiritualmente digo eu.

¿Porventura ponho no papel as côres e as linhas que vejo? Não. Ponho as tintas que me deliciaram, as formas que me enlevaram. Há duas espécies de sentidos: os do corpo e os do espírito. Estes são os sentidos estéticos. Com aqueles percebem-se as cousas; com estes interpretam-se belamente.

Há pupilas que vêem e pupilas que sonham; ouvidos que ouvem sons e

ouvidos criadores de harmonias. Na escrita, dentro dos termos plásticos, condensam-se mundos de emoções. As palavras são seres de evocação e de sugestão. Na forma, são vasos transparentes; na essência, perfumes, àsas a baterem o azul, a que nos elevam, a que nos arrebatam... A côr que as palavras parecem ter vem-lhes da irisada ilusão que pomos nelas e as ilumina. O poeta não escreve com palavras, mas com a alma das palavras. Os artistas, como os namorados, falam uma linguagem divina, servindo-se de termos comuns. E' o dialecto da paixão e da beleza. Há uma gramática de intenções, como há uma gramática de locuções. Se não fôsse assim, a Arte seria impotente para interpretar a verdade bela da Vida. O artista renunciaria a reproduzir a Beleza, se não soubesse que por detrás das expressões materiais que emprega (côr ou linha, som ou palavra) está o infinito das suas intenções tecidas de infinito...

*

* *

Não, não é preciso viajar por longes terras para viajar dilatadamente. Primeiro viajemos no que temos à mão — no que é de cá. Depois, no que é dos outros. Se todos devemos a nossos pais afectos extremosos e únicos, à nossa terra — mãe — devemos um querer de maior aprêço, cá de dentro, como nenhuma outra nos merece.

¡E Portugal é tão lindo! Mas que fôra feio, o mesmo carinho lhe devíamos. Demais, nunca é feio o que muito amamos. ¿Não é sempre bela a mão da mãe a abençoar, seja ela encarquilhada por velhice, ou tortinha por doença? As mãos dos bons irradiam claridades. Os nimbos de luz branca, com que os pintores piedosos circundam as cabeças divinas dos santos, melhor ficariam em volta dos corações — focos de bondade; ou das mãos — práticas de virtudes. O

cérebro medita, o coração comove-se, as mãos realizam. A prece do pensamento é inteligente; a do coração, amorosa; a das mãos, útil. Mais rezam solícitas mãos a cuidar feridas, que o pensamento abstracto a orar a Deus. Melhor servem Nosso Pai Celeste os que descem à vida a praticar o bem, que os que fogem dela e se enclausuram, distantes das dores, na soledade serena das celas altas onde não chegam as lutas truculentas dos homens. E' tão fácil ser bom entre justos, quanto difícil ser calmo entre maus que irritam a vida, tecendo-a e torcendo-a de ruindades.

*

*   *

¿Para que havemos de ir procurar, longe, o convívio frio das almas estrangeiras, se temos aqui, perto, o trato sincero das terras que foram dos nossos, onde viveram e morreram os nossos, onde pessoas e cousas nos são

achegadas pelo sangue, pelo coração, pelas alegrias, pelas dores, pelos desastres e pelas glórias?

Portugal é, há séculos, uno e contínuo. Estas árvores, estas searas, estas flores são nossos parentes próximos: suas raízes penetram o solo e suas fôlhas respiram o ar onde se desagregam matérias em que já viveram as almas dos nossos avós. No espaço que nos rodeia gravitam, chamados pela saùdade, espíritos queridos que o nosso coração não esquece — a quem nós queremos no passado de ontem e no de há séculos.

O passado!

A perspectiva do presente diminui as figuras que temos diante de nós; a da saùdade aumenta as que estão no passado. Os olhos da infância dilatam os objectos; os da história engrandecem pessoas e factos. O passado é a noite sábia que dá conselhos; o futuro, — ouro de sol, a nascer e a raiar, em que a vida se precipita impetuosa mas bela.

¿Para que ir lá fora pisar terras alheias, que sómente delas próprias nos falam, quando as nossas sempre nos recontam o que foram e a tôda a hora nos mostram a sua beleza presente — elas que só para nós se voltam, pois só com os seus se querem e entendem?

Neste momento de sagrado facciosismo por tudo que é nosso, já me desgosta ver portugueses virar a face e o agrado para almas que não sejam desta galharda raça de amores, desta doce gente elegíaca; — para paisagens que não sejam as do torrão luso.

*

* *

Eu viajo nas minhas recordações e relembro bocados de jornadas que fiz na nossa terra: — areias de ouro; verduras húmidas de milheirais; frescuras de carvalhidos; sombras lilases de soutos a verdejarem, no pino do verão, sôbre céus de azul ferrete; e no

outono chãos amarelentos de fôlhas sêcas de latão e de cobre martelados; e curvas brandas de estradas, sôbre manchas azulinas de montanhas, toadas umas nas outras, assim como tintas envelhecidas de painéis medievais — côres caladas, postas em silêncio e em distância, a meditar, olhando a opala infinita dos céus.

Escritas com o coração transportado, a vibrar de tristeza enamorada, quisera eu que estas páginas, por suas qualidades e jeitos lusos, só fôssem entendidas e queridas por gente da minha igualha no sentir português; e que os demais, estrangeiros de fora e estrangeiros de cá, não as lessem, se as lessem não as entendessem, e se as entendessem as desestimassem...

*

*   *

Viajar, recordar...

Portugal

Portugal é um rico pano de terciopelo verde broslado de ouro, mui antigo, que as fidalgas Espanhas dos condados, num remoto dia medievo, de luz puríssima, estenderam ao rubro sol peninsular, à borda de um mar de cobalto a cachoar em borbulhões de estrêlas de prata e de cristal, mar que logo, espraiando-se nêle, o recortou e franjou de espuma nevada. Portugal é uma tira de sol entre dois azuis religiosos: — o do céu e o do mar.

O Minho, pequenino e meigo, tendo na orla da costa, de areias de ouro, o

esmalte verde das copas dos pinheiros marítimos, é todo fôfo de verduras de milheirais, de feijoais, de hortas, de prados húmidos abeberados em água às lascas, lisa e brilhante, como a prata das salvas. As cepas caseiras, querendo-se com gente amiga, sobem os cunhais das moradias caiadas, estendem os braços e, espalmando suas fôlhas ao longo dos beirais vermelhos, sorriem de lá, dos seus festões, por cima das janelas, para dentro de casa; outras trepam às árvores, engavinhando-se nelas, com aquele amor das heras que morrem agarradas a quem se apegam. E, assim, em Setembro, nestas vinhas de enforcado, carvalhos e choupos florescem em novos Abris e frutificam em cachos negros e louros.

Nas pequenas herdades vêem-se, por entre latadas, branquejar casais modestos, tendo junto eiras postas ao sol, ao lado de medas de palhas milhas, trigas e centeias, com suas cimeiras cruzes de colmo, as quais, com as de

2

granito nos topos dos canastros e dos portões de telhados de duas águas, protegem todo o casal cristão: — gentes e gados. Há vilas caladas, de ruas ervecidas; há cidadezinhas modestas; há nobres solares àntigos, paços e honras, de fidalgo porte, que todos e tudo manteem em respeito; há fachadas caiadas, com humildes vidraças aos quadradinhos, em frescuras de caixilhos verdes, sob beirais fartos e encarnados, de sobeira, afitados a cal, onde as andorinhas fazem ninhos; há casas de acolhedores alpendres sôbre portas com ressaltos e ferragens vasadas em cruzes e flores; há cachorros de enfeite, ao lado de janelas e postigos, para caçoilas de cravos vermelhos, pelo São João; há ingénuos painéis de azulejos com doces santos protectores, sempre alumiados pela lâmpada de azeite — voto antigo de bisavós.

Os montes, religiosos, com a gaivota branca das suas capelinhas à sombra de um sobreiro eremita, boleiam-se

uns por detrás dos outros, a esmaiar suas tintas azulinas, de corcova em corcova, até às últimas serras, distantes, de safira diluída em gaze, ou de violeta desfeita em fumo lilás — longe, a confinar na Espanha, onde elas irromperam bravas e de onde, passada a fronteira, descem mansas, formando entre si vales que juntam as águas dos riachos a engrossar o Minho, o Lima, o Cávado, o Ave, às curvas, para o oceano que os recebe com admirável amor, fundindo na sua grande alma essas almas bucolizadas pelos rítmicos dizeres dos poetas que nelas, tristes, se debruçaram, e pelas cantigas das lavadeiras e das pastoras ribeirinhas.

Trás-os-Montes — Portugal da extrema de cima — desarborizado, violentamente montanhoso, sem gente e sem água, varrido de ventos, é limpo de ares e sólido de franqueza aberta e forte; e porque, durante séculos, se

afez aos invernais cortantes e aos escaldões dos estios, estes aspérrimos tratos temperaram-lhe a alma sertaneja para as tempestades da vida. Suas terras altas, de cataduras cerradas, acobertam caracteres fiéis, como a aridez dos seus montados encobre o útil estanho, o precioso volfrâmio, os mármores de fino grão, os alabastros de bela transparência.

No Alto-Douro, xistoso e ardente, as vinhas baixas e de fartas parras, cobrem de folhagem macia terras de fogo, subindo-as, religiosamente, de joelhos, nos degraus dos geios, a formar montes escadeados de verdura; e nas tardes amarelas de Setembro, pelas vindimas trabalhadas e cantaroladas, o ar dourado anda tão carregado dos perfumes capitosos da espuma florida do vinho novo, a bolhar e a referver nos lagares e balseiros, que os viandantes, com as pupilas hílares, tonteiam pelos caminhos, ora escabe-

ceadores, ora ebrirridentes, rebentando em cantos e ziguezagueando em danças de satiríases, investindo contra tôdas as cachopas palreiras que topam nas estradas, de seios duros como traves e de encontros fortes como pedras de lagar; — tal se o Baco da lenda pagã rebentasse de novo nos sentidos lusos aquele dionizíaco entusiasmo criador de bacanais.

A Beira-Alta — uma chã verde entre as abas azuis e violáceas dos pendores do Caramulo e da Estrêla — tôda de luz grave e tinta bem toada nos verdes fortes dos castanheiros, nos verdes duros dos pinheiros, nos verdes húmidos dos freixos, nos verdes firmes da vinha baixa, — terras de fartura e de sabor, seus frutos trazem ao paladar a mesma lialdade que enche as almas das suas serras, dos seus montados, dos seus campos e das suas gentes fortes, francas, fiéis. Canto de poetas, os laranjais das suas almarjes

ribeirinhas perfumam, na primavera, Portugal inteiro; e os rouxinóis das suas ínsuas e dos seus choupais, trinam, na cambraia do luar de Agôsto, para tôda a terra portuguesa.

A seu lado, paredes meias, está a Beira-Baixa, serrana, com seus pastores de olhar vago, quinzena de estamenha, calças de velocino, botonas ferradas, chapeleirão de lã negra, capote e alforges ao ombro e cajado na mão, tresandando a fartuns bodegos, vivendo seus dias claros e suas noites estreladas no meio de rebanhos de ovelhas, de fatos de cabras, associados todos em volta do chocalho triste, cuja toada crepuscular dilata o silêncio dos montados e empalidece a luz do meio-dia, diluindo-a na das Ave-Marias... No inverno, são terras de neve alta e de vento desabrido; no verão, terras sêcas, esboroadas, a que sómente se resigna a semeadura do centeio estóico, que tudo dispensa, por lhe bastarem as raras

águas do céu. Por tôda a parte a aridez dos montes tosquiados, magros, ossudos, de penedos da côr das violetas espêssas, com suas sombras mais duras ainda, — de ardósia; e, aqui e alêm, a cinza das giestas negrais, a ferrugem dos figueitos cobreados e a palha amarelenta dos restolhos que ficam no chão, depois da ceifada, pelo São Pedro. Terrões ásperos e de ensinos.

Mas, logo próxima, a Estremadura, farta e franca, canta a alegria de quem «semeia e cria», cobrindo-se de searas, de pastos, de gados. Nas suas lezírias ribatejanas, chatas, verdecidas, intérminas, acolá e alêm mescladas com manchas cinzentas, alazãs, ou negras, de rebanhos de carneiros, de manadios de touros bravos, de récuas de cavalos; — nas suas lezírias vive o campino, em pleno ar livre e sob o sol criador que lhe tisna a face dura, de suiças curtas, as mãos sêcas, e lhe enrijece a alma decidida. Montado na sua esperta

faca de maioral, de aparelho almadrixado com a pele de cabra preta de quatro unhas pendentes; esporas de latão correadas em sapatões de bezerro cru, de saltos à prateleira, fincados nos mouriscos estribos de pau com chapas de ferro brunido; calções azuis de alçapão botoado de amarelo; meia branca até ao joelho; jaqueta brichenta de remendos negros e alamares de prata; cinta vermelha; carapuça verde com debrum encarnado; e ao ombro o pampilho ferrado e longo do comando; — o campino, bem montado, galopa, de sol a sol, a lezíria dilatada, garranchando potros folgados e garraios ariscos, que se afastam da manada ou se estremalham na várzea.

Êste é o rijo português das touradas, que, nos redondéis sòlheiros das vilas brancas da borda-d'água, e nas cidadezinhas transtaganas, rabeja, com mãos de aço, um touro escouceador, ao tempo que outros forcados sobraçam pela cernelha o bicho vilão, parando-lhe os pi-

notes, estacando-o à fôrça de pulso; e quando na bancada o clarim belicoso ordena pegas de cara, êste campino sabe atirar-se intrépido para o touro, depois de encarar nêle resoluto, e lhe bater à cabeça duas palmadas decididas, desafiando-o, empinado, a peito descoberto, à cornada mortal, que, afinal, medido o arranco do animalejo, apara em falso, caindo-lhe, airoso, entre os cornos negros, sobraçando-lhe o pescoço a que se agarra. E emquanto, depois, o touro, no desespêro das ferroadas de fogo das farpas sangrentas, volteia a praça, vexado, esbofado, com a língua negra de fora, os grandes olhos agoniados de raiva, as narinas abertas, a bôca hiante a remugir fúrias; — o destemido homem, sorrindo, bom rapaz, para a multidão frenética, que, em pé, o vitoria com estrépitos de palmas, limpa as mãos sujas de sangue à carapuça verde, sacode o pó do fato, e, na modéstia dos valentes, agradece com simpleza e acanhamento, como

se nada merecesse — ¡ êle que acaba de jogar uma cartada com a morte!

O baixo Alentejo é uma charneca ardente condenada, na sua infieldade sarracena, pelo deus do Islão, ao inferno da sêde eterna. Sob a brasa velada de um sol candente, nessa árida planície longa a perder de vista, igual na côr, monótona nas linhas, silenciosa, tristíssima, mas grande e nobre, anda a alma penada da charneca, arquejante e desesperada, nas lufadas de fogo, que passam calcinadas, a fender o solo aspérrimo, a estalar a casca dura dos negrilhais, a causticar a ferida sangrenta dos sobreiros descascados de fresco, a crestar as raras flores, a queimar as fôlhas das estêvas e dos azinhos, a atirar ao chão, em síncopes de asfixia, as pêgas e os trigueirões que, emboscados nas moitas dos medronheiros, cantam a mêdo, com gargantas sêcas, seus pios de mágoa... ¡ Torrão de ferro sob o calor do Inferno, aí o cavador é Dor!

O Algarve, coberto de amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras, piteiras e espartos, lá no fundo do Portugal, debruçado, para além do mar de cobalto, sôbre areais africanos, é terra moura, ardente, palreira e comunicativa; e tão branca de cal que fere os olhos, e de céu azul ferrete tão luminoso e alto que em semelhante côr de bênção a vista se alaga, se apazigua, se dilata; e, rezando, deliciada na doçura religiosa dessa tinta divina; — ¡ rezando, ascende ao Infinito!

*
* *

Eis as velhas províncias dêste velho Portugal. Elas teem as côres do Arco-Íris: o Minho é verde tenro; o Douro fragoso, violáceo; as Beiras dos olivedos, polvilha-as o verde mesto das cinzas peneiradas; a Estremadura ribatejana é um poente alaranjado; o Alentejo é todo amarelo; e o Algarve,

todo azul, com chapadas de cal, por entre o verde-negro das figueiras.

No norte e no sul o pintor enche a paleta de branco, de verde cru, de azul; no centro de verde sombrio, e de violeta.

A luz do norte e do sul é um clarim; a do centro, um violoncelo. Nos extremos, metais; no meio, cordas.

O Minho é uma horta; o Douro, uma serrania; Trás-os-Montes, montados; a Estremadura, uma lezíria; o Alentejo, uma charneca; e o Algarve, um pomar. Aqui, a couve e o milho; ali, a vinha; alêm, o centeio; acolá, o trigo; lá em baixo, a amendôa e a alfarroba.

O homem do norte vive no seu quintal; o do sul, na campina. Um dobra-se sôbre os quatro palmos da sua terrinha e, porque esta lhe basta, trabalha a cantar e morre a rezar. O outro estende a vista pela lezíria dilatada e a sua alma enche-se de ânsia e de sofreguidão. Aquele é calmo; êste, agitado.

A leira húmida e solhosa pede um

laborzinho cuidado; a planície calcinada exige mourejar violento. Uma terra convida; outra impõe. O lavrador cá de cima, quando não chove, faz promessas às santas e aos santos; o lá de baixo, nas inundações e nas secas, pragueja. Aqueles lêem cartilhas; estes, jornais. O povo do norte tem os pés num relvado; o do sul, num vulcão.

No norte, a propriedade é de muitos; no sul, de poucos. Esta, em latifúndios, atrai colonos; aquela, dividida e subdividida em leirinhas, lameirinhos, pinhaizinhos, atira com o dono, quando moço, para a emigração. As quintas no Minho cabem na palma da mão, e medem-se com os olhos. No Alentejo, a vista não abrange as herdades que se avaliam galopando-as a cavalo, durante horas. Na leiva, há lavradores pobres e remediados; na charneca, abastados e riquíssimos.

No norte, o povo ajunta-se em magotes e lá segue de longada, bailando e cantarolando, sob a luz crua que

bebe a côr fulva das estradas e azula as sombras dos beirais e dos lenços brancos das cachopas. Suas cantigas ressoam nos outeiros, e os estandartes das suas rusgas ou das suas procissões teem de se dobrar por debaixo das latadas verdes de cachos maduros e sob as copas das velhas carvalheiras que, pendentes dos valados, mancham os caminhos amarelos de sombras violáceas. No sul, a charneca longa e exaustiva, cria a caravana silenciosa; e no ar, limpo de árvores, o vento freme os panos das bandeiras insofridas, aos berros — em revolta.

O norte usa chapelão negro, calado e triste; o sul, carapuça garrida de côres, e agitada pelo vento. O minhoto acompanha-se de um cão; o serrano, de rebanhos; o transtagano, de manadas.

Nas conquistas, para baixo do Mondego, guerreou-se; para cima, guerrilhou-se.

Os santos são do norte; os poetas, do centro; os navegadores, do sul.

Cá em cima, os galaicos misturaram-se com os astúrio-leoneses; lá em baixo, os lusos cruzaram-se com os mouros.

Aqui, árias; ali, semitas.

Meio país é celta; outro meio é árabe.

Portugal tem dois portugais distintos, que deviam de viver separados — sôbre si, embora unidos numa só fôrça para as acções comuns. As raças são, alêm de côres diversas, luzes de sentimentos diferentes para os povos se saberem guiar e agrupar em volta delas; e as serras e os rios, muros de terra e balizas de água a delimitar regiões e nações: — deuses Térmos que ensinam política aos homens.

*

* *

¡Como Portugal é vário e vivaz, pitoresco e lindo! Tem de tudo: outeiros e montanhas; serranias e planícies; cachoeiras e ribeiros; píncaros alpinos e

rias holandesas de terras salgadiças sulcadas de canais de águas quietas, entre arrozais e salinas, onde florescem as velas brancas dos saveiros; tem jardins como a Itália e pomares como a França; tem matas espêssas e mar chão; tem, em Setúbal e Lagos, baías de águas azuis como as de Nápoles, e ilhotas de fraguedos de ouro e de escarpas de fogo e violeta, como, ao poente, os perfis metálicos de Ísquia e de Capri; tem, na costa da Areosa, veigas chãs de trigais e milheirais que se estiram até à babugem das ondas, criando o perfume novo do feno dos campos misturado com o do sargaço dos mares; tem, nos estuários do Lima, do Cávado e do Sado, ao sol, as pedrarias das águas venezianas, que ensinaram scintilações de maravilha às pupilas dos Tintoretos e dos Veroneses; e, em noites brancas, as brumas misteriosas das terras flandrinas, para os sonhos do luar nevado; tem no sul a luz quente das Espanhas, para o reboliço colorido

das touradas sòlheiras e agitadas; tem no norte luz escandinava para romarias pintalgadas de côres vivas, tilintadas de repiques de sinetas alegres, e rumorosas de descantes ao desafio, de bródios, de danças, de cornetas de barro, de gaitas de foles, de harmónios e requintas, de pregões, de gritos, de morteiros a troar, de foguetes a estrelejar. O sol é cobre candente e o luar escorre a luz das porcelanas aniladas que nos vieram da Índia. Os pinheirais cheiram a caruma brava; os montados, ao acre das giestas; os campos, à terra lavrada; as leiras, ao bafo dos bois; e a costa, à babugem húmida da maresia e dos sargaços frescos e sadios.

Portugal, proa da Europa, que sulcaste mares «nunca dantes navegados», e descobriste, para além das névoas, remotos mundos de florestas verdes e virgens, de rios de safira, de palácios e pagodes, de ouro e pedrarias; Portugal de santinhos meigos, de fidalgos liais, de troveiros galhardos,

de soldados destemidos, de mareantes audazes, de lavrantes primorosos, de lavradores humildes; campo sòlheiro de pão; jardim de cravos, girassóis e camélias; terra de lendas, de história heróica, de soberbas glórias; Portugal da aventura, da paixão e da saùdade; — Portugal, meu amor, ¿quem te não estremecerá?

Terrinhas e cousas portuguesas

Os de corações claros, que, já homens feitos, deixam suas aldeias e abalam para as cidades, alêm de jamais se aclimarem lá, cedo se fartam, pronto se enfastiam. Os prazeres vivos cansam de-pressa; os postiços dos citadinos aborrecem; sua mentira inquina; sufoca seu àr falso. As caras desconhecidas das capitais são agressivas; as das aldeias, comunicativas. E porque nas cidades as almas se encobrem nos refolhos da hipocrisia e se disfarçam em aspectos sorridentes, em palavras gentis, em maneiras corteses; a terra que se pisa

é sempre coberta de pedras ou cimentos; as árvores poucas e anémicas; e o céu azul mal se vê, às nêsgas, por sôbre as ruas de aglomeradas casas altas; — as almas dos idealistas começam a sofrer fomes e sêdes de se deparar com rostos lavados, com corações abertos, com horizontes distantes, com firmamentos infinitos. Querem-se entre justos e bons para se clarearem nas purezas da verdade; querem respirar o ar alto onde vivem as àsas, onde os fumos se dispersam livres. Subir, luz — sonhar!

E nunca os espíritos de entendimento honesto, os corações cegos de bondade, e a Natureza franca ¡atraíram tanto essas almas ansiosas! Então, puxa por nós um tão imperioso gôsto pelas cousas simples do campo, que a nossos olhos tediosos, o chão nu das azinhagas, um caminhozinho esteirado de sol através de pinhal violáceo, ou carreiro tufado de erva moleirinha e de miosótis bravos, à borda

de fresca levada, valem mais — muito mais! — que, nas grandes cidades, «boulevards» ladeados de pompas de palácios de colunatas soberbas, entre pelúcias de relvados caros como sêda, arbustos exóticos e flores de luxo de mais valia que o ouro.

Quando uma vez deixei Lisboa (êsse outro Portugal lá de baixo...) meus olhos e meus ouvidos vinham tão sôfregos de almas francas, de feitios rasgados, de bondades prontas; e, ao mesmo tempo, tão ávidos de aspectos novos, pitorescos, imprevistos, ante os quais as pupilas riem e o coração chalra, que logo êles se agradavam e se prendiam de tudo onde houvesse uma réstea daquela escassa candura dos simples, daquela aberta franqueza das caras confiantes em que os olhos ouvem, e daquele modo de ser característico que os velhos das províncias inconscientemente herdam, com apêgo guardam e com respeito conservam.

Assim, em antigas igrejas, assistir, entre rústicos, às suas práticas religiosas, cheínhas de fé; nas feiras minhotas, ao trato desconfiado da mercancia manhosa e esperta, trocada em dizeres de reserva e de argúcia; nos arraiais, às alegrias estouvadas dos magotes de romeiros, ao seu verdasco bulhento mas cordial; aos derriços com suas cortesias de amor, feitas de distância, de silêncio, de meias palavras comedidas, de gestos canhestros, de olhares em terra, de sorrisos voltados para o chão; e nas fitas das estradas beiroas, de aburelado pó, trocar cumprimentos, de chapéu e de mão, com gente desconhecida, lhana e respeitosa, que, se merenda, nos oferece, boamente, das suas azeitonas, do seu chouriço, da sua borracha túmida do encorporado e quente Dão.

Já meus olhos se interessavam, fôsse do andar musical da airosa aveirense, alta e delgada, com seu chale de merino preto, que lhe molda os ombros de

ave e as ancas estreitas, fôsse do seu lenço de sêda branca, que ela aconchega aos bandós dos cabelos negros, e à volta do rosto e do pescoço, em jeito de coifa catalã. Depois, vinha a saia rodada, o jaqué, escuro, com vidrilhos, e o chapelinho preto da ovarina de trajes tristes, nascidos dos nevoeiros da costa, que nas pupilas mansas amortecem o gôsto das côres vivas, voltando sua estima para as tintas mestas. Ao norte, os berros das saias encarnadas e dos fartos lenços franjados, amarelos, com largas ramagens verdes e vermelhas; das algibeiras e dos coletes de lentejoulas de prata sôbre debruns de veludo negro; das chinelas, em bico, de verniz brilhante, pespontadas de retroses brancos e azuis; — trajes estes usados pelas vianesas da terra da luz intensa e das águas espelhantes de um rio espraiado e manso, onde as côres se miram, garrem, coruscam e a si próprias se esmaltam, se enaltecem e se cantam.

Agora chamam-me os olhos, de longe, as rocas estremenhas rameadas de pinturas alegres, e as rocas mirandesas de miúdos lavores; as chaminés de cal, abertas sôbre o azul esmaltado do céu alentejano; os arreios pintalgados dos machos de Trás-os-Montes; e as proas recurvas e bicadas, com pinturas, verdes e amarelas, de flores e figurinhas, das bateiras de Espinho e dos moliceiros de Aveiro. ¡Que lindos são os alforjes mouros, de raias encarnadas ou amarelas em fundo negro, de raias azuis ou cinzentas em fundo branco, dos burricos beirões; e as largas colareiras de campainhas, com muitas fivelas de latão e pendentes, dos pesados e pretos bois durienses! Curiosa, a tosquia lavrada das ancas das mulas de tiro, do sul do Tejo, a tilintar esquilas de cobre pulido; as molhelhas cuiadas dos bois do Alto-Douro; as mil côres e os mil desenhos dos religiosos e supersticiosos jugos minhotos, vazados de arabescos, entre signos pagãos e cruzes

cristãs, nascidos de ingénuos corações em fogo, a dizer que na vida latina a existência se gasta a rezar, a cantar, a amar. O barrosão com a sua crossa de palha; o marítimo apuliense com suas branquetas de baeta grosseira, pernas nuas, a meter-se pelo mar dentro, ao sargaço, fazendo — toureiro do mar — saltos de vara larga com o pampilho das altas gravetas de dentes de ferro; o pastorzinho alentejano, mesmeidamente vestido de avelhuno, com sua samarra de rabicho e seus safões de pele de ovelha, chapeirão, botinos, capotilho e cacheiro, e, a tiracolo, seu tarro de cortiça para migas de leite — êle, ajuda certa do maioral na guarda do bardo com seu cabresto, ovelhas e cria.

¡Que pitorescas estas cousas não são!

O modo de ser especial da nossa religião e do nosso amor, da nossa alegria e da nossa tristeza interessavam-me penetrantemente, no apêgo comovido que há em nos ligarmos às cousas íntimas

da velha família portuguesa. Tudo que fôsse nosso, nas tradições das almas e das cousas de senhorio antigo, dizendo história e aspectos de beleza que êste canto de Portugal afeiçoou e caracterizou; — tudo (e tantas cousas há em terras lusas, desde os prados do Alto-Minho às charnecas transtaganas, dos fraguedos do Douro às várzeas beiroas) — ¡tudo me chamava os olhos, me encantava o espírito, me prendia a alma!

*
* *

Manchas de paisagens; casais antigos e nobres; noras chiadeiras sob alpendres de telhas velhas de quentes coloridos; espigueiros vermelhos; caiados pombais; moinhos a bracejar no ar e rodas de açudes a sarilhar na água; as «alminhas» brancas das encruzilhadas, com seus beirais encarnados, sua lâmpada, seu animismo e seus Padre-Nossos; a cruz negra na borda das

estradas; o cruzeiro dos larguinhos aldeões — símbolos que dão religião aos caminhos, às esquinas, aos rócios e aos cerros, espiritualizando a terra e o ar pelo sentido bento da sua devoção — tudo, tudo me interessava.

Então veio-me à idea percorrer todo o meu lindo país, no que êle tem de modesto, visitando miúdas cidadezinhas arredadas, vilas, aldeias, povos; praias ignoradas, rios pequenos que não veem no mapa, ribeiros que só as lavadeiras conhecem; montados, vales curtos, pinhais melancólicos; lameiros de terras fundas, leiras de terras sêcas, lugarinhos humildes em que ninguêm repara, de que ninguêm fala — comedidas cousas que todos julgam de pouca monta e desprezam.

Ouvir cantigas de amor, joviais ou magoadas, à moça de lavoura; à rapariguita que anda com os bois; à poveira trigueirinha, compondo suas rêdes; à barrosã apolainada de briche e coberta de capucha, a olhar por seus rebanhos;

ou à crasteja montesa de Laboreiro, tecendo sua teia de aspérrimos tomentos. Entrar em sombrias cozinhas sertanejas para estudar, na lareira, a chama grave das raízes dos carvalhos, a viva das cepas, a azul e alacre das pinhas resinosas; e ouvir contar ao esmorecido borralho, sob fumeiros, longínquas histórias e casos que êle ouviu, dobados pelo tempo e sempre acrescentados de pontos pela imaginação das gentes maravilhadas. Conversar com arcazes de velho castanho, cheios de bragais cheirosos a alfazema e a camoesas, que conhecem o viver íntimo dos casais remediados. Ao redor das igrejas caiadas, trocar pensamentos com soitos de sobreiros — gente de bom conselho. Subir degraus cavados e pisar adros poídos onde se tecem os primeiros fios — os melhores! — da ilusória teia do amor; por onde passam noivas coroadas de capelas, revoadas de baptizados festivos, e caem, em tardes tristes, ao dobrar de sinos chorosos, os pingos de

cera dos saìmentos fúnebres, que se arrastam pelas azinhagas das aldeias de valados côncavos a ressoar as lástimas do cantochão.

Fazer conhecimento profundo com as grandes e velhas árvores carregadas de anos — de alegrias e de tempestades. Escrever-lhes a biografia, tirar-lhes o retrato na luz da madrugada, na do meio-dia, na do sol-pôsto; na primavera, quando elas sorriem; no outono, quando choram. Conviver com elas, «ouvir-lhes as vozes», como dizia Rousseau — aquele pintor de Barbizon.

Visitar santos a que tanta gente tem rezado: uns, gordos, bondosos, bonacheirões, á quem tudo se pede; alguns de maior respeito, para as grandes dores da alma, como a traspassada «Senhora dos Aflitos»; outros de mais confiança, como a «Virgem das Graças», moça bonita, risonha e ourada, a quem se apegam, sem corar, as raparigas ainda as mais timoratas, como se ela fôsse da sua igualha e corrente-

mente lhes entendesse o feitiço dos seus amores gostosos e desassossegados. Ouvir pela noite fora o latido zeloso dos cães de guarda, e, ao amanhecer, o clarim dos galos cantadores; entrar em ermidas, de altares pobrinhos, onde se reza, na primeira hora do dia, entre lusco e fusco, a «missa das almas»; ouvir pêgas nos pinhais palrar matinas; e subir a brandos outeiros para ver romper o dia em tintas virginais.

*

* *

¡Depois, eu amo tanto a minha língua, esta nossa querida língua portuguesa! — fidalga de nascença pelos pais, cedo emancipada e logo rica, modesta no aspecto, dada no trato, grave no som, sóbria na tinta, gentil de linhas, e por ser desembaraçada de partículas inúteis, precisa nos conceitos, rápida nas máximas, evidente nos contrastes; e ao mesmo tempo cândida

para bucólicas, terna para lirismos, altiloqùente nas estrofes das epopeias sonorosas, esquiva no diálogo curto, avolumada no discurso lento, sacudida no remoque vivaz do termo popular, e culta em pausada escrita de humanistas; — eu amo tanto a minha língua, que era meu regalo, depois de bem a ler nos velhos mestres, apurada e saborosa, mas serena e fria, ir ouvi-la ao ar livre, por essas províncias fora, falada, cantada, rezada, à gaia gente da planície, à triste da borda-mar, à meditabunda das serras, à humilde dos povoados esconsos. Com que gôsto vou partir para a aprender, ouvindo-a, arejada e lial, da bôca livre do povo, onde espontâneamente acodem termos incisivos e esbeltos modos de dizer, adivinhados pelo faro do instinto ao chocarrear truanices, ao estilhaçar francas alegrias escantilhadas, ao soluçar dores aflitivas que desmancham os gestos e a figura, ou a espasmam em tortura muda — dores que apunhalam,

sufocam e matam. E porque as línguas, como tudo, de contínuo se transformam com as necessidades crescentes solicitadas pela vida em movimento, num dinamismo revoltoso mas vivificante, que só o justo saber e o bom gôsto policiarão com a índole da própria língua e as belezas estáveis que a tradição nela afinou e afincou;—essas locuções e essas estruturas novas, pela viveza e pelo imprevisto da factura, dirão, de maneira subtil, no corte, no colorido e no ritmo, o que de raro houver a dizer nesta inquieta era de arte, exigente de expressões fulgurantes. Se tal acôrdo se der, entre o passado fidalgo e o presente moço—entre o sábio que a fixou, o povo que a desdobrou e a vida moderna que a agitou—o génio da língua ficará íntegro; sua tradição, honrada com fidelidade; a linguagem, escorreita; o estilo, limpo; a estrutura, reforçada no movimento e brincada na graça; e a expressão, irisada de mil facetas e aparelhada para

tudo dizer e mostrar. E assim engrandecida esta admirável língua antiga e moderna, escrita por letrados, oralizada pelo povo, lesta e gentil, rolará nos tempos, sempre pura, mas mais robusta, mais ágil, mais bela.

*

*   *

A lei artística da prosa segue a lei natural da vida bela: eterna harmonia na eterna variedade. Cortes redondos ou esquinados, movimentos rápidos ou lentos, tintas esbatidas ou cruas, ritmos brandos ou vivos (tudo envolto em melodia e ao sabor de cada temperamento) andam com a beleza que a Natureza oferece ao artista que a vê e a revela. Um ascender de lua-cheia dourada, por entre ramarias invernosas; tempestades de ventos e de chuvas a esfuziar e a bramir; horizontes puros de mar chão, ou contorsões de penedias a pique sôbre abismos fatais; tri-

los de aves ou roncos de feras esfomeadas; um fio de graça num sorriso amante, ou angústia muda de homem desventurado que nem chorar pode; a luz cândida do amanhecer, ou a caligem das noites tenebrosas; — são temas diferentes que se dizem com músicas e linhas e tintas diferentes. E o recorte das frases deve ser preciso ou vago, conforme o que se expressa tem o vigor da nitidez ou a magia do mistério... Assim, a prosa será movimentada ou quieta, branda ou forte, nervosa ou calma, abalada ou lenta, e os períodos grandes ou curtos, redondos ou esquinados — boleados ou facetados. Um recanto de sombra bondosa, feita pelos ramos pendentes de velho olmo desraìzado, que, da margem esmoroada, se dobra sôbre a água verdecida e trémula de humilde ribeiro — lá, longe das cidades, no fundo de uma terrinha ignorada, pinta-se com aguarelas de palavras brandas e de imagens frescas; e o sorriso justo dessa

luz de paz diz-se no ritmo de um período boleado em curvas afagadas. Mas, à beira-mar, uma tempestade, ondas de ódio verde, antigo, entumecido, a arremeter, a espedaçar-se de encontro aos rochedos impassíveis da costa; o vociferar dos vagalhões — explosões de espuma, jorros ao ar; depois, novas ondas, novos rancores, raivas vencidas, cuspinhando para o céu, roncos, imprecações eternas, a rugir; — tal ódio, ora ondulado como cobra, ora títan arremetendo contra muralhas; semelhante fúria mostra-se em ritmos avolumados, ritmos sacudidos, bruscos, raivas entrecortadas, aos uivos, às blasfêmias — a rebentar.

A natureza — mestra antiga e moderna — contêm todos os ensinamentos; e porque ela é sempre a mesma e sempre diferente, são infinitos seus ritmos novos, suas côres ainda não conjugadas, seus sons por contrapontar,

suas linhas a estilizar. A beleza da Natureza — sorriso de Deus — é eterna como Deus.

*

* *

Confio no ensino dos campos. Ah, ¡tivera eu sido homem de lavoura que talvez chegasse a ser homem de escrita!, pois tenho para mim que, nesta linda terra de lavradores, mais se aprende, para bem modelar um período, a ver bolear medas em eiras solhosas; ou, para cortar prosa, melhor nos instruímos vendo a relha do arado sulcar regos em belgas para milho, braços graciosos podar árvores ou deboiçar, a golpes certeiros, um pinhal emmaranhado e sonoro; — do que a estudar gramáticas ou a ler puristas. A lialdade do campo enrijece o carácter da escrita; seu ar lavado, firma-a nítida; sua boa-fé, torna-a lisa e lhana.

Pudesse eu escrever uma prosa chã como as eiras, arejada como os espi-

gueiros, irrompida da própria terra, com imagens directamente insinuadas por ela, com ritmos vindos dos ritmos que nos dançam debaixo dos olhos: — do do gesto abençoado do homem que semeia; do do vigoroso rachador de lenha; do do honrado cavador de enxada; do da braçada do ceifador; do do meigo andar peneirado da mulher caseira, tôda ela empenhada no meneio da casa; do do esbelto corre-corre da varina airosa que, afeita a caminhar na areia, pisa, nos bicos dos pés, léguas de pó, para ir vender, distante, o peixe de prata e fresquinho que se acama na sua canastra de vêrga de ouro.

E tudo isto ensinaria à minha arte cadências novas, como àquele Alcman da Lídia antiga, que aprendera o ritmo de seus versos no passinho lesto das perdizes dos montes de Sardis.

O rebentar da resina com o primeiro sol de Abril; o vento duro nos folhudos eucaliptos; a brisa, a fumaçar no

centeio; o fugir medroso das águas novas; o cachão das nascentes; o pingar dos ramos sôbre fôlhas desiludidas pelo Novembro chuvoso, teem harmonias suaves, que põem nos ouvidos a música dos justos acordes. E' sóbrio o perfume da roupa branca a corar; e o do pão quente a sair do forno. A mancha verde-montanha das copas dos pinheiros mansos unida à dos chãos violáceos; a moita verde-húmido de um carvalhido fresco pôsto em céu retintamente azul ensinam tonalidades de frases que os gramáticos ignoram, como não há, nos exemplos das selectas, modelos de másculas elegâncias que valham êsses súbitos golpes vistos em terras escarpadas, brandidos pela mão da Natureza potente e graciosa.

*
* *

Eu devia, devia à minha terra esta romagem de emoção às suas cousas

lindas, feita com piedosa estese. Necessitava de me recolher diante dela... Quem medita, penetra. Amar é entender. Só a argúcia da poesia vê a verdade bela. O mais pequeno trecho de paisagem, para ser bem compreendido, e, portanto, amado, precisa de ser visto de frente, de perfil, de escôrço; na luz do sol nado, na do sol robusto, na do sol morto; na primavera, quando as ervilhas dão flor; no estio dos frutos, de claridade farta e pulverizada; no outono cristalino; no inverno, sob as chuvas que o açoitam, por entre os nevoeiros que o velam. Exaltado, quando a luz o enche; meditado, quando a sombra o cobre. A terra é um corpo musical de mulher em quem luzes várias revelam belezas de novas auroras e de novos crepúsculos; — e a luz, que é feminina, como a própria mulher, entontece as pupilas com imprevistos coloridos não sonhados.

Vou partir para ver a minha terra;

e vou à ligeira, escoteiro, sem malas civilizadas, sem livros instrutivos, sem programas antecipados, — mas de espírito fresco e alma virada à luz e aberta à beleza. Livre, ùnicamente uma condição me imponho: — ir só. O silêncio é inventivo; o insulamento, anunciador. Irei só, para, na solidão, ouvir as vozes dos montes, das árvores, das águas paradas... Só, para que a minha alegria se felicite com o riso da vida dos campos; a sua fôrça me dê fôrça; a sua simplicidade, ternura; a sua lialdade, confiança; a sua paz, bondade. Só, para que a minha melancolia se dulcifique nas lágrimas mudas das dores das cousas, e o meu sentimento busque companhia no seu sentir, lhes ponha o ouvido no peito, as perscrute, as penetre, e, ferindo-se nas suas mágoas, as entenda, pois só a dor nos diz o melhor que somos, só a dor nos ensina a ver o melhor que existe.

*

* *

Ir só!

Melhor que a companhia da soledade, só a do meio silêncio eloqùente de uma alma de mulher, de haste vibrátil e meiga, que, inclinada sôbre a Natureza e embebida na luz do céu e nas côres dos cerros e das campinas, colha em si ora a graça ora a mágoa das tintas e das linhas das paisagéns, e de si irradie a substância dêsse sorriso ou dêsse esmorecimento, transformados em beleza e postos em arte pela visão feminina dos seus instintos sentimentais, gentis e doridos.

A mulher e a Natureza são portadoras dos segredos do amor e da criação. E dêstes mistérios, frente a frente, a meditarem-se, a penetrarem-se um ao outro, sobe a claridade divina que alumia a vida, desvenda as intenções da Natureza, define os sentidos do amor e justifica o belo.

¡Oh almas da soledade e do silêncio; oh almas religiosas de mulheres portuguesas, feitas só de carinho, ensinai-me a ver e a sentir as serras, os montados, as ramalheiras, os lameiros, as courelas e as areias de ouro dêste velho reino de Portugal!

BRAGA ANTIGA

A procissão dos fogaréus

Aqui há uns cinqùenta anos, ao meio-dia de Quinta-feira Maior, Braga entrava em silêncio. Calavam-se os sinos nas tôrres, os relógios não batiam horas, eram a meia voz os pregões nas ruas, a garotada assobiava a mêdo, e às crianças proìbia-se-lhes o riso e o canto. Nos botequins cobriam-se os bilhares, guardavam-se os baralhos das cartas, as pedras do dominó, as bogalhas do quino, os dados e o taboleiro do quizilento gamão — porque era sacrilégio tôda a espécie de jôgo nesses dias de luto re-

ligioso; e se em torvos recantos de tavolagens gordurentas, alguns impenitentes viciosos do monte, arriscavam, de alforge à quina de espadas, uns míseros patacos carimbados, logo bôcas beatas resmoneavam com azimuada repugnância:

—¡Aqueles estão jogando a túnica de Cristo!

Um negro silêncio, como cerrada nuvem qne descesse e abafasse a cidade, entenebrecia tudo. Havia crepes no aspecto das casas e das ruas; na austeridade dos trajes; na fisionomia das pessoas; no recolhimento dos gestos. As senhoras não usavam jóias, e os fidalgos, deixando suas caleças, saíam a pé. O comércio fechava meias portas e não tirava os taipais. Calava-se, nas casas em construção, o chiar das roldanas e a melopeia dos pedreiros a içarem cantarias; e tambêm se não ouvia nas ruas a gaita do bota-gatos, as campainhas dos machos liteireiros, o solavanco dos carros de

bois, o bater sonoro dos tanoeiros e o tintinar dos martelos de aço na bigorna dos ferradores das ruas das Águas e dos Chãos. Nalguns lares não se acendia lume; e nos corredores dessas casas piedosas tudo era cheiro a flores e a cera, e um formigar de mulheres a dispor jarras, a enfeitar oratórios, acendendo velas bentas, indo e vindo em passadas moles, o corpo caído para a frente, o lenço do luto nos bandós colados à testa, nas faces chupadas o jejum dos quarenta dias quaresmais, os olhos pestanejando de cansaço, e no fio dos beiços sem côr o bichanar miúdo de centenas de Padre-Nossos e de Avè-Marias, ciciados automáticamente.

—¡O Senhor estava morto!

Ao princípio da tarde, os sineiros batiam matracas nas tôrres, chamando padres ao côro; e pouco depois, homens vestidos de preto, mulheres recolhidas em mantilhas e senhoras com sevilhanas nos penteados altos, saíam

de suas casas para visitar igrejas — sete — e em cada uma delas deixar a reza pesada de uma «estação»: terminavam na Sé, assistindo ao ofício das Trevas, acocoradas, como carvões de Goia, nos degraus sombrios dos altares laterais da velha catedral. Anoitecia, e, recolhendo cada um a suas casas, as ruas ficavam desertas e na cidade às escuras pesava o ar duro de contrição.

— ¡ O Senhor estava morto!

*

* *

Noite cerrada, saía da igreja da Misericórdia a procissão de Endoenças, que significava a visitação da Irmandade às sete igrejas, aproveitando-se o cortejo para penitência de cristãos que públicamente quisessem mostrar o seu arrependimento, nesse dia de dor, comemorativo do derrame do sangue de Cristo. Pouco a pouco, apagadas tô-

das as luzes no interior das casas, as varandas e as janelas de rótulas iam-se enchendo de figuras escoadas a mêdo na tinta da noite.

Mas já ao longe se ouvia um estranho vozear de multidão e se viam incertos fogachos de lumieiras, a agitarem-se, sinistros, na treva espêssa: era a ronda dos fogaréus — temido bando popular, precedendo a procissão, que, imagem da canalha farisaica na traidora noite de Iscariotes, tinha a essa hora, de severas contas, o inaudito direito de acusar uma cidade inteira, pronunciando em voz alta os crimes de cada um, não só os divulgados, mas ainda os ocultos à maioria das pessoas — ¡de lhes pôr a vida ao sol! ¡Era a devassa pública organizada em instituição local!

No meio de homens, vestidos com a túnica dos penitentes, a cabeça em elmos de viseiras cerradas, a empunhar varapaus suspendendo tigelas de ferro com fiados de tomentos e pinhas en-

graixadas em bôrras de azeite e sêbo, a arder no meio de cabeleiras de fumo, metiam-se catervas de indivíduos de tôdas as classes, embuçados e disfarçados, que, atravancando as ruas de lado a lado, se serviam dessa noite de carnaval infamador para atirar à cara das pessoas que estavam nas janelas, por entre roncos de buzinas, assobios, vaias e gargalhadas, insultos desabridos, calúnias vilíssimas e denúncias imprevistas, impregnadas de perversidade.

Era o conluio das almas disformes: Umas — as de ruindade amável — a saborearem, serêna e demoradamente, entre risinhos de volúpia afiada, o prazer infernal de ver sofrer, sofrer alguêm; as de ruindade dura em faces amarelas e arrepanhadas que não sabem rir, porque todo o riso da linha afeleada da bôca se enviesa num esgar malévolo. Outras — a dos invejosos — entumecidas de rancores, esverdinhados como bílis azêda e refervida, que

lhes agonia a garganta e lhes estaramela a fala, numa raiva feroz de morder, de dilacerar as carnes dos seus inimigos que haviam cometido o crime de serem felizes na vida!

As paixões partidárias locais tinham criado atmosferas irrespiráveis de ódios espessos. Em vinte, entre liberais e rialistas; depois, entre malhados e corcundas, entre chamorros e mijados; mais tarde, entre regeneradores, cabralistas, e históricos. E tudo contribuía a fermentar o fundo mau dessas almas agitadas, que aproveitavam a noite negra, o capuz dos farricocos, o embuçamento das golas altas dos seus capotes de três cabeções, e dos seus chales-mantas, para, com voz disfarçada em falsete de máscara, vir jogar insultos e vomitar represálias.

Proletários que jamais alcançaram a riqueza sonhada; beleguins politiquetes que se viram preteridos no emprêgo ambicionado; maridos ultrajados a regozijarem-se na denúncia de ultrajes

semelhantes aos seus; doentes a quem a saúde dos mais incomoda; amorosos roídos de ciúmes; orgulhosos mordidos de despeitos: criaturas revoltadas contra tôda a ordem que as peia e contra tôda a justiça que as não favorece; partidarismos absorventes e facciosismos cegos; muita voz de fome, muito grito de desgraça; miseráveis assalariados por outros maiores miseráveis que, cobardes, ensinavam os insultos; —todos se amaltavam, nessa noite trágica, numa solidariedade de ódios, de infortúnio, de miséria, a desafogar suas dores desesperadas, dilacerando, com delações ou calúnias, as almas delinqùentes ou inocentes de uma cidade piedosa.

Roubos praticados em confrarias, e até êsse dia desconhecidos; heranças descaminhadas; mancebias escandalosas; tramóias clericais; conluios políticos; adultérios aristocráticos e plebeus; amores de padres e amores de freiras; negócios de usurários; desa-

venças domésticas; suspeitas calunio-sas; ditos de intriga; tudo o que se sa-bia, tudo o que se dizia, ou tudo o que a maldade conjecturava, era apregoado em frente das casas, e cara a cara dos delinqùentes, em palavrões desboca-dos, por essa voz de trovão, que es-trondeava no bôjo do bando anónimo —monstro infernal feito das almas da Insídia, da Infâmia, da Calúnia, da In-veja e do Despeito.

Das goelas da bêsta desavergonhada e perversa ressoam urros como estes:

—«¡Seu agiota, restitua à viuva de fulano o dinheiro que o marido lhe deu para guardar!».

—«¡Doutor da Mula-Russa!, ¿não sentes que o chapéu te não cabe na cabeça?».

—«Senhora Dona fidalga, ¿que nome pôs à enjeitadinha?».

—«¡Seu ricaço, veja se morre, que o herdeiro anda danado por isso!».

. . . .

As palavras eram punhaladas direi-

tas aos corações. O monstro mirava e acertava. Êsses morcegos da calúnia viam perfurantemente na noite espessa.

¡E as labaredas dos fogaréus, passando à altura dos primeiros andares, iluminavam desfiguradamente a palidez daquelas faces apavoradas, inquirindo, nos golpes que a revolta e a vergonha nelas rasgara, os efeitos das difamações ou das verdades denunciadas!

Tudo se dizia! ¡Era a calúnia mascarada; a carta anónima em pregão; a surdina do mexerico em voz reforçada; a barrela pública das mais íntimas porcarias; a trágica revista do ano feita às consciências pelos maldizentes de ofício, pela gente vingativa, pela ralé inculta e de má índole! Aqueles maltrapilhos morais — súcia rancorosa ao serviço da deusa Vingança em acção — tinham, nessa hora, a autoridade e o mando das pérfidas revelações. Por isso as almas, ainda as mais lavadas, estremeciam ao sentir aproxi-

mar-se êsse Bando do Pavor, aliás estimado pela maioria das pessoas da terra, que viam nêle a polícia dos costumes e permitido pelo alto clero talvez (quem sabe?), com o fim de, à falta de denúncias à Inquisição, ser êle, uma vez no ano, o pelourinho andante das mais escondidas vergonhas.

*

* *

Passado o bando e extinto ao longe o último sussurro da turba atroadora, aparecia, a contrastar com a algazarra, a silenciosa procissão, solene e fúnebre. Empunhando tochas, passavam os irmãos da Misericórdia (de um lado os nobres, de outra os plebeus) cobertos com os capuzes das suas opas negras; passavam as bandeiras quadradas da Irmandade, que tinham tido o privilégio de salvar da morte os que, indo a enforcar, partiam, com o pêso do corpo, a corda homicida; passavam

farricocos vestidos de roxo, cordas à cinta e pés descalços. ¡E tudo era lento e silencioso; sómente, de onde a onde, se ouvia taramelar o estrondoso ruge-ruge, parando propositadamente à porta de certas casas, a chamar seus donos à penitência da confissão, pois havia o cuidado de, na véspera, por miúdas pesquisas de carbonários sacristas, se averiguar quais as pessoas que, nesse ano, no recinto por onde passava o cortejo, não tinham ainda ido à desobriga quaresmal!

E as almas, meditando em seus pecados e na morte certa, penetravam-se de mêdo.

¡Mas um outro ainda mais transido calafrio esperava as pobres almas arrepiadas: Jesus — o humilde Jesus varejado pela canalha do Pretório — passeava, nessa noite amaríssima, pelas ruas da velha cidade, mostrando aos fiéis as feridas do seu divino corpo! Ei-lo que chega. Vem num andor a que pegam côcos — devotos vestidos

de túnicas roxas, uma corda de esparto à cinta, e, na cabeça coberta, no lugar dos olhos, dois buracos de pavor como os dos capuzes penitenciários. Medonho! Oscilam ondas de povo num rumoroso vaivêm contrito; dobram-se joelhos; mãos tremem batendo nos peitos; rebentam lágrimas ante aquele horrível espectáculo. ¡Em que lastimoso estado Jesus vem!: ¡nu, magríssimo, sentado numa pedra fria, traz a coroa de espinhos tão cravada na cabeça, que de cada golpe rebenta uma fonte de sangue a ensopar-lhe os cabelos, a correr-lhe em fios, pela testa, pela face, pelo pescoço, pelos ombros, pelos braços, pelo peito, pelas costas — e tanto que parece que mãos diabólicas pentearam as carnes de Jesus com infernais pentes de miúdas lancêtas afiadas! ¡E o sangue das feridas rebrilha sob o clarão das tochas!

¡O povo treme, geme, chora, soluça!

Padres, com sobrepelizes brancas, entoam o psalmo de «Miserere mei,

Deus»; cheira ao incenso queimado nos turíbulos; passa o pálio com o seu dossel negro bordado a estrêlas de prata — ¡fúnebre como pano de esquife!; as caixas, rufando cadenciadas, marcam o andar dos soldados; e, no fim de tudo, sombria massa de homens e de mulheres vão rezando e chorando lamentosamente.

*

* *

¡Mas que era esta procissão comparada a outra, também de Endoenças, muito mais antiga, cheia de penitentes a carregarem aos ombros varões de ferro, cruzes, pedras, e a arrastarem dos pés, descalços e feridos, as gramalheiras dos condenados! ¡Penitentes que iam rasgando os joelhos nas lascas de vidro e nos bicos dos pregos, de véspera semeados nas ruas por mãos cobardes! Penitentes alucinados, com o olhar doido, açoitando-se freneticamente no peito e nas costas, com dis-

ciplinas a miúdo molhadas em vinho cozido, para mais lhes arreganhar as carnes maceradas — vinho servido em bacias por homens que seguiam aos lados da procissão com outros portadores de marmelada e cidrão (presente de fidalgas devotas), em socôrro dos mais fracos penitentes, por quem os irmãos da Misericórdia esperavam à porta da igreja, com seus físicos, para lhes curar as feridas sangrentas. Penitentes moribundos, acompanhados de confessores que, ali nas lajes das ruas, recebiam dêles o último alento e lhes deitavam a última absolvição.

Horríveis tempos!

Trancoso

Esta vila, dote nupcial da senhora rainha D. Isabel de Aragão, mulher do senhor rei D. Denis, depois santa; — esta vila, que foi, em tempos idos, uma atalaia contra hostes sarracenas e castelhanas, é hoje, nos seus restos medievais, uma ruína isolada, longe, no centro do país, para além da serra do Caramulo, defronte da cordilheira da Estrêla, nas terras altas da Beira silenciosa, entre montanhas sêcas de restolhos amarelos.

Para chegar aí, de qualquer banda que se vá — Moimenta, Celorico, Vila Franca das Navas, ou Meda — é pre-

ciso trepar, trepar. Muralhas verde-negras, rôtas aqui e alêm; tôrres desmoronadas; portas falhas de ameias — cercam um apanhado de casas miúdas, de telhados tanados, à ilharga de uma tôrre de menagem, com os seus cubelos derruídos, posta numa eminência. Dêste cerrado de casas e muralhas antigas, de tinta terrosa (onde soa mais alto a palavra cristã de um campanário branco), descem para os vales, no meio de arvoredos, tiras sinuosas de diversas estradas amarelas: — são as correias heráldicas, saídas dos paquifes das copas dos castanheiros e dos freixos, do vetusto elmo que é essa cimeira albarrã guerreira e fidalga.

Quem, por uma tarde de outonal claridade, em que o ar se deixa penetrar de lucidez e de visões do passado; — quem, por uma tarde de semelhante luz evocativa, vier sentar-se sózinho, entre ameias, no alto da tôrre de menagem, a considerar na antigui-

dade da pequena vila de casas aconchegadas umas às outras, como ovelhas em curral, recua séculos e vê a vida que outrora aí viveram homens, instituìções, costumes...

Estamos nos primeiros tempos da monarquia portuguesa. A vila fechada, de poucos fogos, é inteiramente defendida por fossos, barbacãs, cárcovas, muros ameados, portas terreadas e, numa estrema, a cidadela com os seus cubelos e êste reduto cimeiro a pesquisar, lá em baixo, os caminhos dos vales do arredor — como sentinela alerta sôbre o inimigo castelhano, (cujas terras se vêem), que, numa hora de ataque, se há-de agachar para marinhar pelas muralhas e violentar portas por onde irromperá em cavalaria brava. Dentro, um comedido larguinho, para o mercado e para a justiça, onde vão dar ruelas estreitas e timoratas, com suas casas de senhores, de clérigos, de judeus, de mercadores de pousio ou de mercadores viandan-

tes que andam de feira em feira; — o mais, artistas e mecânicos, gente miúda e gente vilã. O direito municipal, na letra dos seus forais afonsinos, governa, com independência e opinião bairrista, os interêsses concelhios e caseiros dos seus moradores e vizinhos. Bèsteiros do conto guardam a vila. Alcaides, alvazis, meirinhos e corregedores policiam a governança e administram justiça.

O governador, cavaleiro de linhagem, que vive nesta alcáçova fronteiriça, e é capitão de fossados, tem tudo aprestes para, acompanhando o senhor rei, seu único sénior, se pôr em armas e conduzir os vilões à guerra. Ña Pedra do Conselho, homens bons discutem, nesta tarde translúcida de Setembro, a última lei das soldadas, os serviçais a bemfazer, e concertam entre si qual o procurador que, representando a vila em côrtes, se há-de sentar no banco oitavo. Numa esquina, fala-se na sentença, dada, na véspera,

pelo alcaide; e noutro grupo, corregedores do fisco altercam por causa do coiro vermelho entregue como dízimo.

Nas casas baixas, dos homens de criação, há, dependuradas nas paredes caiadas, lorigas, escudos, perpontos, capelos e sapatos de ferro; e nos cantos, lanças e bèstas com seus carcazes de setas. Boas donas guardam, em arcas de castanho, mensórios e estramentos completos de bragais fiados por elas e por suas domésticas, em longas seroadas, à luz da lareira onde ardem as raízes duras dos carvalhos. Ali, naqueles montados pedregulhentos e naqueles campos em vertentes solhosas, vejo, a roçar matos e a arrotear a vinha e o centeio, servos da gleba rasgando a avoenga brava do seu senhor, acrescida já de leivas de ganadura. E' gente forte, de aspeito mazorro; alguns são homiziados que se acolheram neste couto. Sob a galilé da pequena capela, alêm, de portal românico, há

homens vestidos com zurames de burel e cobertos com gorras escuras; vindos dos montados, passam avelhunos vulgachos de samarras de peles. Andam no ar, saídos do falar galego-português desta gente de sensualidade brava e triste, termos que mal se entendem hoje: gaanhadia, barregã, fraldas, gaança, leixar, abicar, prestejar, britar, filhar, roussar...

Mas a tarde cai. Já os servos recolhem aos seus casebres de pedra sôlta e colmo. Tocam as nove badaladas das Trindades. Os homens do adro e das esquinas calam suas discussões, tiram, respeitosos, suas gorras e rezam Avè-Marias. Anoitece. Cada um recolhe às suas casas baixas. A vila cobre-se de treva. Durante a noite densa uivam alcateias de lobos nos cerrados e parece ouvir-se, vindos das serras circunvizinhas, os urros dos ursos nos seus fossos e esconderijos.

*

* *

Galguemos agora dois séculos: imaginemo-nos nos agitados tempos de D. João III, e escolhamos, entre os trancosenses vilões, um homem de boa vida, artífice pobre — digamos, um sapateiro de calçado de correia, algo pensador e mui visionário, saboreando suas letras e lendo as obras de devação e as farças de certo mestre Gil, que na côrte de Lisboa, na própria câmara rial, fizera os primeiros aitos a el-rei. As trovas, manuscritas (em letra tirada), andam de mão em mão, e por elas o nosso artífice compõe também suas quadras e redondilhas, na técnica ingénua e ruda da medida velha.

Êste sapateiro, batendo solas ou cosendo viras, ponto a ponto, com linhol encerado, conversa demoradamente com o povo e com êle assiste aos folgares da Péla, aos dos touros, aos da

dança dos Paulitos e aos volteios pinoteados da Folia, em que os homens bailam com guisos nos artelhos, ao tinir das soalhas nos pandeiros mouros; e porque sua alma lê fundo nas aparências, sua veia diz em verso, sob aspectos comezinhos, cousas graves, entremetidas de termos chocarros tirados da sua arte de sapataria: — bitolas e sobressolas, vira e tira, remendos e coiramas. E' uma figura magrizela, de pouca monta, mais de ovelheiro que de vilão, bigode falho, barbicha negra e rala, semeada em dias de vento, nariz em boticão, e olhinhos redondos com a mancha brilhante da luz das pupilas, ora perfurantes como verrumas, ora mansas como de alheado. Nas veias dêste homemzinho, sapateiro e poeta, giram glóbulos de sangue semita; mas êle ignora inteiramente sua origem, e, supondo-se de sã proveniência — limpo de sangue hebraico — considera-se bom cristão e afirma-se exacto praticante. No emtanto, êste poeta

visionário é inconscientemente um judeu. Di-lo o espírito das suas trovas. Nascido, como todos os da sua raça, com um problema religioso na alma, a causa cristã levanta-se diante dêle dominante; e, numa derivação dêste aspecto, a política do reino absorve-o: — as desgraças da pátria, exageradas pela sua imaginação pessimista de hebreu, atribulam-lhe tanto a alma, que já lhe fazem ver o Reino num montão de ruínas sôbre as quais chorarão videntes!

Só conhece um livro: o Velho Testamento, pôsto em linguagem. E' êste que, sempre à cabeceira, lido, relido, treslido, durante nove anos, sabe de cor, e lhe insinua o transporte aos dizeres vagos e o gôsto ao duplo sentido das expressões metafóricas e simbólicas, que a sua alma de semita com volúpia absorve e pratica.

A' baiúca vão procurá-lo de noite, rebuçados em mantéus de zurame, várias figuras de judeus, mercadores, físicos, mèzinheiros, letrados (aparente-

mente conversos em forçado baptismo) que mascaram sua fé com a dos católicos, para, dando-se por cristãos-novos, não serem denunciados pelos inquiridores e perseguidores de tôda a espécie. Sempre desconfiados, entram de noite, um a um, colados às paredes, não se esquecendo de que, um ano antes, naquela vila, o povo do sítio e das aldeias lhes assaltara e saqueara as casas, praticando morticínios. Embora se sintam odiados, são criaturas de frontes serênas e de olhar confiante, que sabem lutar, cônscios da superioridade da sua raça religiosa, combativa, instruída e esperta. Teimarão, triunfarão.

O sapateiro lê-lhes com bôca de cristão, que julga ser, textos de Esdras e de Jeremias: mas êles ouvem, com ouvidos de judeus, êsses bíblicos versículos. Já o sapateiro comenta as passagens do livro santo, com sentenças sibilinas e trovas inspiradas, que êle, lido nos remontados dizeres dos

profetas, deixa vagas, obscuras, falando de vacas esmadrigadas, de touros fuscos, de águas esclarecidas, de Esdras e de Daniel, dos vales de alêm e de Salêm... — tudo misturado, a ennovelar o sentido das cousas em brumas de palavras sem nexo.

A mêdo, fazem-lhe preguntas sôbre o futuro. Êle responde nubloso: «os tempos que veem mui grande segrêdo teem»; mas tudo se há de cumprir, pois que tudo «acho em as Profecias». E logo divaga, exprimindo-se por palavras fáceis mas de ligações difusas. No emtanto, uma coisa há assente e posta com clareza: o libertador

> «sairá
> dessa Tríbu de Rubem
> filha de Jacob primeiro».

Era o Messias!

Cala-se. O silêncio é denso na pequena loja afumada, que uma candeia mal alumia.

Alguêm pregunta:

— Virão as tríbus?

E o poeta:

— Há um dito de Jacob...

Novo silêncio.

Os outros insistem com olhares interrogativos. O sapateiro esclarece:

— Os da tríbu de Dam estão encerrados. O Senhor há de soltá-los.

Era o Messias!

A admiração e o pasmo crescem no olhar dos ouvintes — almas obcecadas nas ideas religiosas de uma nova era. E pondo de soslaio os olhos no chão e na face transfigurada do pálido profeta, mentalmente preguntam a si:

— ¿Não será êste o que tem que vir?

Retiram-se. Nos bolsos levam cópias das respostas dadas e das trovas que o poeta improvisou.

*

* *

Respirava-se por tôda a parte o messianismo. Embora a época fôsse já

de luz renascida, era ainda, no fundo, medieval na espessura das suas alquimias, das suas magias, das suas superstições — floresta de mistérios, cultivados pela sciência dos magos e pelo pasmo das almas estarrecidas ante o desconhecido.

A estas afastadas terras de Trancoso, onde os judeus abundavam, havia, de-certo, chegado a fama de um Messias italiano, belo e bem falante, aparecido na terra luminosa de Ístria, cercada de águas azuis como as de Nápoles. Também na memória de todos ficara o nome de Rubeni, outro Messias que estivera em Castela e Portugal, e antes palmilhara as terras do Oriente e as areias dos desertos da Núbia e da Arábia, em caravanas, no meio dos albornozes brancos dos homens e das mulheres islamitas, em nova cruzada contra os turcos da Palestina, — a prègar, com voz de trovão bíblico, a redenção do povo judeu.

Contemporâneo dêsse, um outro

Messias português, Salomão Malcho, tornara-se lendário. E com certeza, por êsse tempo falava-se, nesta vila sertaneja, de um tal Dias, alfaiate de Setúbal, em quem a gente da terra — povo, letrados e físicos — viam o Messias. Êste chegava a horas, porque os tempos eram de calamidade: em Portugal redemoinhavam no ar os pecados dos clérigos; as iniqùidades das justiças desiguais exercidas por iletrados doutores mandões e ganhões; o descaro dos fidalgos a escambarem linhagem por dinheiro; o luxo falso dos que se prezavam de ricos e que, afinal, eram lazarados.

E o meditabundo sapateiro, filósofo e poeta, lá, na sombra da sua loja, dobrado sôbre a tripeça, brune laços, assenta solas, cose seus borzeguins cordoveses e, mastigando dores, lamenta-se por tudo ir

> «... de mal a mal
> sem ordem nem regimento».

*

* *

Também de longe veem más novas: na Índia tudo se desconcerta. Em volta de uma sucessão de mando, há graves dissenções entre dois Governadores, um dos quais usurpa o poder do outro que dêle está legítimamente investido. Os fidalgos dividem-se. Os partidos batem-se. Denúncias. Conspirações. Intrigas. Cobiças. Corrupções. A justiça é tripudiada. Vence quem tem menos direito: Vaz de Sampaio avilta Pero Mascarenhas.

A esta, outras discórdias se sucedem — outras desmoralizações, outras vergonhas. A Índia começa a desabar, e não lhe vale a honradez catoniana de um D. João de Castro, nem os paroxismos de bravura dêsse punhado de portugueses que se souberam sustentar nos muros abrasados de Diu — relâmpago de génio lusitano a deslumbrar a Índia inteira, relâmpago que

instantâneamente brilhou e instantâneamente se apagou.

Em África teem sido mandadas despejar as praças de Safi e de Azamor. ¡Amanhã acontecerá o mesmo à de Arzila!

Portugal sofre. Há nuvens de morte no futuro angustioso. A alma dorida do sapateiro vidente psalmodia como outrora a de Isaías:

> «¡Vejo o mundo em perigo
> vejo gentes contra gentes!
> Vejo os lobos comer
> as ovelhas degoladas,
> as vacas mortas montadas
> e os cordeiros gemer!».

Mas logo se inflora e se desdobra uma esperança — a esperança israelita de que é tecida a sua alma religiosa — que sobe alto, adivinhante, num alevantamento de espíritos: Portugal, tão forte e excelente («Portugal tem bandeira com cinco quinas no meio»), ainda há de ser grande sob o comando de alguêm que o levará à Terra da

Promissão. E o sapateiro pede formalmente um rei de manada, mas, inconscientemente, está pedindo um rei divino:

> «¡Êste rei tem tal nobreza
> qual eu nunca vi em Rei.
> Deus o fêz todo perfeito
> dotado de perfeição!».

E o povo ouve-o, remói seus dizeres imaginosos, e, longe de o grosar, pasma, vendo no sapateiro poeta um mago estranho, cheio de antiguidade e de futuro — homem de ontem e de amanhã — de falar culto, cujo sentido o vulgo não alcança, mas que, por isso mesmo, admira com terror.

*

* *

Em Lisboa instala-se a Inquisição. Custou muito, muito, obtê-la. Foi preciso vencer o dinheiro amealhado dos banqueiros hebraicos da Flandres e de Portugal; foi necessário comprar, com muitos mil cruzados, a já comprada

Cúria de Roma, e com presentes colossais a boa vontade do Papa, que ora expedia ordens, ora as sustava; houve necessidade de tecer meadas de astúcias diplomáticas; — mas, finalmente, conseguiu-se a desejada e definitiva «*Meditatis cordis*» de Paulo III. O rei está contente — o rei, o govêrno, os diplomatas, o povo, e, de entre o povo, especialmente o mulherio, de rebentinos ódios, que se queria ver livre dêsses herejes desacatadores do seu culto, afrontadores da sua fé pura, e sempre logreiros nos seus negócios. Os judeus sonegavam-lhes o pão para, numa hora de crise, lho vender em teigas resquiadas e por altos preços; usurários, tiravam-lhes a pele. Eram marranos gafentos e contagiosos que, no primeiro êxodo de Castela, nos tempos de D. João II, carrearam a peste e o tabardilho para Portugal. O povo julgava-os a causa de tôdas as desgraças, sociais e físicas, que aconteciam em terras lusas: ¡o último terramoto fôra-lhes atribuído!

A hora chegou.

E' preciso acabar com a mentira dos cristãos-novos, na sua refalsada conversão, rasgando-lhe a máscara na cara — êles cristãos no rosto, mosaicos na alma.

A hora chegou.

E' preciso apurar a fé. Portugal ilumina-se. Uma onda de ardor abala os corações. E' indispensável lançar tudo na fogueira, tudo.

Assim cogita, no alto da cidadela, passeando nas cortinas das suas muralhas, o sapateiro poeta de Trancoso. Esta paisagem áspera é de ensinos; dilatada, de meditação. ¡ Quantas vezes, a seus olhos de profeta, estes montados e vinhedos se não transformaram em paisagens bíblicas com as cidadezinhas brancas de Bethsaida e de Nazaré, com os vales do Jordão, o monte Thabor, e, distante, para alêm das terras da Idumeia, o misterioso Sinai de píncaro nevoento e tenebroso, onde os mortais que se atreviam a encarar na

face de fogo de Jeová, logo eram fulminados! Quantas vezes!...

Há paisagens que provocam a sêde do mistério. As serras são místicas. Esta paisagem de Trancoso é uma delas. Faz falar as vozes interiores que temos em nós. Deus oferece a todos o panorama do céu estrelado para todos se iniciarem nas lições do Infinito. A noite, o silêncio, o espaço — são o templo; a luz das estrêlas — nossa veste pura; o meditar na Grandeza — a oração e o culto.

¡Como a vista destas serranias abalaria a alma dêsse sapateiro dado a visões!

Em Trancoso, no século dezasseis, ¿existiu, na verdade, um homem assim? Existiu. Chamava-se Gonçalo Anes Bandarra.

*

* *

Do cimo da vetusta albarrã do castelo de Trancoso, em desmantêlo, nas

terras altas da Beira, a vista, galgando chãs acidentadas de outeiros e morros, uns de penedio, outros de pinhais espessos, alguns de restolhadas centeias, desgarra-se cheia da luz de um céu que se vê todo de lado a lado; — desgarra--se pelos longes de um panorama de ondeantes montanhas verdecidas, com chapadas amarelas, a tôda a roda, do norte a levante, de levante a sul, de sul a poente, de poente a norte, a muitas léguas de distância, mais de vinte, algumas, como o monte de Valongo, em cone, para além da serra da Lixa, do Marão, da Nogueira sôbre o Corgo —longemente, na estrema, lá para as bandas do mar do Pôrto.

Vê-se na raia norte, ao fundo, esfumada, a serra da Lousa, no concelho longínquo de Carrazeda de Anciães, termo de Vilariça sôbre a foz do Sabor, que logo pega com a serra de Reboredo, em Trás-os-Montes, até Carviçais, para os lados de Miranda-do-Douro. O sol nasce por detrás do monte de Va-

lico, em Espanha, até onde parece dilatar-se a campina sem fim do Escalhão. Ao lado da serra da Marofa, para além de Pinhel, branqueia a tôrre da praça de Almeida, que mal se enxerga a vista nua; distinguem-se a custo os pingos claros da casaria esparsa da povoação de Freixadas de Averca; e, por detrás, muito longe, o horizonte fecha-se com a mancha azulina da serra da Gata, na Castela-Velha, até o Germelo.

Para cá, à serra da Guarda, com a sentinela do seu castelo cimeiro, segue-se a da Estrêla de altura formidável, que, avançando pela Beira dentro, atravessa, de invés, o coração de Portugal e desce ao longo de tôda a Estremadura, sempre voltada a sul, até lá baixo — até Sintra, declinando e parando então, súbito, sôbre o mar.

Por entre quebradas de montes, descortina-se, lá muito no fim, o pico do Caramulinho — mancha azul, apagada. Aqui defronte, próximo, a serra alta

de Almansor, sarracena e lendária, com um declive rápido, à direita, sôbre a pasta negra da floresta de pinheiros da Quinta de Ferro, espêssa de matas e de medos.

E' um panorama circular de serranias num horizonte de léguas.

*

* *

¡Hora do passamento do dia! O sol, em disco de bôca de forno a arder, desce no céu, acompanhado de nuvens, em novelos colossais de algodão, alvos, como píncaros de neve, nos rebordos altos, violetas nos boleios, ardósias espêssas nos fundos — ennovelamentos aglomerados a rolar num lago de vermelhão alastrado em tiras de púrpuras luminosas, franjadas de fogo sôbre a linha opalina do horizonte.

O sol morre.

Todo o poente arde em côres vermelhas de cobres e ouros, de riquezas ma-

ravilhosas: — são os funerais de um deus, orquestrados com labaredas.

No alto do céu, na imensidade azulina, a luz flui claridade puríssima.

Do outro lado, nos longes, as côres esmorecem: as lombas das serras adelgaçam-se em véus de azul desbotado; os montes sobrepõem-se na tinta-névoa que os destaca uns dos outros; mas aqui próximo esmaltam-se os verdes das pregas dos cerros e douram-se os restolhos amarelos da ceifada. A' esquerda, formando o lado de lá dêste enorme vale, o colosso da Serra da Estrêla, tocado da luz horizontal e baixa do poente, acetina-se na graça de uma gaze rosada, como arrebol matutino, contrastando esta tinta de ferro incandescente no tom da serra de Almansor, da banda de cá, — massa enorme de violeta.

O sol vai descendo entre raios de sangue e lume. A morte do deus é longa e solene.

Um enorme dragão de púrpura, com

o peito armado de escamas de ouro a fulgir, as fauces escancaradas, as pupilas de fogo, fita os olhos na face candente do sol moribundo. O recorte da serra do Almansor, que vai comungar o deus da Natureza, afia-se, para o receber, num gume de topásio luminoso. As nuvens de cinza e lilás espêsso, em grupos agitados e confusos, são agora uma estranha cavalgada, cheia de movimento e pompa, não de valquírias, virgens-guerreiras, mas de deusas de tempestades, hirsutas, em grandes revoltas, com escudos e lanças disformes, montadas em corcéis apocalíticos. Vão juntas umas contra as outras, ¡ardídas na mesma fé e no mesmo furor, para unidas combaterem, amarem unidas, unidas morrerem! São mitos condensados na matéria vaporosa das nuvens, são sonhos altos de almas nobres em cruzada pelo espaço infinito a demandar quimeras. Nessas figuras de fábula, os longos cabelos das mulheres-fumo, e as crinas violáceas dos ginetes desfrea-

dos, esgarçam-se numa alucinação de sacrifícios sublimes — até ao aniquilamento. Há gritos de luz, delírios, heroísmos.

No alto, o céu é de porcelana anilada, onde a claridade esmaia.

O dragão alongou-se, deformou-se.

A' volta do sol, que entrou em agonia, alastram-se, em tôda a faixa do horizonte, panos de púrpuras fimbriadas de fogo; escarlatas de cetins transparentes; damasquins de sangue vivo; balsões chamarrados de ouro, fulgindo chispas de lume; grevas e arneses a scintilar; vitrais a flamejar. Tudo canta, sonorosamente, a bizarria máxima da máxima pompa das pedrarias inflamadas dêste rubro poente a arder em labaredas de tintas tão estrepitosas, que só o clamor altissonante de uma colossal fanfarra de milhares de metais de cobre, de bronze, de latão, de ouro, de prata, a vibrar, pelo infinito, ribombos de trovões musicais, poderia dizer essa orquestração portentosa da luz e das côres da Natureza em pleno deslumbramento.

O sol, agora vermelho de sangue a latejar, e já ceifado a meio pelo gume da serra, mergulha entre bordos de fogo. Desce ainda. Ei-lo uma brasa. Sumiu-se. Morreu.

A Natureza estremece. Sopra no espaço um frio de pena... O silêncio sofre...

Já a púrpura das nuvens se enluta em tons de sangue pisado, e os ouros das franjas se despulem. Entristece-se cada vez mais a mancha violeta da montanha de Almansor; nevoentam-se os panos azuis das lombas das serras de alêm. Os penedos são carvões pesarosos. As copas das árvores empastam-se. Escurece de todo. A noite pesa.

....

*

* *

Semelhantes poentes de côres esplendorosas deviam ser, em Trancoso, em tardes medievais, escolas de fidal-

guias, ensinando a amar o luxo, a pompa, a grandeza; e, como os moços nobres só viviam para a guerra esforçada e para o amor férvido dos cavaleiros andantes, ofertado, entre galantarias, à sua dama — com estes poentes orientais, de purpuras e pedrarias, aprenderiam, no asiático das ornamentações, o engenho airoso de levantar palanques, teias, estacadas, com balsões brasonados, com insígnias, emprêsas e divisas de fulgentes côres e broslados de ouros e pratas, para jogos de lanças e bafôrdo; e ainda, nas graças da luz brincada, o primor dos duelos gentis. Compreende-se, assim, que nesta terra trancosense, houvesse nascido nos fins da era de trezentos (segundo reza uma fama antiga) êsse lendário Grão Magriço, cantado por Camões, e que, gasalhado do duque de Alencastro, no torneio de Londres, soube, com os seus onze companheiros, quebrar lanças pelo bom nome das damas ofendidas, que ficaram vencedoras dos cortesãos

inglêses, e gratas dilataram a fama do peito lusitano, por essas terras de Gales, grandes e longínquas.

*

* *

A história espiritual de Trancoso lê-se nos seus poentes de maravilha, ora silencios a iluminar de misticismos as almas transportadas; ora pompa de côres luxuosas, a criar àsas de aventura em génios de rompante, a armar braços fidalgos, resolutos e airosos, que por sua dama saem à liça a quebrar lanças, a brandir com galhardia a lâmina de uma espada de copos de ouro.

A história de Trancoso lê-se nos seus poentes de maravilha.

O coração do Minho

VERDURA tenra em campos pequeninos, que vão até à orla de pinhais ralos por onde entra o sol, listrando de latão chãos de fetos e de caruma; bouças que, depois, sobem a colinas brandas como se seus pinheiros se quisessem empoleirar para de aí ver melhor e melhor sentir a beleza e a paz dos lameiros afofados em matizes verdes; raras manchas brancas de casais onde a quietação mora; vales que, ao cair do dia, lá em baixo, se vestem, para o sono nocturno, com o hálito dos ribeiros, que se alastra e em que se condensam, à boquinha da

noite, as badaladas das Avè-Marias, acendendo em cada alma a candeia religiosa da oração; hora a que, no alto dos montes se acinzenta e esmorece, no lusco-fusco do entardecer, a pincelada clara das ermidas solitárias; — todo o Minho é simples como levada, pacífico como sombra de carvalheiras, e teem ingenuìdade seus murinhos de quatro palmos, a dividir herdades pequenas como a palma da mão, a dizer-nos que essa terra é de muitos e que os mais pobres possuem, pelo menos, um naco de broa e uma malga de vinho.

O coração do Minho, entre Bougado e Famalicão, não tem serras nem altas montanhas, mas sim pequenos montes, amáveis outeiros, suaves encostas. O seu maior rio, que segue entre campos baixos orlados de amieiros, chama-se Ave e, se quisesse, podia, na verdade, voar, tão leve é. Os açudes são degraus de espuma, e a sua água, que a caleira das azenhas sorve, não consegue dar

mais andamento à grande roda, mus-gosa e morosa, a gemer e a gotejar, do que o tem o rodar sonolento dos carros de bois, ao longo das estradas. A sua frescura é feita com ribeiros, regatos, veios de água clara, para regas de mi-lheirais e de feijoais, ou, quando empo-çada, para lavar as roupas de linho, de estôpa, de tomentos, e ainda as chitas de côres:—vivazes como, em Agôsto, o riso das romãs abertas; berrantes como, nos arraiais, trovas à desgar-rada.

No inverno, com as árvores despidas e extensos prados de erva tenra — o Minho é todo verde; em Março, com os valados vestidos de giestas floridas, as bouças tapetadas de tojos em flor, e os campos cobertos de pampilos — o Mi-nho é todo amarelo.

Na primavera, a seguir às podas, que limpam as árvores e varrem o ar, os campos, esperando novas sementeiras, enchem-se das flores amarelas dos pampilos, das roxas soagens, do trevo

côr de mosto e do azul descòrado dos miosótis bravos, que vistos de longe, parecem geada. Depois, veem as lavras em que os bois barrosãos, de pontas em lira, mansos, a lamber as beiças e a espanejar as caudas, contentes com a toada da cantiga do boieiro jovial que os conduz, aram, com charruas leves, terras escuras adubadas com aquelas flores. Rezam-se ladainhas sôbre os campos para que as sementes germinem de-pressa e produzam bem — elas que, na cesta, antes de serem lançadas à gleba, foram bafejadas pelo hálito santo do boi, para levar para o seio da terra, o calor espiritual da sua bondade que as desdobrará em abundância e as florirá em beleza, — tal qualmente o milagre do centeio que mais forte vem se o semeia uma virgem de nome Maria. Rebentam pereiras, pessegueiros e macieiras, em flores de neve e de rosa; trolhas dão mãos de cal nos rostos das casas e de vermelho nos beirais onde andorinhas virão, em

breve, fazer seus ninhos, e, no estio, se alastrarão, largas como mãos liais, as fôlhas palmares e verdes da cepa que sobe ao longo do cunhal. Abril finda, entre flores, anunciando frutos.

Chega Maio, e de cada buraco de valado, ou fenda de penedo irrompem tufos de saramagos, de flor branca e miùdinha; e nas giestas duras desabotoam-se mil pequeninas pétalas, buliçosas como borboletas, amarelas como as gemas dos ovos cozidos dos folares pascoais. Então, não há peitoril de janela, ferro de varanda, padieira de forno, pipo, tonel, jugo de bois, timão de carro, tejadilho de diligência, corte de gado, nabal ou linhar que se não enfeite com as flores das giestas — a flor predilecta do Maio triunfante sôbre o outono morto e o inverno arrefecido, flor propiciadora que trará fartura ao casal e defenderá a vida precária das crianças, dos anhos, dos bezerros e dos bacorinhos.

Chiam os alcatruzes das noras, para

tirar as primeiras águas das regas; nos pinhais, andam rapazes às pinhas e velhas aos gravetos; e num lameiro próximo, uma moça, de saiote encarnado, cantando, sega a erva húmida dos pastos. Nos soitos, há tábuas amarelas, ensarilhadas, a secar; na ourela de um pinhal, um carro de bois carrega-se de mato tenro para as cortes dos animais. No alto dos montes, entre urzes verde-escuras, as lascadas brancas das pedreiras parecem exóticos lotus colossais que, por maravilha, viessem, dos rios do Oriente, medrar aqui nos cabeços destas terras ocidentais e sêcas; e brancas são tambêm, como toalhas, as meadas de linho a còrar no outeiro.

¡O linho, o querido linho a quem o minhoto quer mais que tudo — a quem estremece! Poderá deitar fora, como cousa que não presta, um pedaço de sêda, de damasco ou de veludo; mas um farrapinho de linho, por mais pequeno e sujo que seja, êsse guarda-o

preciosamente para com êle forrar a rôlha de um batoque, ou pensar uma ferida, desfazendo-o em fios.

*
* *

¡ Triste linho, o que êle padeceu para chegar a ser branco e útil! Seu corpo de mártir subiu um calvário e foi pregado numa cruz, para, sofrendo e apurando-se, dar-se a Deus, servindo os homens. Foi semeado, arrancado, ripado, curtido, secado, malhado, moído, espadelado, sedado, fiado, ensarilhado, meado, cozido, còrado, dobado, novelado, urdido e tecido.

Certa manhã de fins de Abril, numa lua nova — lua forte — depois de lavrada uma terrinha fundável, sòlheira e de fácil regadio; depois de bem gradada, primeiro com os dentes, em seguida com as costas, e limpa da felga, semeia-se a linhaça, borrifada das mãos

da moça para a terra, que a recebe com gôsto.

E' regada; em Junho, emerge verde e tímida, e, pouco adiante, pelo Santo António, o linho sorri na terra, mas êste sorriso vem laivado de chôro: — a sua flor, de azul celeste, é tão frágil que a menor viração a quebra, e o seu destino, vê-se, é viver a correr. E êste foi o primeiro e último brincar de uma adolescência passageira.

Começam agora para o linho os duríssimos trabalhos da vida, os sofrimentos de tôda a hora, os martírios sem nome. Queimada sua flor pelos calores do estio, a haste amadurecida, uma tarde, entre vizinhos e amigos, o seu corpo sêco é arrancado da terra para passar a um ripanço onde se aparta, para sempre, da baganha, sua fraternal amiga, que, nas eiras, à ardência do sol, estala de saùdade. Em seguida, durante dois quartos de lua, o linho, em aguadouros, é enriado na corrente de uma ribeira. O seu cadá-

ver macerado não ouve os insultos dos que adoeceram por beber, descuidadamente, essa água venenosa onde êle se curtiu. Enxovalhado, desfigurado, tiram-no do rio e põem-no, num campo, em estendal, a secar. O sol não o reconhece. Mas, deus sábio e forte, sabendo, de antemão, todo o giro de dor que o linho tem ainda de percorrer na vida, diz-lhe grandes palavras de calor e de luz, ressuscita-o e avigora-o, dando-lhe tenacidade às fibras, enrijecendo-o, encorajando-o. Êle lutará, êle vencerá.

Então, em horas abertas de calor ardente, o linho é malhado todo o santo dia, inclementemente, com manguais de carvalho duro como ferro, batendo-o com pancadas cavas que fazem estremecer os corações.

Não satisfeitos, os homens levam-no de aí, em mòlhadas, a um engenho onde o trituram, quebrando-lhe os ossos. Depois, — numa eira, ao som de violas, harmónios e requintas, e por

entre descantes de mulheres garridas, sentadas em redor, sob o luar que meigamente as empalidece—mãos femininas o tomam, em manadinhas, fixam-no de encontro ao cortiço, e de novo o açoitam com espadelas, de lâminas quási cortantes, que o limpam das fibras mais grossas e ásperas, dos tomentos — os seus pecados. Matracam rítmicamente as espadelas; os risos brincam nas faces das moças ennamoradas; e, à desgarrada, entre cantadores e cantadeiras, ao som de cavaquinhos, esfusia o amor, escondendo-se em palavras disfarçadas, desprendendo-se em remoques vivos, denunciando-se em arrufos e ciúmes. Já os serandeiros, com as caras encobertas e falando de mudado, intrigam amores, emquanto as conversadas tiram das algibeiras a maçã que trouxeram escondida para oferecer ao derriço, como prémio augusto destas rústicas côrtes de amor. E as espadelas batem, batem; e o linho sofre, sofre.

Mas ainda isto não é suficiente. Um tormento maior o espera: o sedeiro — infernal instrumento de mil bicos de pregos afiados, por onde o seu corpo vai ser passado, rastelado, assedado, separando a estôpa e a estopinha, até ficar como cabelo, transformando-se em espiga fôfa e brilhante, tal qual os fiados do ouro das fadas e das lendas.

Agora tomam conta dêle mãos carinhosas de velhas, de cabelos brancos e faces encarquilhadas, que o põem em arejada roca, e, condoídas, tratando-o como filho, de noite à lareira, de dia à porta dos casais, ou nas courelas a guardar o gado, beijando-o e torcendo-o, entre os seus dedos ensalivados, o recolhem, em maçaroca, no fuso que rodopia, sibilando a sua cantiga feita de palavras de aragem. Êste meigo contacto foi um momento de alívio que lhe fêz minorar a pena de se sentir torcer. A velhice, comovida e prudente, tratou-o com relativo carinho. Essas mãos cansadas o passam da maçaroca

para a meada que um sarilho alegre recebe.

Mas o bem, bem pouco dura: — essa meada, afogada em água e abafada em cinza, é metida em panelas de ferro e posta ao lume a ferver, a referver em cachão, horas seguidas, até branquear, e depois, deceinada, ao sol, còrando muitos dias, até alvejar. Em seguida, vai para a dobadoira que, bailando de roda, como fogaceira em romaria, a passa para novelos e daí à urdidura e ao tear onde a lançadeira, tecendo, brinca num vaivêm cantante, — hino do triunfo ao redentor.

Finalmente, numa última barrela entre perfumadas fôlhas de loureiro e de mentastres, êle se alimpa, se purifica, se espiritualiza, tendo atingido, assim, a sua missão na terra: — a teia.

E o linho, cordeiro de Deus, sorri na beatitude da sua cândida alvura, pois sabe quanto vai ser útil aos homens.

Já a minhota acaricia a teia, a ata com fitas encarnadas, e avaramente,

como bragal precioso que diz a fartura com que se veneram as gentes, a guarda no fundo das arcas, entre maçãs camoesas, còradas e cheirosas, para dela fazer a roupa branca da sua casa: — os lençóis, os travesseiros, as fronhas, as camisas com rendas que os bilros ennastraram, as toalhas dos altares e das mesas da comunhão, as alvas e os sanguinhos; — peças para os dias alegres dos baptizados e dos casamentos; para as doenças prolongadas; para o penso das feridas; para a hora da morte..., ¡para o último afago do rosto ao fechar do caixão!

Que o linho, o linho santo e mártir, que muito sofreu pelos homens, ¡para todo o sempre seja louvado e bemdito!

*

* *

Como o linho, é religioso o pão: — de farinha triga se faz a hóstia de consagrar, que é o pão das almas; em cada

padieira e porta de forno há uma cruz; e três cruzes se fazem no bôlo amassado, ao rezar a São João que o faça pão, a São Vicente que o acrescente, e à Virgem Maria uma Avè-Maria, para que ela, na masseira, o levante e o levede. ¿E os cuidados que dá o pão desde que o minhoto se benze, ao semeá-lo, até que o beija ao comê-lo? Semeia-o, pica-o, sacha-o, rega-o, monda-o, corta-o, esfolha-o, seca-o, malha-o, criva-o, mói-o, peneira-o, amassa-o, leveda-o, padeja-o, enforna-o e coze-o.

Dantes as vinhas eram robustas e quási que não havia mal que lhes chegasse. Hoje a sua vida enche o lavrador de cuidados e canseiras; mas, depois, o gôsto de ver o vinho são e palreiro tudo compensa — ¡êle que é sangue de Cristo!

Religioso e supersticioso é o jugo com a sua cruz e o seu sino-saimão;

religiosa é a tábua traseira do carro de bois, onde também não falta a cruz nem os corações, pois no Minho afectuoso tudo rodopia em volta da religião e do amor.

A cruz-religião e o sino-superstição andam juntos, como, no mistério do amor, juntos andam o coração, — símbolo atraente do querer bem, — e a figa amuleto, defensora do mal. Para os malefícios da vida e para os mistérios da morte, não basta ao minhoto a religião, é necessária a superstição. Ao lado da prece o talismã. Êsse coraçãozinho, feito de filigrana, e essas borboletas, cordiformes, adornarão o peito da cachopa, suspensas, com várias cruzes, de cordões e grilhões de ouro; aparecerá no recorte do espelhinho do seu chapéu de romaria; será bordado nos cantos dos lenços, nas algibeiras vermelhas e lentejoiladas (que teem o seu recorte), no cós repregado das saias tecidas com lãs de mil côres, e nos rebordos dos coletes, de duras varas de junco, ataviados de

ramagens com largos desenhos encarnados e amarelos. E êste coração amoroso, irónico e triste, entrará em tôdas as quadras populares que os derriçadores lançam em desafio, e nas trovas que a rapariga canta pelas cumiadas, e nas courelas, quando olha pelo gado, seiva as poças, ou levanta o taipal das levadas, para a roda da azenha andar, e com ela a mó que desfaz o dourado milho.

*

* *

Como a terra do Minho colorida e fácil, a sua religião é alegre, arejada, mais pagã que cristã.

As igrejas são simples, baixas as tôrres quadradas; os campanários brancos mais parecem pombais; e os sinos e as sinetas repicam e chalram como o vozear alegre do garotio. As romarias são rezas dançadas em arraiais de sol; e quando, no domingo, a igreja está cheia a deitar por fora, a missa ouve-se

melhor ao ar livre — cá de longe, do adro sòlheiro.

Em Braga havia, há poucos anos, uma procissão em que a imagem da Virgem, com o menino ao colo, ia sentada em cima de pacífica jumenta muito asseada, com fitas e flores, seus artelhos delgados, terno o olhar, e o pêlo de cetim. E o carinho que o povo dispensava à jumentinha misturava-se, em partes iguais, com a piedade que dedicava à Santa, e por isso todos chamavam a essa festa a «Procissão da Burrinha».

Outra: a do «Boi Bento», em que ia um corpulento boi, amarelo e luzidio, de pesada papeira e cornos enormes, afestoados de rosas, no meio de coros de raparigas, tostadas pelo sol, que, às-arrecuas, bailavam e cantavam diante dêle, emquanto outras lhe tapetavam as pedras das calçadas com espadanas, junquilhos e ramos verdes de lírios, que perfumam e tornam bento o ar das ruas. Também nessa procissão, mais se

adorava o boi que as imagens dos santos que nela iam.

A procissão de São João, em pleno solstício estival, era, tôda ela, ao longo das ruas de casas cobertas de damasco vermelho, um rio de púrpura, no brocado dos andores, nas opas encarnadas dos «irmãos», e nas grinaldas dos cravos escarlates — flor de sangue e de fogo — flor predilecta com que se faziam todos os enfeites dêste rubro cortejo, votado pelo povo, instintiva e inconscientemente, ao deus Sol.

A procissão de São Lourenço, feita na primeira hora do dia, quando os raios do sol nascente são raios de rosa, rescendia à poesia singela da vida dos campos, à das sementeiras, das searas e das colheitas.

Em Agôsto, antes de amanhecer, andavam homens pelas ruas, com tambores, a acordar a embiocada cidade que dormia. Ao chamamento, todos se vestiam pressurosos; já mulheres apareciam às janelas com caras estrouvinha-

das e outras desciam à rua com o sono nos olhos piscos e a face e os cabelos quentes do travesseiro. De uma pequena capela, entre seculares carvalheiras, saía a meiga procissão. A luz da manhã pintava frescura em todos os rostos e os raios amarelos do sol rasteiro tauxiavam ouro nas processionais cruzes de prata brunida, no cetim branco e metálico dos «anjos», nas opas verdes, azúis e escarlates das irmandades e confrarias, e punha pelo chão longos rastros de sombras ocreosas. Entre cantos suaves, que, pelo ritmo singelo e forte, pareciam hinos antigos aos deuses dos primeiros frutos, aparecia o andor do santo, que era uma minúscula latada de canas amarelas, entrelaçadas de parras de onde pendiam gaipos de cachos frescos e maduros (as primícias das cepas nesse dia oferecidas) e sob ela o pequenino São Lourenço — um meigo santinho aportuguesado, pacato e bom, que nessa noite, diz a lenda, andara, atarefado, pelas vinhas orvalha-

das daqueles subúrbios a colhêr uma àbada de uvas novas para dossel do seu andor.

Assim, nesta terra ajardinada, o amor é uma festa, o culto uma romaria, e a vida um rosário de dias alegres.

Pan é Nosso Senhor, o fermento é beatificado e chama-se São Crescente; São João, asceta na Galileia, é brejeiro aqui; e o místico Santo António, doutor em Pádua, uma vez no Minho, fêz-se curandeiro e alviçareiro.

*
* *

Esta paisagem é um quintal de repouso, e não um lugar de meditação. Não se pensa: — vive-se a vida fácil, a mesma que vivem as árvores e as aves. Se o pão é gostoso, o vinho esperto, o ar sadio, a luz farta, o azul alto, o céu lavado, quieto o ar, doces as sombras, — não pensemos que há mais terras, que o mundo é grande, que lá fora a vida é tormentosa, que há mares enca-

pelados que engolem vidas, ondas furiosas que invadem as costas, furacões que destroem casas, vulcões que arrasam cidades, frios que enregelam até à morte, calores que escaldam, insolam e matam. Quando o ano é de pão, as latadas se carregam de vinho, nos currais medra o gado e no chiqueiro engorda o porco, — o minhoto louva Deus pela farturinha que lhe deu e trabalha a cantar. Em cada dia tem uma feira onde mercadeja e bebe; vindo o Junho, em cada semana uma romaria onde bebe e folia.

Ter terras no Minho é a melhor posse e o melhor bem. A terra laboriosa dá pipas de vinho e carros de pão com que se enchem adegas e arcas. Esta riqueza, sim, é farta e certa. Terra, quanta vejas; casa, em quanta caibas. E' preciso trabalhar para adquirir mãos cheias de moedas de ouro, amarelas e tilintantes — ouro de lei, para o converter em terras. Muitas ou poucas, grandes ou pequenas, é indispensável tê-las.

Dão grandezas e honras. Se não fôr uma quinta, um quintal; se não fôr um campo, uma leira; se não fôr um eido, um quinchoso; — um palmo de terra que seja, para o minhoto ter onde cair morto. ¡Ai do mísero que não tem eira nem beira!

Terra de Miranda

Vindo do Pôrto, atravesso o Baixo-Douro — que é um Minho de campos menos retalhados, de verdura menos fôfa, de côr menos uniforme, de claridade menos crua. A luz, mais grave, valoriza os vários azuis dos montes com suas escarpas e quebradas; os verdes delicados das árvores de qualidade; os verdes fortes das copas dos pinheiros, penetradas de sombras; as massas escuras dos seus troncos violáceos; os castanhos vermelhos dos telhas velhas sôbre brancuras de fachadas entre terrenos amarelentos e céus azulinos; e os tostados quentes

dos taludes de saibro. A fisionomia da paisagem acentua-se. Há carácter. Os outeiros começam a transformar-se em montes; os vales alargam-se e afundam-se; os horizontes distanciam-se. Serras ao longe.

Estamos em fins de Abril. A primavera, andada de um mês, ilumina o ar com as copas lilases e brancas das cerejeiras e das macieiras; com as hastes finas, direitas ao céu, das ameixoeiras, borbulhadas de rebentos de flores alvas; — árvores beirando campos verdecidos de trigo serôdio, ou lameiros geados pelas toalhas das margaridas de neve. As giestas afitam-se de branco, e os tojos pontilham-se de revoadas de borboletas amarelas. Para além, montes de margaça lilás parecem montes de mosto. Agora, pinhais espessos e vales fundos.

Começa o Douro alcantilado, de catadura áspera, sôbre um rio de barro compacto, lá em baixo, num encaixe

de rochas esbranquiçadas e corroídas pelos enxurros invernosos, revassando-se nos pegos, quebrando-se nas ilhotas de fragas irrompidas, umas, do leito pedregoso, outras arrastadas, durante séculos, pelos cachões, pelas cheias altas, de grossas águas que derruem muros, arrasam pontes, assoriam lodeiros e inundam elevados campos marginais.

Agora, de um e outro lado, montes, que há quarenta anos ainda verdejavam até os cômoros, na abundante alegria das suas côres e da riqueza de vinhedos preciosos, são hoje terras abandonadas aos tremoçais, à urze e aos zambujeiros, a tufarem suas verduras bravas por entre as pedras dos geios derruídos, onde as velhas cepas, calcinadas como carvões, morreram e apodreceram.

Terras vencidas!

Mas adiante aparecem as geiras, redradas, limpas de felgas e de pedras sôltas, das replantações novas, com

seus taboleiros suportados por muros de xisto, suas fileiras de cepas, alinhadas e cuidadas, vindas dos lodeiros da beira-rio e subindo montes, em socalcos, até o cocoruto — conquista laboriosíssima, custosíssima, só permitida aos vinhateiros ricos e tenazes.

Terra vencedora!

Do Corgo para cima, é Alto-Douro: — chão de xisto esfarelado pelo ar, pelo calor, pelo trabalho mortal da enxada, bidente e sarrada, do cavador-escravo, que, de sol a sol, debaixo da saborreira calcinante, curvo, fincado no alvião, com a pele a escaldar e a luzir de suor, o corta, o espedaça, o pulveriza, convertendo a pedra em terra — em humo aspérrimo de que as raízes das cepas se alimentam com voracidade infernal, como plantas do diabo que exigissem, para seu sustento, o fogo da terra e o suor dos homens. A terra escalda: o ar queima. Secam as fontes, ardem os montes.

Não há uma sombra de arbusto, nem um pingo de água. Há sessenta graus de calor do inferno, sêde, sezões, dor, morte. ¡Uma gota de vinho custa todo o suor de um homem!

*
* *

Subindo o Tua, entra-se em Trás-os-Montes. O combóio, aberto na rocha viva da montanha a pique, serpeja, cá no alto, acompanhando as curvas duras no fundo do contorcido rio de um vale estrangulado, feito de altas serras de penedos a despenharem-se — águas sombrias em terrenos de erupção de um ciclo de cataclismos.

Também tudo isto, de um lado e outro, foi, em tempo, vinha farta, vinha rica. Hoje, nestes montes miseráveis, irrompem por tôda a parte arbustos rupestres, carrascas e zambujeiros verde-negros. De onde a onde, na sombra violácea de um barranco, que de

alto abaixo talha o monte, terrinhas enxurreiras são aproveitadas para pequeninos laranjais — sorriso de verdura entre secos de urzes requeimadas pelo sol candente.

O rio, atormentado, braveja espumas de encontro às penedias que, no meio das águas, o querem suster. Os alcantis das margens, a pique, altíssimos, são, uns, pedreses, outros, torriscados dos vermelhos mostosos dos sobreiros sem casca, escorrendo, nalguns, líquenes verdes como limos, ou musgos amarelos como enxôfre. O sol poente deve lascá-los de ouro e de cobres fúlgidos, embrechá-los de pedrarias brilhantes. Aqui e alêm, entre penhascos e negrilhos bravos, verdeja o mimo tenro de uma relvinha húmida para pasto de cordeiros.

Penedos sobrepostos em penedos, emmuralham-se em baluartes formidáveis como que a não permitir que os montes, insofridos pela injustiça da Natureza, se despenhem, numa sabo-

tagem de vingança truculenta, sôbre o rio, para nêle saciarem seu ódio secular de se sentirem morrer de sêde, à vista de tanta água fresca que não podem beber, com que, em horas ardentes, se não podem refrescar. Curvas seguem-se a curvas feitas por montes rochosos, muito próximos uns dos outros, onde a luz mal entra.

E, assim, durante léguas, se prolonga esta paisagem dantesca, a dizer as dores ingentes da Terra, naquela idade do mundo em que o seu coração ígneo rebentou em dores.

*

* *

Por alturas de Brunhos, o vale dilata-se e a luz desce generosa. Os montes baixos mancham-se de panos verdes de centeio novo. Há casais soltos; uma capela branca; bois no pasto. No rio verde, alargado e parado, pincelam-se outros verdes mais claros, mais

doces: — os do centeio a pungir nos campos, os dos choupos tenros, com suas folhitas de primavera tímida, que chega tarde a estes sítios frios.

Em Vilarinho acabam os tormentos do Tua. O rio é agora uma tira de céu azul, posta ali no chão, entre verduras; e suas águas, ao cair nos rápidos, formam belas curvas de vidro verde, pulido e transparente, partindo-se, no fundo de açude, em refervuras de espumas alvíssimas e espraiadas — tonéis de champanhe que do alto se despenhassem.

A' volta de Mirandela, terra quente e farta, tudo são bíblicos olivais, de poda boleada e arejada. Seguem-se léguas de sobreiros de tinta granítica nas copas, e sangrenta nos troncos descortiçados. Depois, soutos de castanheiros que, no outono, se encherão de tons fulvos e sangüíneos nas suas fôlhas de latão e cobre. Por fim, nas alturas de Rossas, escancara-se um vale de lamei-

ros verdes, de levadas, de regos de água —o sangue da terra—desafogadíssimo, entre oiteiros de carvalhidos negrais e horizontes fechados por tintas de montanhas azuis, de manchas ténues, distantes, onde o olhar voga nos longes imprecisos das cousas...

Até Bragança—terras acidentadas e fartas.

*

* *

Daqui a Vimioso são onze léguas puxadas, por alturas, num permanente panorama de montes sem árvores, às ondas, uns para além dos outros, sobrepondo suas corcovas de tintas verdes, vinosas, violáceas, com manchas de sombras ardoseiras das nuvens de cúmulos de cinza espêssa com rebordos de branco luminoso;—até às últimas montanhas, no horizonte longínquo, até à cordilheira da Culebra, em Espanha, cristada de neve virginal posta

entre dois azuis profundos: o do céu e o da terra.

A estrada que desceu ao Sabor, marginado de amieiros e negrilhos, trepa à lomba dos montes e segue, airosa, entre cerejeiras em flor, desdobrando sua fita branca no ar lavado desta paisagem de serras nuas, que no verão devem escaldar o corpo e desolar a alma com os leirotos monótonos dos seus amarelentos restolhos requeimados. Léguas e léguas sem viv'alma; léguas e léguas sem um casal; léguas e léguas sem uma ermida branca nestes montes que parecem ateus ou aonde, pelo menos, não sobe a prece dos homens.

A' volta, em chãos secos — estevas, giestas, arsans e silvas gravanceiras; distante, no panorama amplo, por onde se distende o olhar, a tôda a roda, a sinfonia da ondulação dos montes rapados, em xadreses, de colossais panos de burel e de méltones, dos matos roçados e das verduras limosas dos centeios novos, a escorrer pelas lombas

coureladas. De onde a onde, um pombal branco.

O *auto* roda veloz, a zunir, como um besoiro gigantesco, espavorindo os bezerros, parando de espanto os olhos dos pastores, pondo em debandada as ovelhas e os cabritos que trepam pelos outeiros.

De muito longe em muito longe, topa-se uma aldeia serrana, de paredes broentas e de telhados tanados — casas baixas, aconchegadas umas contra as outras, como rebanhos. Eleva-se um campanário caiado. Branqueja uma capela. Raras árvores. Alguma verdura de prados. Foi um instante: — lá ficou para trás.

¡Outra vez o descampado! ¡Outra vez a secura!

Na estrada cruzo-me com altas carroças de duas enormes rodas, com um combóio de mercadorias em cima, em tôrre, puxadas por cinco ou seis ma-

chos, a um de fundo, a passo, acompanhadas do oleoso almocreve, em mangas de camisa, a pé, com a tira do chicote passada pelos ombros.

Cães, a ladrar, dentes arreganhados, pêlo hirsuto, perseguem, num galope doido que os estira em lebres, o automóvel veloz. Mulheres pobres, a fazer meia, envoltas em mantéus escuros, passam montadas em burricos lanzudos, sem arreios, em chouto triste. Uma rude cruz funerária, sôbre um monte de pedras (Padre-Nossos!) diz «morte de homem». Casas ao longe: — é Vimioso. Começa a Terra de Miranda.

*
* *

Daqui por diante as estradas são raras e os poucos caminhos — péssimos.

A catita que me leva — traquitana desconjuntada, mas forte, amolgada, mas brava, de molas rudas e duras, de rodas tôscas e tenazes — afoita-se a tu-

do: ladeiras, despenhadeiros, atoleiros, barrancos, riachos; e ora mete por campos de centeio, ora trepa a lombas cobertas de mato, — ¡sempre de boa cara, sempre triunfante! São caminhos para viagens a cavalo, por montes e vales. Uma traquitana é luxo perigoso.

Estas terras insuladas, longe de tudo e de todos, vivem sôbre si, mantendo-se no seu modo de ser antigo, nos seus velhíssimos costumes, na sua língua primitiva, feita do encontro do falar plebeu romano como o das invasões dos povos que se instalaram aqui em tempos idos. Se estes planaltos não foram, nessa idade, florestas virgens habitadas por ursos e javalis, estão hoje como estariam no tempo de Henrique de Borgonha, quando êste os atravessou, armado de loriga esmalhada, morrião de cimeira e montante, cavalgando no meio dos seus homens sopesados de lanças e bestas, descidos do vizinho reino leonês para o condado portucalense.

O silêncio medievo dêstes montados antigos, num recanto longínquo, na extrema nordeste de Portugal, a acabar, em cima, em termo de Alcaniços, e, aqui, desta banda, a partir com o planalto de Zamora, que pega com o de Castela Velha, de onde nos vieram as rainhas da primeira dinastia; a língua que se fala ainda hoje e foi contemporânea de D. Afonso Henriques; o que sabemos dos velhos costumes conservados nesta região por um povo de face e olhar rústicos, vestido do obsoleto burel afonsino; — tudo isto nos afasta do tempo presente e, instalando-nos no viver antigo, faz com que nossos pés de hoje sintam que estão pisando chãs reguengas que, parece, se governam ainda pelas cartas de fôro que D. Denis e D. Manuel outorgaram aos moradores dêstes coutos.

Caíu nesta Terra a letra de vários privilégios concedidos pelos senhores reis portugueses, de duzentos e quinhentos, fazendo saber, a quantos suas

cartas vissem ou ler ouvissem, que tal vila ficava escusa de fôro rial, e que considerava vassalos todos os seus cavaleiros de armas. Além instituía feiras francas, e honrava certo terrão com o direito de ser couto de homiziados. Das viagens régias ficava êste rastro de favores. E os reis de então — pais — vinham longe visitar seus filhos raianos e eram grados em lhes fazer suas mercês.

*

* *

O Sr. Francisco, velho alquilador, dono e condutor da traquitana a espedaçar-se nas suas ferragens desconjuntadas, vai-me contando casos e cousas das terras que atravessamos. A sua cara sem barba, modelada pelas sombras da face sêca e pelos vincos fundos aos lados da bôca, na testa e em volta dos olhos negros que dominam, com expressão fiel, tôda esta rudeza — lembra a dos «homens do

Infante», no painel de Nuno Gonçalves.

Por deferência, conversa comigo em língua *grave* (português), mas com a rara gentinha triste que vamos topando por estes rudes caminhos, troca dizeres em termos *charros* (mirandês) de espanholado falar.

— Bunos dis, amiio Manul.

— ¡Olá tiu Farruco!

— ¿Que tês que vás caçurro?

— Nadia...

— ¿Que ombra te pesa, ombre?

— Neguma.

— ¿Como vai aqueilha que sabes?

— Marié?

— Si.

— ¡Non me hables delha!

— Porquê?

— Es una ambrulheira, una cotchina, una...

— ¿¡Que me cuntas?!

Nesta altura o tal Manul (um moço de lavoura tôsco e espadaúdo), fita os

olhos de brasa nos olhos mansos do Francisco e, por entre dentes cerrados, esfuzia uma palavra baixa e insolente, a espumar ódio e sangue, contra a traidora amásia; e ao mesmo tempo, levantando os braços hirtos de cólera e enviesando o olhar inviperado na direcção de uma aldeia parda, ao longe, faz, com as mãos crispadas, um gesto convulso de ameaça tremenda. Súbito, corta, duro, para o monte, em passadas agrestes. Vai furibundo: leva na alma o cio de um toiro e o ciúme arreganhado e noctívago de um felino montês.

O cocheiro ainda lhe grita do alto da boleia:

—¡Manul, anda cá!

—Adius!

—¡Que tengas juizio!...

E para mim:

—¡A cabra da rapaza!... Pregou-lha!...¡E' rês ao monte!...

—Mata-a?

—¡O mais certo! Nestes sítios, as

mortes são só por vinho ou mulheres.

Distante, na orla de uma terrícula côr de estamenha, a enfêsto do monte sêco, recorta-se, no céu de âmbar, a sombra negra de um homem dobrado atrás de uns boizinhos negros, a arar sua leirinha pobre.

Em Genízio, ao passar pela capela de São Ciríaco, o sr. Francisco, com o carão súbitamente assombrado de respeito, tira o seu chapeleirão à sineta de um pequenino campanário, porque ela é benta e advogada contra raios e coriscos: numa tempestade, seu repique afugenta trovões, desfaz nuvens de chuva e derrete a saraiva que paira no ar.

— Acredita?

— Tenho ouvido dizer. E' cá a nossa fé...

. . . .

E emquanto o tal moço Manul lá fica para trás a crucificar a alma afeleada

no desespêro espumante daquele cio de novilho, que uns chamam amor outros inferno — paixão que leva ao crime, à perdição, à morte; — o Sr. Francisco, que já passou pelos pecados da mocidade, diante da «campana santa», persigna-se com dedos grossos, enchendo o peito de religião.

*

* *

¡O que por aí vai de superstições, de velharias, costumeiras originais e pitorescas, nestes povos, em parte, a viver ainda na comunidade familiar da propriedade, à volta de um juiz por êles eleito, que, rigoroso na fiscalização dos gados, impõe multas de vinho, depois bebidas, em conjunto, nas festas de ano, nos meses ardentes de verão! Tôdas estas miúdas aldeias insuladas nestes descampados, num raio de umas seis léguas daqui — Caçarelhos, Especiosa, Ifanez, Cércio, Ralacouto,

Prado-Gatão, Sendim e tantas outras—estão impregnadas de lendas antigas, de superstições, de velhos casos, contados e recontados nas seroadas do outono, nos fiadouros ao ar livre, em comum, à volta da fogueira alta, ou nas lareiras afumadas, quando o «inviêrno de nôbe mèzes» zune nas telhas vãs, levanta os colmos, a chuva da «nube de Pranã» tudo alaga, e as geadas queimam os rebentos novos. No estio, as conversas são ao sòlheiro, às portas dos casais de pedra sôlta, vizinhas com vizinhas, umas a fiar, na roca lavrada, a lã das suas ovelhas ou a estôpa do linho que venderam no mercado de Miranda; outras, de cara e braços enfarinhados, que vieram, em dois dedos de paleio, palrar um «rato», emquanto esperam que na cozinha negra o pão levede na encardida masseira.

Ao sol se criam os filhos sujos, de cambolhada com os bácoros que, de noite, dormem junto dêles no chiqueiro

a pegar com a cozinha térrea e com o palheiro de feno onde homens e mulheres se metem, em noites de enregelados frios. Ao lado, o tear que tece o burel dos seus chambres e polainas, a enxierga das suas saias e as saragoças das suas mantas grosseiras de pêlo eriçado, que o pilão não amacia.

Da imperial da pequena diligência, vejo, num cerrado, mocinhas vestidas de pardo, tristes, a guardar vacas; num outeiro sêco, rapazes, com calções de pele de ovelha, olham pelo rebanho esparso; e numa pequena geira, murada, aqui próximo, na fieira de homens em mangas de camisa, mulheres pobres, com os filhos envoltos num chale, e pendurados das costas, como ciganas, sacham uma terrinha esboroada, tão pedregulhosa e sêca, que se ao ano lhe der para mau, poucas teigas de centeio colherão decerto.

*

* *

Na aldeia de Malhadas pára a traquitana. Apeio-me. Cercam-me rapazinhos e raparigas de faces brancas e sardentas, olhos azuis e cabelos ruivos — como saxões. Uma mocita, de butes, sua saia azul de miúdas ramagens amarelas, a blusa muito fechada resguardando o seiozinho brando, uma repa de cabelo de estriga a sair-lhe por debaixo do lencito pôsto em coifa soqueixada — logo me pregunta com desempeno, a sorrir primaveril:

— ¿Como se chama o tio?

Os outros riem. A' volta, mulheres velhas, vestidas de xerga, fiam, umas linho grosso, outras, a lã parda das suas canhonhas. Homens — caras rapadas, avermelhadas, coloridas, olhos pretos e húmidos, cabelos muito negros caídos para a testa — tipos velasquianos — carregam um carro de raízes de carvalhos, e cumprimentam-me

de lá, cordiais, com acenos de mãos grossas, boamente.

Mas já a traquitana abala de novo e logo o Sr. Francisco, a cara compungida, me diz que, indo informar-se da saúde de certo amigo seu, soubera continuar êle doente e havia já quinze dias: — desde Sexta-feira Santa.

— Com quê?

— Com os açoites e as vergastadas que lhe deram na representação da *Paixão do Senhor,* em que êle fêz de Jesus.

— Maldade?

— Não: penitência!

*

* *

Dias depois, uma tarde, na aldeia das Duas-Igrejas, onde ainda êste ano se representou *A muito dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo,* antiqùíssima, de Francisco Vaz; — uma tarde, reùni em volta de mim meia dúzia de rústicos actores que, na última Semana

Santa, deixando sua lavoura, interpretaram êsse auto vicentino do século dezasseis, que meteu muita gente, quási todos os homens (só homens) daquele pequeno povo sertanejo. Êsses poucos, porêm, estavam preparados para reproduzir todo o drama, pois cada um sabia os papéis dos outros. Não admira: tinham gasto um ano a decorá-lo e a ensaiá-lo.

Então, numa curva de estrada, junto de um velho portal, no meio de moleiros enfarinhados que nesse momento deixaram mais cedo suas azenhas; de homens que voltavam dos campos, com grandes sombreiros, em mangas de camisa aberta sôbre o peito cabeludo, a véstia e a sachola ao ombro; outros de aguilhada no ar, à frente dos bois; de anciãos cobertos com os seus adornados capotes de saragoça, «honras de Miranda», velhíssimos, que duram uma geração; de mulheres vestidas de burel, vindas do tear e do lar, a fazer meia ou, de roca à cinta, palrando umas

com as outras o seu mirandês doméstico; de muito rapazio miúdo empoleirado num carro de mato; um moço a cavaleiras em alto burro espanhol de orelhas enormes; de galinhas a depenicar couves podres; de porcos a fossar numa cova de lama; — então, das bôcas rudas dêsses homens, ouvi passagens tremendas e doces do religioso auto a que tôda a aldeia assistira com profunda piedade, quando, outro dia, em Domingo de Ramos, êle se representou sôbre um tablado de madeira, com scenário substituído por letreiros rabiscados em postes — como nos míseros tempos do teatro *Globo*, de Shakespeare.

Ouvi, a um aldeão idoso e grave, as falas preocupadas de um Caifás que junta os seus em conselho, para com êles deliberar a respeito do perigo espalhado desde Cafarnaum aos outeiros de Engadi, onde alguêm, que se intitula filho de Deus, prega contra a Lei antiga. Assisti aos pinotes de um diabo coxo que, em trejeitos de endemoni-

nhado e rizinhos insinuantes acompanhados das malícias de um ôlho pisco e brèjeiro, e de cochichos ao ouvido, cheios de promessas de arregalar, se enrosca na alma dúbia de um Judas zarolho, de barbicas reles (traidor que o povo colérico apostrofou na noite da representação do auto), — se enrosca para o levar a vender o meigo Jesus.

Ouvi também um alentado e achavascado moço de lavoura, de jaqueta ao ombro e chapéu para a nuca, todo desfeito em gestos descomedidos, dando largas passadas, a fazer roda à volta dêle, como a varrer uma feira, — trovejar, apoplético, morras raivosos contra aquele falso profeta que andava por terras de Galileia a enganar o povo crente, e que, por isso, devia ser crucificado.

— Crucificai-o! — bradava êle com voz de trovão, que se espalhava por sôbre os campos de centeio, e ia de encontro aos outeiros cobertos de oliveiras magoadas.

Mas quando êste mesmo epiléptico homem teve de dizer, no papel do Crucificado, as palavras de divino perdão do dulcíssimo Jesus, que começavam:

> Em aquesta dor tão forte,
> Filhas de Jerusalêm,
> ¡Não choreis a minha sorte!
> ¡Mas chorai a triste sorte,
> Pois que tão cedo vos vem!

todo aquele corpo desmanchado pela agitação da falsa ira, se aquietou numa atitude quebradamente parada; os braços cruzaram-se vencidos, e a cabeça de chumbo tombou sôbre o peito, num recolhimento de comungan e que sente Deus no coração. Empalideceu. Seus beiços grossos, descòrados, tremeram; suas mãos calosas da enxada e encardidas de um dia inteiro de safra no labor suado de rasgar a terra, como que se alimparam e se purificaram em expressões de bondade simples; e sua voz de montanhês selvagem, dulcificou-se na ênfase avolumada e oleosa de um

clamor antigo, que êle ouvia em si, vindo das paragens bíblicas das terras da Palestina, de urzes e mel silvestre, desconhecido como o latim dos padres ministrado na missa, nas lástimas do cantochão — clamor de mistério, herança inconsciente de gerações cristãs que êle tinha acumulada na sua alma religiosa. Depois, levantou a cabeça, pôs o olhar longo no céu alto, e sua face espasmou-se em beatitude clareada de candura. Devia ser esta a expressão de um cristão primitivo nas sombras das catacumbas das vias Apia e Salaria. E assim continuou a rezar a sua fala doce...

O mulherio enterneceu-se. Os homens, tirando seus chapéus, meditavam; os rapazes calaram-se; e pareceu até que as aves, pousadas nas árvores, suspenderam seus cantos; — pareceu até que o rio, ali próximo, parara sua corrente. Não podia ser mais religioso o silêncio que então se fêz à roda desta fala. no humilde canto dêste humilde

lugarejo, convertido, num momento, em Terra Santa da Judeia, não faltando, na paisagem de olivedos e de montados tristes com seu riacho modesto, o aspecto da ribeira de Cedron, no Jardim das Oliveiras, das granjas de Gethsémani, tudo envôlto na tinta antiga dêstes céus de luz quente, numa terrinha sertaneja e cristã, para alêm dos montes, na duodécima hora, ao segundo dia de lua cheia, por êste fim de Abril brando e já florido.

E nunca as afamadas representações do *Drama da Paixão* que os aldeões bávaros dos vales de Oberhammergau e de Erler, ou os de Selzach, no Jura suíço, as quais se fazem de dez em dez anos, duram um dia inteiro, se repetem de Maio a Setembro, com os seus trezentos e cinqüenta figurantes que há muito, de pais a filhos, veem representando os mesmos papéis; — nunca o intérprete da personagem central poderá conseguir, à fôrça de arte, a ex-

pressão transportada e doce que, num corpo tôsco e alma ruda, atingiu, nessa tarde de luz benta, êsse camponês das Duas-Igrejas — um informe «bloco» humano de poderosa espiritualidade. E' que tal só existe em almas serranas ou aldeãs, tôdas dentro do sentimento religioso, ou na arte dos imaginários das catedrais góticas e na dos frescos dos Giotos, artistas devotos que esculpiam suas estátuas e pintavam seus painéis com a graça beatificada do seu espírito — um jardim místico de açucenas cristãs.

*

* *

Em Cércio, aldeia de casas térreas e telhados côr de saragoça, tinta unida à dos campos acastanhados, a uma légua puxada de Miranda, o Sr. Francisco, que tem campadres em tôda esta Terra, preparou para mim, de improviso, um serão ao ar livre, com o *Fandango* e a *Dança dos Paulitos*.

Pela tarde, foi êle aos campos ter com os homens que lá andavam a sachar suas geiras, a roçar seus tojais; — e tudo combinou boamente. Eu convidei-os, depois, com um quarto de jorna, vinho e cigarros.

Na boquinha da noite, que rezava a oração do crespúsculo por sôbre a aldeia meditando suas sombras, tomou voz o gemer nasal da gaita de foles, a ouvir-se um pouco ao longe — voz feita dos balidos musicais das cabras, das ovelhas e da tinta grave de um cair de tarde em montados serranos. Vinha de cima de um outeiro e laivava o ar de imagens pastoris de currais e cerros. Pularam os corações das moças e dos rapazes, e de si para si repetiram o cantar mirandês:

Bi benir la gaita
A l cimo de l lhugar:
Pöusei la mie roca
I pus-ma beilar.

No cabanal de entrada de uma pobre casa, o bombo chamava gentes: e logo tôda a aldeia se ajuntou — moços, moças, crianças, velhos e velhas. Pronto, ao som da gaita a mugir, do tamboril a rufar e do bombo a troar, o *Fandango* salta animado, em dança de roda, aos pares, braços no ar, dedos em repeniques estalejadinhos, pernas agitadas numa tremura de maleitas, acompanhando o sapatear de tacões convulsos no chão de terra, — ora às arrecuas, a fugir da moça que o segue, ora a avançar para ela que lhe foge num permanente negaçar de ancas desejosas.

A' volta, todos interessados na alegria do bailado, empasta-se a massa parda dos pais, embuçados nas suas honricas, das mães, das irmãs, envoltas nos frangalhos dos seus buréis. Num murinho, sentadas em fila, crianças com suas roupinhas rôtas. Sobe a lua cheia, dourada, através dos ramos das árvores ainda não cobertas de fô-

lhas; e no alto de um olmo, num ninho, grande como açafate, recortam-se, no alambreado luminoso do céu, as manchas negras de duas cegonhas equilibradas nas linhas das suas pernas altas. A luz é meiga e serena.

Já passa de mão em mão o copázio cheio de vinho do sítio — uma translúcida ametista, esperta, traiçoeirazinha, que se insinua, aquece e trepa.

O baile anima-se. As castanholas repenicam. Os peitos achegam-se, as pernas tocam-se; e os pés dos homens, num pulinho rítmico, fraldejam (como é do estilo) a saia da moça, que dança com os olhos ardentes e húmidos, fitos nos do seu par, ao mesmo tempo que, com a mão no lenço de cabeça, cobre e descobre a bôca, em trejeitos de garridice provocante, ora a mostrar ora a esconder os beiços quentes, cheios de beijos para dar, os dentes brancos desejosos de morder...

Entre as mais, tôscas como cascas

de pinheiros, pulantes como cabritos monteses, sujas como ciganas galdripeiras, destaca-se a airosa Engrácia, de corpo miúdo, boleado, com seus dezanove anos sãozinhos, cabecita redonda, cabelos, na frente, apartados em risca singela e, atrás, juntos em roda de tranças encanastradas como fundo de cesta de costura. Os olhos são castanhos, papudos, e brunidas as maçãs camoesas do rosto moreno, e a bôca, com os cantos fundos e floridos, é bondosa e atrai. Tôda ela sorri num sorriso discreto. Vestida de burel, aos remendos, honestamente resguardada no chambre muito afogado no pescoço, e na saia vasquinha de mil pregas na cinta, farta e rodada, meneia-se graciosa, sorrindo sempre, a meter-se com os mais, que assistem ao serão — na simplicidade dada da sua virgindade silvestre. E esta luz de crepúsculo a apagar-se e de luar a nascer pincela-lhe de escassa claridade as curvas da testa e das faces, modeladas pelas som-

bras do pescoço e pela massa castanha dos cabelos, unida, na tinta, ao pardo do seu vestido de xerga. E' uma Gioconda rústica que bailasse.

— ¡ Tio — diz ela para mim, risonha e natural — venha bailar comigo!

Por cima da música da gaita e do tamboril, sua vòzinha sonora (— um sorriso ainda) canta em mirandês:

> L' mio amour e l' tou
> Si endam à la ribeira;
> L' mio à la yerba cidra,
> L' tou à la yerba cidreira.

O baile aqueceu: há sorrisos, ditos. gargalhadas.

O Sr. Francisco, de carão aberto e olhar satisfeito com o êxito da festa que preparou, conta-me, a propósito de uma cantiga velhaca que anda no ar e que fêz rir maliciosamente tôda a súcia:

—Dantes, conheciam-se aqui as raparigas *enganadas,* porque tinham de andar de meias pretas.

— E hoje?

— Passou. Mas se ainda fôsse costumeira, poucas seriam as que não cobrissem de luto as pernas...

— E casam?

— Tôdas. Levam com elas os zorros (filhos dos outros) e os homens não se lhes dá...

*

* *

Agora é a *Dança dos Paulitos*.

Só se pôde organizar meio jôgo: oito figuras distribuídas em guiões e picões dianteiros e traseiros da direita e da esquerda. Em mangas de camisa, estes oito homens rudos trazem flores e lentejoilas nos chapéus de altas copas e de largas abas, e, nas costas e ombros do colete, encanastradas fitas de várias côres berrantes. Em cada mão, um pau grosso como cabo de martelo, curto como batuta. A dança rompe com audácia vivíssima, em passadas intrépidas, marcadas pelo rufo marcial do

tamboril e pelas pancadas firmes e sonoras dos paulitos a baterem uns nos outros, no ritmo rápido dos movimentos dos dançantes, cruzando-se, laçando-se, entrelaçando-se uns por entre os outros, apressados, avançando sempre como se caminhassem em campo vasto na frente de um exército ou de uma cruzada, arrastando atrás de si multidões alvoroçadas de sentimentos guerreiros ou piedosos — num arranco de corações em fogo. E' uma dança guerreira de movimentos acelerados e rítmicos, inflada do modo dórico da austeridade espartana.

A gaita e o tamboril calam-se e a dança continua, mas cadenciada pelo repenicar das castanholas febris e pelo movimento dos *laços*, cantados, a uma voz, pelo guião e repetidos, em côro, pelos dançantes:

Aqueilla majada abajo
Una lliêbre bi correr,
L's galgos ibã tras d'eilĺa,

No la pudiru coger;
Tu l'atiraste, yo l'atiré,
Ni tu la mataste,
Ni yo la maté.

E como êste, outros *laços:* o da *Yerba,* da *Enramada,* da *Çaramontaina,* do *Perdigon,* do *Mirandún,* que os estenua, pois esta dança. só de homens, ¡é uma brutal marcha forçada!

As raparigas admiram-lhe o aparato, mas não a entendem nem a estimam por nada lhes dizer ao seu sexo que exige danças em que elas entrem — em que seus desejos bailem.

Por isso as moças de Cércio, neste serão de arraial improvisado, querem também bailar e berram pelo *Fandango.* De novo se volta à dança de roda.

O luar vai alto. Há neblinas nos longes da campina.

Agora baila-se um *Fandango* bravo, vermelho, escaldado pelo calor do vinho que trepou às cabeças. pelos sentidos ao rubro, pelo percutir das baquetas excitadas a rufar na sola do tambo-

ril, pelo convite afrodisíaco da brancura da noite luarenta a misturar seu misticismo com o hálito dos fenos dos campos, e com o bafo quente dos currais, aqui ao lado, onde lascivamente mugem bezerros em camas de tojos por curtir, não menos duras que aquelas em que esta noite dormirão os corpos a arder em sensualidade desabrida, destas moças e dêstes moços brutos que, cada vez mais, açulados pelo cio, lá continuam a bailar, em derrengues de bustos e ancas, em ofertas e negaças de desejos vulcânicos: — a bailar sob a luz da lua cheia que invade de volúpia as almas e os cerros desta distante província trasmontana, despovoada e áspera.

Lá continuam, lá continuam...

São Miguel de Seide

O sítio é vulgar e um pouco baixo, embora desafogado a nascente pelos longes dos montes de Vermoim, sôbre o vale em que se esconde a aldeia de Ninães. Em Janeiro, os pinhais do Calvário e de Ruivães, ali próximos, e os de Landim, devem na verdade, «gemer», como, estarrecido, dizia Camilo que em sua alma remordida ouvia, nas vozes da escuridão, sentenças que o condenavam... Então, quando as noites de invernia aí desciam, longas, negríssimas, humidíssimas, a enregelar-lhe o corpo, como se êle estivesse dentro das quatro paredes

esverdeadas e gotejantes de uma cisterna, e a anuviar-lhe a alma, como se vivesse num destêrro; — então, o espírito de Camilo, romântico e torturado, a sonhar com o movimento, com o sol, com a vida, havia de sofrer mortais nostalgias, semelhantes, aliás, às que sentiria da solidão, ao ver-se no meio das cidades burguesas e ignaras, que o não amavam nem compreendiam. A multidão irritava-o, o isolamento matava-o. Assim, nos vaivêns das aspirações contraditórias e da vontade incerta, se debatia, desesperadamente, a alma agitada de Camilo. Por isso, não parava; ora em Seide, ora no Pôrto, na Foz, em Braga, em Coimbra, em Guimarães, em Lisboa, na Póvoa; ora outra vez em Seide, instalando-se e desalojando-se, passou a vida no deambulismo do exaspêro da insatisfação absoluta.

A casa de Camilo está a desfazer-se. E' uma suja mancha amarela, tristíssi-

ma, entenebrecendo o ingénuo torrão minhoto que a cerca com suas bouças, videiras de enforcado, lameiros verdes, campos de lavradio, cujas côres param de sorrir, como em montanha cheia de sol aquele trecho que uma nuvem negra ensombrou. A casa, onde morou o génio e a dor, espalha lúgubre sombra. Vendo-a arruìnada, silenciosa, morta, estremece-se num arrepio de pavor — tanto essas paredes estão impregnadas de trágicos infortúnios.

*

* *

Desde os quinze anos, aventuras de amor emmaranharam-se nêle romànticamente, desastradamente, atingindo a culminância num drama de adultério escandaloso, que o levou à prisão e de onde Camilo saíu, um ano depois, excruciado de amarguras. Afastou-se. Gastara-se e aprendera; caíra e advertira-se; sofrera e melhorara-se; mas,

porque em si a vida irrompia aos borbotões, outra vez se engolfou nela, com novas aspirações e novas desilusões, esperanças festivas e desenganos grosseiros, muito devaneio que transporta a alma, muita adversidade que a derranca. A fé anunciou-lhe o céu, a dúvida anuviou-lhe o cérebro. Foi autor e actor. O escritor do *Romance de um homem rico,* do *Amor de Perdição,* das *Memórias de Guilherme do Amaral,* interpretou as paixões dos outros, evocando as próprias; e como essa alma era tecida de tragédia e de gargalhada, viu-se, ao lado dos desalentos que a avergavam, enflorar nela muito aspirar altaneiro, e assistiu-se ao sacudido espectáculo de a ver saltar da ternura à troça, da troça às lágrimas. Um genial desequilíbrio de sentimento o enchia todo, e isto bastou para elaborar nêle a sua obra de paixão, e para explicar a versatilidade das suas doutrinas, as intermitências da sua fé, os desvios da sua moral, a inconstância do seu carác-

ter. Muitos dos seus livros são escritos de improviso. São produto de intuição — a flor do génio. A sua obra, como a sua vida, é intensa, desordenada, grande, desigual, alegre e trágica. Com o tempo a todos perdoou, excepto aos desenganos que mais fundo o feriram; e isto fêz dêle próprio o seu maior inimigo: seus sarcasmos teem raízes em lágrimas de fogo e de blasfêmia.

*

* *

¡Romances de amor!

Vós, mulheres portuguesas, amai-o sempre, porque Camilo foi o mais sagaz e carinhoso intérprete do vosso coração. Elevou-vos. Deveis-lhe as maiores homenagens. Todos os graus do amor, desde que êle não é ainda senão um arfar mais fundo do vosso peito iludido; um olhar mais demorado e já quebrado; uma atitude de cabeça combalida; um gesto de mãos pensativas; uma

sombra de melancolia em vosso rosto alegre; desde estes nadas, que são mundos, até às violências da felicidade ou da dor; todos os aspectos: aquele amor tímido que se esconde, e aquele amor vaidoso que se exibe; o amor passivo da mulher meiga, o amor consciente da mulher orgulhosa, e o amor explosão da mulher arrebatada; — todos estes modos de ser do mesmo cuidado, que é prazer e dor, que é vida e morte, Camilo entendeu e exaltou.

Nas mãos dêle andaram os vossos mais bonitos segredos de amor. Vivem na sua obra os tipos perfeitos de mulher amorosa dêste amor português que alguns chamam romântico e que eu chamarei divino, ¡porque é divino tudo o que não é dêste mundo! Vão mudados os tempos, bem sei. No amor, o espiritualismo é contido pela análise. A alma de Platão anda arredia das almas modernas...; e se dantes os corações devaneavam em quimeras, os de hoje sofreiam seus ímpetos no cálculo assisado

da vida prática. No emtanto, ainda por aí freme, em corações moços a ansiar de sonhos, muita insistência de raça afectuosa, muito irredutível atavismo de sentimentalidade que rebenta e estruge em ¡gritos de amor fatal! Essas almas compreenderão as grandes amorosas de Camilo.

A Virgínia do romance *Memórias de Guilherme do Amaral* é o tipo do amor consciente que, amando sem poder inspirar amor semelhante ao seu, tem o orgulho do que vale e da embriaguez de felicidade que poderia levar a quem desse o seu opulento coração. ¡Incompreendidas, essas malaventuradas heroínas acabam por amar a sua dor, e maceram-se a sorrir, bemdizendo o homem mau que as faz sofrer; rejeitam consolos à sua amargura; amam o desamparo como amariam a doce companhia sonhada; humilham-se com gôsto; sacrificam orgulho e dignidade; põem prazer em despenharem-se e, cercando

o amor de superstição e de fanatismo, quedam-se vencidas por se julgarem condenadas por Deus «ao infinito inferno do amor»! A's vezes, encontram nos afagos da humildade religiosa o deleite dos seus remorsos serenos...

A Mariana do *Amor de Perdição* é o tipo do amor impronunciado, que vive oculto no silêncio da alma e que de si próprio se alimenta. Rebuça-se em mistério; é sua divisa desinterêsse e generosidade; e, desejando o infinito, com um nada se contenta: um gesto, um sorriso, o consôlo de um olhar terno... ¡Com um beijo — ¡o primeiro e o último! — dado no cadáver, ainda quente, de Simão Botelho, Mariana se considerou paga de sua mocidade perdida! ¡Grandes figuras de mulheres, essas, a interrogar o céu, o mar, as cousas, em busca de quem lhes entenda as ânsias divinas das suas almas incendidas e lânguidas, que, por fim, o amor precipita nas catástrofes da loucura ou da morte! ¡E como o escritor é enorme nesses lan-

ces de dor ingente! — são sacudidelas bruscas estracinhando o coração em choros e soluços.

Camilo, que tinha, com a penetração das lágrimas, aquele gôsto romântico pela desgraça, estudou como ninguêm o amor-paixão que, uma vez estrangulado, nas lágrimas se lava, mata quem o sofre, mas não é vencido. A Isabel do conto *Como ela o amava* atira-se à voragem do Tâmega para se abraçar ao cadáver de João Lôbo, e, mortos, ¡noivarem por entre as raízes dos salgueiros comovidos, nas delícias da noite infinita das aspirações de Tristão e Isolda!

Essa amantíssima Maria de Nazaré, da *Doida do Candal* a quem um duelo de morte roubara dos braços um amante querido, corre louca, por entre as floridas acácias do jardim que a vira feliz, soltando gargalhadas e uivos asfixiados pelos soluços e pelo pranto.

A Albertina, de *A filha do Doutor Negro,* formosa e do mais fidalgo amor,

acabou a pedir esmola nas ruas do Pôrto. A Brites tecedeira, do *Segundo comendador,* definha-se e envelhece esperando quarenta anos por um noivo ausente, com quem ela, aos vinte, trocara certa palavra de amor, por certa noite de luar. A Marta, de *A Brasileira de Prazins,* quando não pode mais chorar nem rezar pelo namorado que a morte lhe levara, endoideceu, e a rir dialogava com o morto como se o vira presente, e dizia-lhe palavras tão cariciosas que parecia falar com os lábios postos na face amada. A Teresa, do *Amor de Perdição,* enclausurada no mosteiro de Monchique, ao abrir de uma manhã de primavera que enflorava as colinas do Candal, arrasta-se moribunda, até o mirante do seu convento, sôbre o Douro; e, depois de reler, com olhos já sem lágrimas, as cartas mais ternas do seu namorado — aquelas em que melhor brincava o engano das aspirações felizes; depois de as atar com fitas desenlaçadas dos ramos de murchas flores

tanta vez beijadas; Teresa crava os olhos num navio escuro que vai descendo o rio, e lhe leva, entre condenados, o seu Simão; — ¡ crava os olhos e, agitando, por entre os ferros das grades, o lenço branco da despedida derradeira, morre a balbuciar, entre lágrimas e sorrisos, o nome do seu amado!

¡ E outras, e outras, a quem o amor perdeu!

. . . .

¡ Mulheres de Camilo!

¡ Virgínia, Teresa, Mariana, Augusta, Marta, Isabel, Joaquina, Eduarda, Brites, Albertina, Maria da Glória, Maria Moisés, Maria de Nazaré — amorosas de Camilo, almas sem ventura, no mar das vossas lágrimas desaguarão sempre as enternecidas simpatias dos que vos entendem!

¡ Oh Camilo dos raptos e das aventuras; dos duelos galhardos em clareiras doiradas; dos namoros misteriosos na

penumbra das grades dos conventos; dos fados chorados em ruelas a horas mortas sob o luar doente; ¡oh Camilo das entrevistas amorosas de corações comovidos de felicidade, vendo perpassar visões amáveis e sentindo os beijos da aragem perfumada! Muito te devem os espíritos que precisam de se alimentar da graça da vida. Tu alindaste as almas, pois o amor abre sorrisos ainda mesmo nas faces dos maus; e porque nas paixões romanescas tanto ama o coração como a fantasia, tu, Camilo, tornaste a vida leve, embriagando os espíritos em devaneios musicais...

Se, com o andar dos tempos, outra idade vier em que os sentimentos se alterem no sentido de atrofiar no coração a doçura de amar, desenvolvendo no cérebro as frias qualidades do juízo reflectido; se o poder dos afectos passar a ser cousa morta, e a inteligência serena a fôrça única nas relações de vida; emfim, se se chegar à falência definitiva do coração, teus livros, Ca-

milo, ficarão entre os grandes documentos da raça latina para mostrar quanto era meigo e forte — quanto valia! — o amor de uma mulher portuguesa.

*

* *

¡E como êle amou a sua língua — a nossa querida língua portuguesa!

A princípio, seu estilo, já rico, tem a sincera ênfase do amor exaltado que êle serve e o precipitado andamento da paixão que não escolhe palavras. Na fase do romance histórico, a mão que folheia, com vagar, os velhos documentos, folheia também os duros livros de prosa antiga e os intumecidos léxicos portugueses — guardiões da língua na tradição da estrutura e dos termos; e tal é o assombro ante a abundância aí encontrada, que o escritor, aturdido, enterra nela as mãos e, às braçadas, atira para os livros essa fartura de vocabulário, não sem que, nos ímpetos do en-

tusiasmo, consiga esconder a preocupação de passar para os seus romances todo êsse erário de palavras e de sinonímias empilhadas nas altas colunas dos arcaicos glossários. Mas vem, finalmente, um período em que, desaparecendo todos os excessos e guardados todos os equilíbrios, a prosa do mestre atinge, na máxima fôrça, sem violência, a máxima expressão com naturalidade, variedade e elegância.

Aqui, neste retiro de São Miguel de Seide, entram-lhe pelas janelas da sua sala de trabalho, na onda de vozes várias — no pregão das peixeiras, na gíria dos almocreves, na bulha de palavras e peguilhos de frases entre mulherio desbocado — entram-lhe pelas janelas os plebeísmos grosseiros e caem-lhe nas páginas de prosa clássica em que o escritor gasta seus olhos, esmiolando, por entre períodos seguidos de lial insipidez, perdidos vocábulos de preciosa evidência, ou polido dizer de frade ar-

tista. Ficam-lhe nos ouvidos os plebeísmos e nos olhos os arcaísmos; e a vivacidade de uns e o culteranismo de outros casa-os seu bom gôsto servindo sua prosa; e de tal arte que ela nem fica bafienta das expressões obsoletas que enchem êsses in-fólios, nem charra do calão ouvido aos desordeiros das feiras minhotas, que, à luz apurpurada dos alevantes impulsivos, cospem nas mãos surradas e arrancam contra magotes inimigos, floreando no ar o lódão varredor. Pelo contrário, tem sabor vernáculo sua prosa ennastrada de plebeísmos e de neologismos adrede compostos; e sacudidos requebros ultra-modernos certos períodos tauxiados de palavras em desuso. A's vezes, para marcar irrequietos aspectos da vida de hoje, serve-se das palavras mortas dos livros traçados; outras, é com termos e trejeitos de linguagem falada, ouvida à última recoveira, que êle movimenta e ergue diante de nossos olhos, em pé e vivas, essas góticas figuras da lenda

antiga, antes emmaranhadas nos elzevires dos nobiliários e das crónicas fastientas; e, repito, de maneira nenhuma sua prosa fica ronceira ou presumida, mas sempre poderosamente expressiva e marcadamente individual.

Nas suas mãos, os termos enfáticos, tratados com urbanidade, parecem naturais; os ásperos amaciam-se na tonalidade bem achada dos que os cercam; os obsoletos perdem rigidez; os vulgares ganham respeito; e foliam entre si, amáveis e tolerantes, as sisudas palavras eruditas com o gaiato tagarelar do povo folgazão. Averba substantivos; latiniza plebeísmos; lusitaniza provincialismos; e na ânsia de agitar expressões marasmadas, de tornar rútilas as esmaecidas, e dúcteis as agrestes, desarticula prefixos, muda desinências, divorcia particulas verbalmente casadas, inventa onomatopeias reflectidoras do som das vozes significadas, e reforça e acelera, com prepositivas, verbos que lhe parecem retardados de

movimento; emfim, muda, compõe e cria vocábulos e estruturas, sempre que precisa de realizar enérgicas expressões de vida, repuxadas pelo seu convulso temperamento de artista exuberante. E em todo êste maciço de palavras — artísticamente equilibrado nos seus matizes metálicos, nos largos ritmos em que as frases se ajeitam, nas flexuosidades da sintaxe livre — em todo êste maciço de palavras não há um desvio de simpatia por termo exótico ou construção bastarda, mas, pelo contrário, mantêm-se íntegro o génio da língua portuguesa.

*

* *

Nesta casa, onde hoje há abandono, frio, noite e espectros, escreveu o mestre as maravilhosas *Novelas do Minho*, ao mesmo tempo que a sua alma torturada testemunhava, dia a dia, os avanços da loucura do seu amado Jorge

que, uma tarde, ¡ameaçou o pai de o correr a ponta-pés de Seide para fora! Riu aqui as troças formidáveis dos *Críticos do Cancioneiro,* de *A Senhora Ratazzi,* e as chalaças da *Corja* e do *Eusébio Macário,* quando a alma se lhe ennoitava, pressentindo a cegueira próxima. Batia-se gigantescamente nas polémicas da *Questão da Sebenta,* gargalhando alto, do motejo à zombaria, no *O Vinho do Pôrto* e na *Maria da Fonte,* no mesmo período da sua vida em que no coração se lhe mirrava o cadáver de uma neta querida que lhe morreu nos braços, poucos dias depois de êle ver agonizar a mãe. Já não amava a mulher por quem cometera as mais desabridas loucuras de paixão, e tinha de viver com ela, lado a lado, sob o mesmo teto, a vida inteira, numa dolorosa atmosfera de recíprocas recriminações, dizendo-se amarguradas ironias, afastando-a de si, ¡detestando-a talvez! Reconhecia que o seu corpo avelhentava, quando ainda o coração fremia de mocidade

amorosa; mas, querendo fugir a tanta angústia, sentia-se agrilhoado; mas, querendo morrer para acabar, ¡tinha mêdo da morte!

Nesta casa funesta lutou Camilo com o desamparo e quási com privações; foi enxovalhado pelos medíocres e esquecido por uma geração literária que o desestimou por o não sentir nem o compreender; e ao fim de tanto sofrimento começou para êle a noite horrível da cegueira, martirizando-o anos seguidos, tendo debaixo do travesseiro um rosário e um revólver, começando o seu dia a orar e terminando-o a imprecar, até que, de tortura em tortura, de desespêro em desespêro, acabou por meter uma bala na cabeça — bala inclemente que prolongou a vida numa lacerante agonia de duas horas.

*

* *

¡Como esta casa é espêssa de dor!;

¡como estas paredes ressumam desgraças! Camilo refugiou-se nela para descansar, «em cata do bálsamo dos pinheirais e das fragâncias das almas inocentes», e, afinal, ¡nunca penou tanto em dias de vida, jamais sentiu maior Inferno!

A casa de Camilo, em Seide, está a desfazer-se. Ainda bem! E eu que, há anos, lancei, pela primeira vez, a idea de se reconstituir essa morada e nela pôr um Museu Camiliano, semelhante ao de Goethe, em Francfort, ao de Schiller, em Weimar; ao de Hugo, em Paris; ao de Shakespeare, em Strafford; ao de Dante, em Florença, — penso hoje que é de maior caridade e de melhor justiça arrasar esta casa, de maneira a não ficar pedra sôbre pedra, dispersando todos os destroços, queimando todos os vestígios, apagando para sempre e absolutamente as testemunhas materiais das misérias que moraram ali, para que êste bocado de

terra inocente que, durante quási meio século, sofreu o immerecido castigo do pêso da dor ingente, descanse emfim; ¡e, laborada pelo arado honesto e abençoada pelo semeador, floresça em espigas e dê pão!

Não sendo assim, que se escolha êste sítio para levantar um monumento a Camilo, o qual deve ser a ruína da sua própria casa, cercada de alta grade, de cadeia e de cemitério, e depois abandonada às chuvas, aos ventos, aos raios — às tempestades, — a arruìná-la cada vez mais nos telhados, nos sobrados, nas janelas sem vidros, nas portas escancaradas à noite, ao luar, crescendo, nos beirais, nas paredes fendidas, nos fasquios podres dêste montão de ruínas trágicas, os tortulhos, os ervaçais, as silvas, os zambujeiros bravos, onde se acoitem cobras e corujas, em negrumes fundos, para que tanta miséria dê idea do infortúnio ingente que morou aqui, numa agonia de anos longos como séculos; — e esta será a mais exacta *me-*

mória que se pode erguer ao génio trágico que em São Miguel de Seide penou e resplandeceu.

1914

A caminho de Barroso

Esta abalada para os montes de Barroso, saindo de Braga antemanhã, numa luz de absinto aguado e num silêncio de prece, onde se coalham as badaladas das Ave-Marias a caírem, lentas, das tôrres cristãs, acolá, alêm...; — faz-me pensar naquela outra viagem a essa mesma serra, feita há trezentos e cinqùenta e três anos, por Frei Bartolomeu dos Mártires, em sua segunda visitação pastoral, longa, trabalhosa, por despenhadeiros, cheia de casos extraordinários tidos como milagres.

Mas o enérgico arcebispo, — bondade

activa e inteligente — no meio dos seus seguido de azêmolas de carga, cobertas com velhos telizes de veludo, brasonados, montava, paciente e contumaz, mula branca e vagarosa; eu, moderno e insofrido, vôo num febril *Buick* americano, de seis cilindros e quarenta e cinco cavalos, que come léguas à razão de cinqüenta quilómetros à hora.

Há três séculos e meio, ¿o que seria então esta «Bracara Augusta», quási um burgo, com seus novecentos vizinhos sumidos na toca das suas casas baixas, de pequeninas janelas bisonhas, e, graves em escuros trajes seculares e eclesiásticos, escoados na sombra das ruas estreitas, cotoveladas, a maior parte ainda dentro dos fossos, barbacãs e muros de D. Denis e de D. Fernando, com portas torreadas, nichos de santos sôbre os arcos, tendo, numa extrema, sua cidadela com albarrã no meio de quatro cubelos — capital antiga, fidalga, de igrejas cheínhas de relíquias

abastecidas nos santuários de Roma e de Burgos?

A vida civil e religiosa fazia-se em tôrno do Primaz das Espanhas, senhor de Braga, rodeado, no côro alto da velha Sé, de sua côrte capitular, composta das dignidades de um deão, um chantre, diversos arcedíagos, um mestre-escola, um tesoureiro-mor, um arcipreste, muitos cónegos e vários tercenários, vivendo todos fartamente das suas prebendas, visitas e igrejas pingues.

¿O que seria a vida de então?

*

* *

O arcebispo chegara, havia meses, do concílio de Trento. A ida fôra uma viagem modesta, vestindo o Primaz o seu amado hábito dominicano, e pernoitando em conventos da sua ordem, em Espanha, França, Itália, incógnito sempre que podia, pois, nada sociável,

detestava cerimónias e dispensava hospitação e confortos que, por não estar afeito a êles, mais o constrangiam que o mimavam. Outros interpretarão que era propósito de humildade cristã o que o levava, como frade pobre, a saborear, em sua mesquindade, a ceia minguada e o catre duro dos simples religiosos ordinários que vão de longada e demandam mosteiros por uma noite de dormida.

Em Espanha, fôra-se por Zamora, atravessou o planalto da Castela-Velha e pousara em Palência e Burgos—de grandiosas catedrais. Vitória. Transpôs a cordilheira cantábrica, entrou em França por Baiona e seguiu por Aux e daí a Tolosa—depois de Roma, o mais rico santuário de relíquias cristãs. Carcassona, Narbona, Brissiers, — num lindo alto. Santuberi. Lupiana — a infiel; Mompilher—a doutora. Carpentras. Galgou os Alpes saboianos; subiu às alturas de Mongeneura e desceu ao raso Piemonte. Passou em Turim e

na fresca Brindes; atravessou os campos baixos da Lombardia; foi-se a Milão, depois a Cassino, Pontóia e Hospedalete. Em Brexa, pela primeira vez, seus pés monárquicos pisaram terras republicanas na aristocrática Veneza; e logo em Calião, no Tirol, entrado no vale, muito verde, do Ádige, chegou, emfim, a Trento — cidadezinha clara de palácios de mármore, de muitas tôrres, entre serras azuis, cristadas de neve.

O decidido arcebispo, que era aturado nas suas teimas, quis — êle, o último da extrema ocidental das Espanhas — ser o primeiro a chegar a essas distantes terras austríacas. E chegou. Não perdeu tempo; em cinqùenta e seis dias de duras jornadas venceu trezentas e trinta e duas léguas de caminhos aspérrimos, por vales e serras — de ordem em ordem, de convento em convento, sempre a cavalo, do nascer ao pôr do sol, e uma vez em «toboganing», deslizando vertiginoso pelas sendas ne-

vadas das cordilheiras alpestres do Delfinado, a descerem para as terras lavradias do termo turinês.

*

* *

Nessa longa viagem, ao atravessar regiões, como as de Linguadoc, onde a heresia reformista alastrara, o bom e esperto arcebispo, distanciado dos seus companheiros, só, a mula a passo, as rédeas sôltas; — o arcebispo meditava, com as mãos cruzadas no peito para que pendia a sua cabeça pesada de pensamentos e de cuidados.

A hora era grave. O catolicismo sofrera nos últimos vinte anos os ataques formidáveis de um Lutero, de um Zwinglio, de um Calvino. A unidade da Igreja quebrara-se. Meia Europa estava repartida em seitas protestantes. A política fomentava as desordens nos grandes países, para, dividindo-os, os enfraquecer; e a terra estava inda ensopada no

sangue do massacre do dia de São Bartolomeu e no das tremendas matanças dos anabaptistas e dos huguenotos.

O arcebispo inquietava-se. Sofria. Mas tudo nos diz que na alma inteiriça dêsse homem rudo, filho de lavradores, todo dentro da letra pura do Evangelho, havia também o espírito de um revoltado, em parte de acôrdo com o pensar dos reformadores, dando-lhes plena razão nos seus ataques contra os excessos de pompa do culto externo de uma religião humílima, que fôra prègada por homens descalços, e que devia, sobretudo, viver no fundo da consciência dos seus crentes, que seriam tanto melhores quanto mais se parecessem com o simples Publicano do Evangelho. Tambêm êle protestava contra os abusos dos papas e dos grandes eclesiásticos; contra a transigência da Igreja não só em contemporizar com as novas ideias humanistas, mas ainda em se deixar penetrar na vida sensual da Renascença, impregnada de orientalismo pagão,

que tinha feito de Leão X um príncipe realengo, gastando-se em banquetes, caçadas, torneios, rodeado sómente de grandes, de artistas, de letrados e de poetas, a quem pagava sonetos por quinhentos ducados de ouro.

Na alma aparentemente serena do Primaz havia, neste aspecto, o espírito revoltado de um Lutero. Calava-se, mas estava com êle.

*

* *

No Concílio, no meio de trezentos prelados, a sua voz forte e calma defendeu, tenaz, a disciplina do clero e atacou, alto e bom som, as irregularidades das grandes figuras eclesiásticas por quem deviam principiar tôdas as reformas nos costumes e no mais.

— «Os ilustríssimos e reverendíssimos cardiais hão mister uma ilustríssima e reverendíssima reforma» — dizia êle, humildemente vestido de estamenha, afoito, cara a cara de magní-

ficas personalidades, de faces bem medradas e composturas bem cuidadas nas sêdas das suas batinas e nos seus roquetes de rendas preciosas.

¡ Ah, quanto a Igreja se desviara do que fôra! Como São Bernardo — seu santo predilecto — também Frei Bartolomeu podia dizer:

— «Que eu não morra sem ver a Igreja de Deus como ela era nos seus primeiros dias».

Por sua índole plebleia, tendia para os da sua igualha e punha-se a favor dos vilões sempre que os fidalgos contendiam com êles; por sua feição política, queria firmar-se na massa anónima, mas forte, do povo numeroso; por seu pendor democrático, rebuscava direitos para os humildes; e por sua alma de cristão primitivo, queria que a Igreja regressasse a ser tal qual Cristo a instituíra. Nisto antecipou-se três séculos e meio ao neo-cristianismo como hoje o anelam as almas que se alimen-

tam exclusivamente do Evangelho e querem construir Basílicas não de pedra mas de espírito, habitar celas escusas em vez de Vaticanos luxuosos, deixar ao mundo temporal o que à matéria pertence; e, todos dentro do culto interno do coração puro, viver na essência divina do sonho religioso, — extra-humano, infinito.

*

* *

No intervalo dos seus trabalhos, Frei Bartolomeu, Ádige abaixo, visita Veneza. Depois, — constrangido no coche forrado de sêda de um grande prelado, que viaja em pomposo estadão, com batedores, a duas sôlhas, e criados de libré na tábua, — segue pelas estradas que levam a Bolonha, Florença, Sena e Roma. Aqui, Pio IV admira suas letras sábias, suas virtudes, e repara em sua pessoa tão rasteira no aspecto e

plebeia nas maneiras, como aficada nas ideas sãs e tenaz na defesa delas.

Ao fim de três anos, tornou-se a êste seu querido Reino de Portugal e à sua muito amada arquidiocese de trezentas freguesias, em terra meiga do Minho e em serranias trasmontanas. Regressou por Perpinhão, Barcelona, Saragoça, Salamanca, — sábia e católica —, entrando de noite, a ocultas, nesta sua Braga, cujo povo, em seu coração, o recebeu com alvorôço e doçura.

Meses depois, por certa manhãzinha de madrugar brando e bento (semelhante ao de hoje) abala para terras de Barroso. Mas não foi como eu — amador de formas e de côres — a surpreender aspectos não marcados nos polvilhos de luz da hora dilucular; a assistir aos triunfos da claridade nesses céus altos; a notar qual a beleza, sempre nova, dos gumes violáceos das serras depois que o sol se afunda por

detrás delas, e, nesse crepúsculo de saùdade, o tom das tintas nas quebradas dos montes, nas ramas dos arvoredos, e como a sombra se espiritualiza e reza em noites de luar verde... Ver como as árvores em fila escalam as lombas dos montes para, romeiras, alcançarem ermidas milagrosas; nas cristas das serras, no âmbar-vitral da luz poente, as copas dos pinheiros e dos sobreiros isolados se despegam dos seus troncos, e, místicas, se suspendem nos céus. Não foi como eu, amoroso da tradição, em busca das pègadas do passado — poalha de luz desfeita mas que nos ilumina ainda, nos aquece e nos arraiga à terra onde os nossos foram nados, criados e manteúdos.

Bem diferentemente, o arcebispo ia, de surprêsa, conhecer de perto êsse formigueiro de gentes serranas, policiar a vida dos pastores barregueiros dessas bravas ovelhas, cuidar da sua fazenda e de seus meneios (entrar em muito passal e em muito casebre esfu-

mado) e, sobretudo, curando do desculto, que devia ser grande, doutrinar a todos com a palavra cristã do catecismo, edificando-os com os sacramentos — confessá-los, crismá-los.

Porêm, repito, o prudente arcebispo, que, nas serras, se alimentava do presigo da «vaca» e, afeito a descomodidades, da bonomia do «riso», jornadeava vagarosamente, na sua mula romana, arreada de coiro coberto de veludo verde, no peitoral, na retranca e nos antolhos, bifurcado em inóspita sela de arção alto, entre coldres e alforges; — e eu vôo sôbre coxins de elásticas molas, num *auto* veloz, de muitos cavalos de fôrça, leve, impulsivo, brilhante, tomado da vertigem das velocidades do viver moderno, em que tudo se faz de-pressa, a correr, a fugir, numa vivacidade esperta, — num relâmpago de luminosidade estonteante.

*
*   *

Vou de cara para o sol nascente. Deixo a cidade. Deixo Peões. Vê-se o Bom-Jesus-do-Monte, de perfil, com as suas capelas tocadas de luz quente. Sameiro — tôrres afitadas de sol. Mais longe, no alto, a capelinha da Falperra —de rosa. Vinhas de enforcado. Campos de trigo. Principia a serra do Carvalho. Fresco. Em baixo, à esquerda, o vale do Fojo, cheio de prados, campos de pão, árvores, freguesias. Larguíssimo, fertilíssimo. Um nevoeiro branco, rés com a terra, enche-o todo. Parece um lago coalhado. Paisagem de fumos, de vapores, de cinza clara. No fundo, de leite anilado, as frondes das árvores saem da água — da bruma — como ilhas emergindo do mar. Nesta tinta, as massas verdes do arvoredo transformam-se em massas azuis diluídas. No alto, alêm, os cabeços dos montes são

rosados; e à direita, na encosta, o sol rasteiro pincela ouro verde nos tojos e nos fetos ternos.

Lugar de Pinheiro.

Castelo de Lanhoso, sôbre uma enorme rocha negra. Tem a sua história de amores trágicos: Rui Pereira, alcaide-mor medieval, sabendo que sua mulher estava lá dentro «embaraçada com um frade de Bouro», cerrou as portas e pôs fogo ao castelo. Ardeu tudo: a adúltera, o frade, os criados.

— Os criados?

— Sim, porque, sabedores da maldade, nada disseram ao alcaide.

Igreja-Nova, no meio de verduras. Serra da Morosa. Vista larga. Nos campos, punge um milhinho de mês. Serra da Cabreira ao fundo, longe. Começa a cordilheira do Gerez, do lado de lá do vale de Vilar da Veiga,—verde, largo, fecundo. Em baixo, o Cávado. Branqueja, no alto, São Bento da Porta Aberta. Enorme romaria aí em Agôsto. Grandes promessas: arcadas e cordões

de ouro, teias de linho, juntas de bois, e amortalhados, dentro de caixões de defuntos, a que pegam quatro latagões a suar em bica: — família. Sempre a serra. Cimos alcantilados; penedos de violeta espêssa; lombas escalvadas; tufos de verdes duros nos barrancos que pregueiam os montes, de alto a baixo. A' ilharga, verdura de milhos. O Cávado, no fundo, azul, estreito, mas prestadio. Centeios secos. O *auto* roda vertiginoso, na estrada branca, entre duas tintas: azul e verde. Azul, de lá, da massa colossal do Gerez; verde, de cá, nas verduras molhadas dos pastos em terras aos socalcos, pela encosta acima, nas copas de castanheiros novos, de fôlha tremente.

Salamonde. Casas miúdas, caiadas. Telhados com pedras a segurar as telhas. Alpendres. Espigueiros vermelhos. No maciço azul da cordilheira, na encosta rasteira, lá vai o nastro amarelo e medrado da estrada das Caldas; no alto, trepam os riscos claros, aos zigue-

-zagues, dos carreiros humildes de pé pôsto, — caminhos de serra. Oliveiras.

Ruivães. A' saída, luz, muita luz. Sempre o Gerez, de espinhaço recortado. Em baixo, o Rabagão, encastoado em pedregulhos. Que altura! Maravilhoso. O *Buick* pára um instante. E' o Gerez em tôda a sua imponência. Formidável! Belo! Anfractuoso, de cristas recortadíssimas, alcantis sôbre alcantis, massas azuis para alêm de outras massas azuis, de valores diversos, toando-se uns nos outros, inundados de luz poderosa que se esparge da imensidade do céu de azul ferrete com nuvens de neve. Maravilha! Maravilha! Quem me dera morar aqui defronte para estudar de perto, em estações diferentes, a horas diferentes, como as lombas desta enorme serra, de mil quebradas, de mil anfractuosidades misteriosas, reagem sob a luz que as desperta e as sombras que as mancham, e que, uma e outras, as poeiram de coloridos imprevistos. Mas já o automóvel freme, arranca, besoira,

foge. A estrada desce, às voltas, seguindo do alto penhascoso, as curvas do Rabagão azul-violeta, no fundo.

Venda-Nova.

*

* *

Agora, para as Alturas, é a cavalo, através da serra sem árvores, em chão roxo pelas flores das queirogas e amarelo pelas flores da carqueja:—montes de mosto onde chovesse saraiva de enxôfre... Ao redor, montanhas altas e varridas. Começa a ver-se, à esquerda, em baixo, um longo vale abeberado de verdura e de fartura, que se prolonga, formando o planalto da aldeia das Alturas, e se estende para lá, até às veigas fartas de Boticas. Serras em tôrno. Numa aberta, entre dois montes roxos, o Cubelas azul, com claros de queimadas. Acolá, uma lomba tôda topázio, — flores de carqueja; lado a lado de outra tôda ametista, — flores das

carrascas. Entre os verdes das torgas, das estevas e dos tojos, predomina a côr roxa das queirogas, a alastrarem-se por tudo. E' uma paisagem de serranias lilases com chapadas verdes de touças de carvalhotos a tufarem os barrancos das serras por onde, no inverno, galoparão enxurradas barrentas. Tintas de esmalte, claridades de cristal. Tanta côr! Tanta luz! ¡Que o Senhor seja louvado!

Numa dobra, Sarcuzelo. Lá em baixo, e nos pendores das montanhas, escorridas de prados, a veiga é tôda recortada em campos murados, muitos, aos xadreses irregulares, de verdes diferentes:— os dos lameiros húmidos, os dos centeios a acabar de secar, os do milho tenro a romper. De castanhos diversos:— os das terras revolvidas, os das terras lavradas, os dos campos ceifados de fresco. Fileiras de árvores. Água. Fertilidade. No meio da verdura, do fundo às encostas, acolá, alêm, esparsas, Pegoṣo, Currais, Ladrujães —

povos muito unidos, de aspecto espanhol, nas suas casas terrentas de paredes sem cal, nos telhados de colmo ennegrecido pelas invernias.

Amplidão. Imobilidade. Silêncio.

Não se vê ninguêm. Aquele único homemzarrão, acolá, na lomba de um monte, isolado, sob o céu infinito, parece uma figura colossal de Rodin a meditar a eternidade.

Os pardais, distantes, cantam, e seu canto dilata o silêncio...

Ao sul, a Portela Velha, que faz extrema para o concelho de Basto; pegado, a serra de Maçã, onde os povos botam em comum os gados ao pasto; a poente, a serra da Cabreira; depois, a cordilheira do Gerez; a seguir, a Pegosa com seus pendores para o vale farto das Alturas. No horizonte, nos confins do norte, o Pico do Larouco, e nos do sul, o Marão — manchas mal distintas de fumo azul diluído em cinza.

Vê-se daqui para muito longe, muito, no panorama de serras desoladas onde

vivem lôbos e javalis, e sôbre que pairam milhafres a peneirar no ar suas àsas largas — os olhos fitos nos matos, em busca de prêsas.

E neste ondulante mar esverdido, de montes vagueiros e baldios, sem árvores e sem cultura, sobe aos céus, contra os homens, a queixa amargurada das terras que querem ser mães de florestas úteis e belas, que aproveitem às gentes e, em sua beleza vasta e religiosa, agradem a Deus. Ninguêm se serve delas. Ninguêm entende seus humanos anseios de amor fecundo. Sofrem. A única alegria dêstes maninhos desprezados, que os homens pisam sem ver ou vêem sem estimar, é aquela romaria anual de luz, de côres e de perfumes silvestres.

Foi por aqui, por estas serras escalvadas, por estes prados verdes — terras de pastores e de lavradores que viviam então (como ainda hoje, em parte, vivem) em puro regime agrário, pegural e silvícola, para as searas, para os

gados, para os tojos, para as lenhas e para as águas;—foi por aqui que, há trezentos anos, andou Frei Bartolomeu dos Mártires. Deve ter parado nestas aldeias e dormido nestas casas negras, construídas de enormes pedras desaparelhadas, postas umas sôbre as outras, sem argamassa nem cal, cobertas de canas de milho e de palhas centeias ennegrecidas, seguras com pedregulhos e compridos troncos de carvalhos novos. Deve ter representado o papel do homem do acôrdo, compondo partes desavindas por causa de extremas ou do moinho do povo, do forno do povo, do touro do povo e do carvão do povo; e assistido aos magnos conselhos das gentes de vereio, reùnidas, nos cabeços dos montes, pelo buzinar da carrapita das selvas, a arranhar o ar, de oiteiro em oiteiro, de quebrada em quebrada.

¡Que espanto, quando o viram chegar sem haver publicado a sua visita!

*

* *

Estou a ver o arcebispo de Braga, montado na sua mula branca, um pouco dobrado, vestido de estamenha domínica, seu chapéu verde com borlas pendentes. A cabeça, de fronte alta, sai-lhe da cogula do hábito. Avoluma-se, no carão comprido e moreno, o grosso nariz; e uns pequeninos olhos estrábicos encovam-se sob a arcada das sobrancelhas — linha serena e de mando. A bôca, ora ruda ora de feição, sorri pausada; e o ôlho direito do seu olhar torto mira com segurança.

Está no meio de muito povo.

Frei Bartolomeu chegou de surprêsa e os homens destas montanhas não tiveram tempo de vestir a sua nissa de rabos, nem as mulheres, os seus jaqués, com pestanas, de pano preto, ou de pôr a sua capela de briche, — roupas dos dias de festa.

Recebem-no conforme estão: uns, de calções de alçapão, polainos botoados até à cinta, sombreiros bragueses de grandes abas, fartas capas de saragoça; outros, com suas gorras de coelho bravo, seus safões de pele de lôbo. Alguns, de coroças de palha centeia, hirsutos, parecem porcos espinhos. Vão para o trabalho e levam ao ombro a enxada ou a foice roçadoira; outros, sogas de bois; e os pastores, cajados, mantas e surrões de pele de ovelha. Todos ostentam varapau para tornar o gado — para o que fôr preciso. As caras são fortes e tôscas. Os olhos, negros e de espanto.

As mulheres saíram dos seus colmatos, e puseram-se a clamar umas pelas outras, em alvorôço, como se ouvissem sinos a tocar a rebate. Acorrem apolainadas, com capuchas de burel na cabeça grenha, e mil remendos castanhos de trapos diversos no casibeque sem cinta, atacado com atilhos de coiro, mal achegando os seios esbamboados.

Trazem um e dois filhos, ao colo, enfaixados em fateiras de briche, e o resto da ninhada suja presa das suas saias de xerga.

Na frente do grupo há um clérigo, sangùíneo, de táurea cachaceira, de tamancos e barba de oito dias, — valente garanhão descido da sua residência com a filharada atrás de si.

Os homens encaram no arcebispo com espanto; as mulheres, com devoção pasma. Nos seus olhares há a estranheza do isolamento e a independência da serra. Frei Bartolomeu era a cidade que subia a êles. Era um outro mundo.

— ¿Como veio de tão longe? Não pode ser! Um arcebispo?!

Nos olhos incrédulos de algumas mulheres, com os saiotes pela cabeça, vê-se a ânsia de pôr as mãos no corpo de Frei Bartolomeu, tocar-lhe com os dedos, a certificarem-se se êle é de carne e ôsso — como os mais. O garotio, de cabelo chamorro, cortado às escadas

pelas tesouras rombas das achavascadas mães serranas, veio a correr, e caíu de joelhos, de mãos postas, diante dêle, como se fôra santo. Vacas barrosãs, de tornozelos finos, pontas em lira e grandes olhos doces, que desciam para os prados; ovelhas que iam para o monte; —param com seus guardas à frente. Os cães de gado ladram. Ajunta-se ao grupo um almocreve de colete de lebre, com a cabeça atada num lenço encarnado por debaixo do braguês. Ia atravessar a serra com a sua récua de machos carregados de sacos de carvão. Parou tambêm. Parece um contrabandista da Serra Morena.

Nos verdes dos prados e sôbre os fundos azulinos das montanhas, formam todos, homens e mulheres, em volta do arcebispo, uma massa parda nos tons acastanhados dos rascadilhos, dos buréis, dos briches, das serguilhas, que lhes cobrem os corpos a rescender ao raposinho dos rebanhos, à calentura ácida dos currais e ao bodum dos odres

azeiteiros. Da estôpa da estupidez e dos tomentos da opaca incultura são tambêm aspérrimamente tecidas essas almas de brenha. Vê-se nos rostos. Está patente. São muitos e empurram-se, e calcam-se para, metendo as cabeças por entre as dos outros, verem mais de perto o seu arcebispo, que quer apear-se da mula e não o consegue.

*

* *

Era aqui, no meio dos seus paroquianos, o lugar de Frei Bartolomeu, êle que, em Trento, atacou, com voz de trovão, numa assemblea adversa, os bispos opulentos que não residiam nas suas dioceses e sómente delas se serviam para arrecadar as rendas — como pastores que das ovelhas só queriam o «leite e a lã», não cuidando de apascentar o rebanho que Deus lhes dera para guardar e conduzir à salvação.

Era aqui o seu lugar — pobre no meio de pobres: pequeno no meio de humildes.

Como ia longe o tempo em que um João de Médicis usufruía três conesias, nove paróquias, quinze abadias. Um cardial de Lorena era arcebispo de três arcebispados, bispo de quinze bispados. E um D. Jorge da Costa, antecessor de Frei Bartolomeu dos Mártires na cadeira bracarense, possuía ao mesmo tempo, sem nunca haver saído de Roma, dois arcebispados, cinco bispados, treze abadias, oito deados, dez priorados, afora vários benefícios de pingues igrejas particulares.

Ao contrário dêsses, Frei Bartolomeu vivia ùnicamente das rendas da sua cadeira, e visitava, igreja a igreja, as trezentas freguesias do seu arcebispado, fôssem elas nas inóspitas montanhas barrosãs, entre povos selvagens como estes.

*

* *

O arcebispo, que passou o dia inteiro a prègar, a crismar, está agora sentado, à sombra de uma velha carvalheira e ensina o catecismo a muitos rapazinhos que estão acocorados no chão, à volta dêle. E' paciente. Na sua cara bronzeada clareia a paz do humor benévolo.

— ¿ Quantos são os mandamentos da lei de Deus ? — pregunta a um pequeno de olhitos vivazes.

— Dez ! — responde, pronto o rapaz.

— Quais são ?

Logo o mocinho, expedito, espalma as mãos muito abertas, com dedos muito afastados, e, batendo no ar, diz absolutamente seguro de si :

— São estes.

Era tudo quanto sabia.

Já cai a tarde. Voltam aos currais as vacas, as ovelhas e os cabritos.

Alastra-se o fumo nos colmos dos casais. Esfiam-se véus de bruma anilada por sôbre os ribeiros de veiga das Alturas.

O arcebispo dirige-se agora a um moço de lavoura, atarracado e achamboado, que, de longe, o olha, num sorriso baço de estupidez estagnada.

— Oh de lá, ¿que entendes tu por Santíssima Trindade?

O labrosta espanta-se. Todos os da roda se voltam para êle, que gagueja:

— Entendo, entendo... (masca as palavras, coça a cabeça, sempre espasmado no mesmo sorriso boçal) — entendo... que ela é irmã de Nossa Senhora.

....

Anoitece de todo. O arcebispo levanta-se e retira-se. O rapazio segue-o; e as mães dos pequenos, tomadas do espírito religioso da luz crepuscular nas serras, e vendo diante delas, naquela hora benta das Ave-Marias, um

arcebispo que se lhes afigura santo, começam a entoar o *Bemdito,* — como se fôra ao Senhor fora. E assim, com as suas capuchas de burel pela cabeça, como freiras, acompanham Frei Bartolomeu à sua humílima pousada.

Nisto, topam uma manada de apojadas vacas, que, dos prados, seguem para os currais, e logo o boieiro põe a vacada na cauda do cortejo, como em certas rústicas procissões daquelas aldeias, em que os gados também iam, atrás, com os cornos festoados de rosas silvestres e os pescoços enramados de carvalhos — procissões tão pobrinhas que, à falta de andores, os aldeões levavam os santos nas mãos, devotadamente apegados ao peito.

E o cortejo de Frei Bartolomeu lá segue vagaroso, religioso, pelos caminhos velhos daqueles povos serranos. De onde a onde, por entre os cantos lamentosos do *Bemdito,* ouve-se um longo mugido de vaca que se lembra da cria — pesaroso como um sino de aldeia, a

dobrar; e tôdas estas vozes se toam na tinta cinzenta do silêncio magoado do anoitecer, no fundo daquele vale entre altas serras trasmontanas...

*

* *

¡Há trezentos e cinqüenta e três anos!

Penacova

Deixo a luz moira de Coimbra encastoada na mágoa dos olivedos cristãos, e vou-me à de Penacova, onde demorou um pintor meu amigo, tristemente morto, há anos, que teve o sonho de fazer o retrato da luz de Portugal — na costa, na ribeira, nos vales, nos cerros, nas montanhas — no que nela houvesse de mais nosso.

¡Que amor que êle tinha à sua terra! Era um enamorado da luz portuguesa. Esta luz era para êle a flor do jardim de Portugal. Andou de tenda às costas, pousando aqui e ali, a amar sítios para, entendendo-os pelo sentimento, os fi-

xar em pinturas que fôssem sínteses de emoções definidoras do nosso carácter.

¡Infeliz poeta Eugénio Moreira, a quem tanta claridade bela perturbou e endoideceu!

Coimbra!

Há na luz da sua paisagem qualquer cousa da poeira antiga dessa pedra de Ançã, de que é feita a cidade, e que, durante séculos, se esfarela por cima de tudo, tudo cobrindo de um polvilho religioso que torna mestas e devotas estas terras de meditação. Em parte nenhuma o verde dos pinheiros mansos é tão luminoso e envernizado; mas, pôsto sôbre o outro verde, muito escuro, dos pinheiros bravos, em céus de pérola toada de anil — tal esmalte salienta, ainda mais, pelo contraste, a tristeza austera dessas massas espêssas e gementes. As copas das oliveiras são enormes esponjas de cinza a absorver a luz — a pará-la. Os tons, baços. Nas encostas, de terras de vermelhos quen-

tes como a côr dos sobreiros descascados, escorre a tinta da saùdade... O Mondego é esfiado e parado. Os salgueiros, de bruma melancólica. O luar cai scismando; e seu palor amarelo é friável como livores violáceos: — lembra a nostalgia de um quarto minguante de outono, quando as sombras da Terra mordem e magoam o disco da Lua...

¡Paisagem romântica, depressiva e triste!

No *Penedo da Meditação,* os pinheiros, de verdes sombrios, hirtos, formando os lados do apertado valezinho silencioso, pensam, calados, sob a pressão da luz austera. Sofrem. Contrastando, há, no fundo, hortas de verdura contente, a medrar para se tornarem úteis. No vale, logo ali fechado, as raras vozes que se ouvem, coam-se, longínquas; e qualquer cantiga alegre, trova de moça ou trinado de ave, chega-nos medrosa aos ouvidos.

Os sons esfumam-se em melopeias.

Andam soluços no ar... Aí é sempre hora empardecida de Trindades... Dá vontade de rezar e de chorar...

Eugénio Moreira reservava-se para um dia, mais tarde, pintar esta luz. Era novo para a compreender e estreitar a si. Estava ainda muito rapaz. Todo o estado de alma é luz. A alma, na mocidade, é luz vermelha; no outono, lilás; na velhice, cinza, crepes — morte! De tôdas, a luz do outono é a mais translúcida...

*

*   *

Eugénio Moreira passou pela Universidade sem se formar; passou pela Politécnica do Pôrto sem concluir nenhum curso especial; e, no seu terceiro ano, abandonou a Escola Médica do norte. Um absorvente amor à pintura, a todo instante, intransigentemente, o solicitava, forçando-o a não pôr gôsto no avanço dêsses outros caminhos já

começados a trilhar. Depois, foi para França e por lá se gastou oito anos em aturados e livres estudos de desenho e pintura. Por fim, viajou. A sua ânsia de saber encheu-lhe o cérebro de cultura; o coração floriu; e seu modo especial de sentir criou nêle um artista pessoal.

Êste temperamento era uma energia tão vincada que o aluno atravessou por entre escolas e mestres de fama, sem abdicar seus olhos, sem sacrificar seu sentir ao sentir das almas reputadas. Era daqueles que, dando a sua admiração aos grandes, se reservam, no íntimo do seu orgulho, um pouco de admiração própria para a obra que pressentem que um dia farão. O cosmopolitismo nunca o conquistou: Eugénio foi português entre estrangeiros; e entre portugueses viveu na essência do espírito luso, e sempre fiel ao sonho de realizar uma arte tôda ao serviço do nossos sentimentos — dos mais nossos.

Procurava por aqui, por ali. Depois, instalava-se, meses seguidos, diante da paisagem que queria pintar, vendo-a em estações, a horas e luzes diferentes. Sem um estudo tenaz, sem uma comoção constante, nada podia fazer. Precisava de pausa, demora, intimidade. Passou noites na sua cabana, dormindo quási ao ar livre, para, quando acordasse, (como Goethe em Frauenplan), ¡admirar o céu estrelado! Queria entender, interpretar. O artista surpreende o desconhecido, servindo-se, como instrumento, do desconhecido que tem em si. Aquele desconhecido é a beleza das cousas; êste, a beleza dos espíritos. E' o infinito belo da Natureza visto pelo infinito belo de que é tecida a alma dos poetas.

¡Interpretar, interpretar!

Os artistas começaram por idealizar a Natureza; depois, imitaram-na; por fim, interpretaram-na. Acolá estavam distantes dela; aqui, próximos.

Para interpretar belamente é preciso

amar superiormente. O amor ennobrece. Tôda a beleza é espírito, todo o amor é formosura. A grandeza da Natureza exige a grandeza das almas. E as almas são tanto maiores quanto mais humanidade contiverem em si e mais belamente a servirem.

Eugénio Moreira amava o que via. Mas não se cingia à sêca regra naturalista: «pintar só o que se vê». A sua fórmula era mais transportada: pintar o que se não vê no que se vê, que é como quem diz pintar com olhar culto para saber o que se deve ver, ou com o instinto penetrante para adivinhar o que se deve amar; e, sobretudo, pintar com alma enternecida, para sentir a comoção que há em tudo que existe. Os seus sentidos externos eram focados por sentidos interiores.

¡E como êle deixava tudo pelo espectáculo de uma paisagem suprema! Já seu feitio triste se tornava alegre; seu ar reservado se expandia: afagava as

faces das crianças, metia as mãos por entre as flores... Via o rir belo da vida. A arte é a alegria das cousas revelada em beleza. Tôda a beleza encerra alegria como tôda a virtude, claridade e graça.

A sua alma animava o inanimado, soltando nas cousas paradas o dinamismo que elas conteem. E êle ia para as cousas e as cousas vinham para êle, num movimento recíproco de simpatia, de amizade, de amor. Era a confraternização. As paisagens são corpos cujo espírito é a beleza. Amor e beleza confundem-se. Nesta altura, o artista, o poeta, o santo unem-se numa mesma ternura divina.

*
* *

Eu cogitava nestas cousas emquanto o automóvel, que me levava, fugia pela estrada de Coimbra a Penacova, — bela entre as mais belas, sugestiva entre as

mais sugestivas — a acompanhar as curvas do Mondego, marginado, de cá, de outeiros socalcados de campos e de parques; de lá, de montes, uns brandos, cobertos de pinhais novos e verdinhos, ou de velhos pinhais de copas espêssas; outros, de penedias violentas da idade das convulsões. A estrada volta-se e revolteia-se como cobra perseguida. A's vezes, numa curva decidida para um lanço recto e longo, de costas para o rio, ela parece querer fugir, emancipar-se de tanto enlêvo; mas logo, noutra curva vencida, em sentido contrário, lá se torna, chamada pelo encantamento do Mondego — pela sedução das suas margens permanentemente insinuantes na sua variedade feita de bosquetes tenros, de florestas duras, de hortas fartas, de trigais amarelinhos, de penedias agrestes, de laranjais perfumados, — de panoramas de surprêsa maravilhadora. E assim todo o tempo, até que se avista num alto, num promontório, em fundo de pinhais e de

penhascos violáceos e amarelos, sôbre o areal largo do Mondego, o casario branco e acastelado da alcandorada Penacova.

Agora, desde o leito do rio, trepa-se sempre por uma estrada às laçadas, sob árvores, como a da Ribeira de Santarêm à cidade, como a de Tondela, pelo vale de Besteiros, ao Caramulo.

*

* *

¡Que extraordinário assunto para pintar que não é êste vale de Penacova, visto do *Penedo do Castro*, da *Carvoeira*, da *Senhora do Monte Alto* — ¡vasto, luminoso, colorido, com seu rio, campos, montes e serras!; ou, mais simples e ameno, visto da *Senhora da Guia*, capelinha no alto de um cone de verduras de árvores e de socalcos de campos, sôbre farta várzea de milheirais de ouro e olivedos de cinzas prateadas, que vão, uns e outros, longe, até às colinas de

lá, onde, a meia encosta, pousa o lugar da Carvoeira — manchas de casais brancos, esparsos entre verdes postos na tinta estamenha dos montes nus que, por êsse lado, confinam a paisagem.

De cá, nos longes, — pinhais de alto a baixo; próximo, — cumiadas com pinheiros ralos a escalarem lombas de margaças lilases, que a luz poente pintará com a tinta das copas das olaias floridas. Em baixo, panos azuis de um rio, quási sem água, parado num areal amarelo. Defronte, descendo até o Mondego, a pique, como os penedos das Portas do Rodam, sôbre o Tejo, formidáveis rochas estratificadas. Amarelentas e musgosas, o sol da tarde transformá-las há num colossal «bloco» de ouro esverdinhado. Na campina, fitas de estradas; nos altos, riscos vermelhos — carreirinhos — a subir os montes, por entre penedos e pinheiros de troncos ardosiados. ¡E aqueles moinhos, a um de fundo, como monges de longada (para onde?) na crista da serra, alêm!...

*

* *

¡Onde veio instalar-se êsse poeta da luz e da côr! ¡Como êle estudou demoradamente a tinta dêste canto, e se fêz amigo dela! Aqui pintou o quadro *Outono do vale,* nessa luz transparente e difícil de começos de Novembro, que desvoluma os objectos, tira perspectiva às cousas, esbate os valores. E Eugénio não quis pintar sómente o vale de Penacova no outono, mas, generalizando, o tema natural do Outono, interpretando nêle o que há de mais constante na fisionomia dêste período do ano, na sua luz de resignação serena ante o sacrifício do inverno imposto, mas que a esperança, nos dias primaveris a voltar, doura de sorrisos de puras transparências, como face pálida de moribundo, crente na ressurreição do espírito.

. . . .

Aqui pintou também o quadro *A Ferreirinha*, que é o retrato de uma rapariga do campo, ingénua e triste. Está sentada numa pedra, ao ar livre, à luz de uma tarde outonal. Veste simples blusa encarnada, saia azul, e tem na cabeça, atado nos cabelos, um lenço vermelho escuro, com pintas amarelas de ouro velho. Olha com franqueza para quem a olha, e as mãos, postas uma na outra, caem no regaço, abandonadas e despidas de outra graça que não seja a da sua naturalidade. O fundo do quadro são árvores de verde quási sem luz, um curto vale com manchas de casas e tons vermelhos de urze sêca, a tira do rio e uma nesga de céu alto e alegre. O todo da postura passiva; o arrepio triste de uma sobrancelha levemente mais levantada do que a outra; o olhar calmo; a bôca fiel; os braços descaídos; e as mãos postas sem garridice — dizem-nos que *A Ferreirinha* é uma destas flores do campo, de suave melancolia, que vivem, sem dor,

no sonho distante do noivo que não toparam ainda. Em volta desta figura, são mestos, como ela, os eucaliptos folhudos e chorosos; o monte ao fundo; a aldeia; o rio silencioso; — só no céu ri um pouco de luz quási crepuscular, contrastando na serenidade que vai por todo o quadro, denunciadora de mágoas. Um mesmo espírito de tranqùilidade liga, pela luz, nos tons da pele, dos cabelos, do vestido, a alma da môça à terra, às árvores, ao céu; e liga-a ainda, pelo desenho, pelo lento modelado, pelas curvas da cabeça e do busto, à ondulação do monte e às ramas paradas dos eucaliptos.

*

* *

E' evidente que também êste quadro é mais que um retrato. ¡Pobre artista, o que em frente da Natureza — alegria de romaria, busto de mulher, volta de caminho, canto de floresta, curva de rio,

planura de mar, infinidade de céu — não tem o poder de fazer a síntese do que vê, dando-nos, em fórmulas fortes e sóbrias, um nítido resumo dos factos observados, fixos numa emoção generalizada! Como aquela outra paisagem, essa môça é filha do Mondego — Mondego serrano do vale de Penacova. Tem dêle a simpatia pronta, que se nos insinua sem dizer porquê; tem dêle o mistério serêno das suas margens com suas luzes e suas sombras. No olhar dessa rapariga há a tristeza suave dos cinzentos olivais beirões; e nas curvas do seu calado corpo de cachopinha solteira, que vestidos baratos honradamente resguardam, as mesmas graças singelas dêsse estreito rio de poucas águas, fiando satisfeito por entre areínhos de ouro.

Querendo definir um sítio — mostrar a alma de um lugar — não podia êste pintor, de amoroso sentir, pintar tal paisagem sem nela pôr a nota feminina que a humaniza; como, ao pintar

a mulher nascida nesse bonito cantinho de terra portuguesa, não podia deixar de a pôr, entre côres que a afagam, na paisagem que a explica.

E assim o perspicaz artista, enamorado de tudo que entre nós era colorido harmonioso e traduzia raça, queria ir pintando a terra portuguesa com as suas árvores mais queridas, as suas mulheres mais bonitas, as serras, os montados, as planícies, os ribeiros e o mar, melhormente expressivos — tudo nosso, tudo benzido pela mão de Deus que nos deu êste lindo rincão e estas meigás mulheres para, em êxtases, as amarmos com carinho e regalo.

*

* *

Só podemos sentir bem aquilo para que os nossos olhos, conscientes e inconscientes, andam virados desde séculos. Aprendemos a gostar dos montes ou das levadas como aprendemos a

doutrina, ouvindo-a de pequeninos a quem de pequenino a aprendeu. A paisagem é um preconceito que tem íntimas explicações na herança e na educação. Só o minhoto entende a sua leirinha balizada de vinha de enforcado, e seus verdes lameiros; como só o alentejano enche a alma com a sua exaustiva charneca, porque minhotos e alentejanos vêem as suas terras como ninguêm as vê, pois amam-nas como ninguêm as ama.

Em arte só se compreende o que se ama. A cultura instrui êste amor, mas não cria a visão da beleza — que é um divino instinto. Eugénio Moreira amou a sua terra. Eugénio Moreira ia retratar a sua amada.

Coitado!

E se na mulher das aldeias as elegâncias do corpo são ainda as mais sãs; se na gente do povo os sentimentos são ainda os mais vernáculos, êle, pintando as nossas mulheres do campo, pintaria, por certo, o mais belo das

figuras femininas e o melhor das almas da gente portuguesa. A minhota, a trasmontana, a beiroa, a alentejana, a algarvia — a varina, a campesina, a serrana — viveriam nas suas telas, não só com os seus trajes característicos e esbeltezas de raça, mas ainda com as suas almas francas, doces, fortes, enternecidas, levianas ou tristes, integradas na luz, na côr, em harmonia com o espírito da terra, das águas e das árvores, que dão fisionomia própria aos lugarejos em que elas nascem, brincam, amam, sofrem, scismam e morrem.

¡Que dor ter morrido novo e quási inédito, êste 'artista de bela vontade, tão bem fadado para sentir, amar e pintar o que era seu — o que é nosso!

São Martinho de Bornes

Aqui, neste parque das Pedras-Salgadas, todos os dias, de alêm, me chama os olhos e a alma, uma igreja branca, entre massas de arvoredos, no alto de um monte de curvas de paz e verdes de esmalte: — São Martinho de Bornes. No entanto, vou-me ficando cá por baixo, nas sombras doces dos plátanos com suas comas floridas de luzes verdes e amarelas; — vou-me ficando no prudente prazer de não realizar o desejo de lá subir...

As árvores dêste bosquete são simplesmente amáveis. Moças e galantes, dão-nos o agrado dos seus gestos airo-

sos e o sorriso fresco da sua mocidade em flor; — mas não passam de umas crianças. As árvores mais velhas terão apenas uns trinta anos; as novas engatinham ainda com os seus dez Janeiros. A sombra que nos oferecem tem a incerteza da adolescência tímida, e é hesitante a atitude de seus ramos tenros que mal afrontam a fôrça quente e luminosa dos raios do sol criador. São acanhadas pela idade e pela raça: — a maior parte não é gente daqui. Umas, como o choupo do Canadá, vieram da América-do-Norte; outras, do Oriente, como as canas índicas e certas espécies de moreiras. Emquanto na encosta fronteira, castanheiros, carvalhos e negrilhos a todos mostram que o que são e valem a si o devem, pois nem os homens o ajudaram, nem os ventos os favoreceram, as árvores dêste parque — tílias delicadas, acácias frágeis que tão de-pressa chegam e logo acabam, plátanos, ailantos, áceres de estima, vidoeiros e tulipeiras — são criaturas acarinhadas

e, por isso mesmo, submissas à gratidão dos que com elas houveram cuidados e sustos amigos para que pegassem, medrassem, se fizessem bonitas, crescessem esbeltas, copando bem, engordando as fôlhas, enrijecendo a casca. Nada lhes faltou.

No entanto, muitas destas árvores não são felizes, apesar dos duros esforços que se teem feito para naturalizar em solo de montanha árvores, na maior parte, de cidade. Não, não são felizes. A's rústicas carvalheiras falta-lhes a companhia dos casais das aldeias: os fumos dos lares, o mugir dos gados nas cortes, as vozes liais dos lavradores. E' fácil ouvir, em noites de fria viração, os queixumes do quebradiço choupo canadense, e os das acácias melindrosas que precisam de terras fôfas e suspiram pelos jardins citadinos de brisas temperadas. Isolados se sentem os atenciosos ligustres e as bromélias fidalgas, que enchem o parque; e certas árvores orgulhosas, que nas cidades, entre ou-

tras, pelo nascimento e educação, se consideram rainhas, vivem aqui vexadas—aqui, nestas serras trasmontanas, onde são morgados, e dominam, velhos castanheiros, nascidos quando eram meninos os remotos primeiros reis da história portuguesa.

Êste parque é um artifício mundano no meio da rudeza natural da serra. Os aldeões do termo daqui, diante destas árvores e dêstes arbustos, sentem-se estranhos e acanhados como se estivessem a falar com senhoras de qualidade—com fidalgas da côrte. As árvores querem-se dadas como pessoas de família; e o lavrador do norte só se entende bem com aquelas com quem, êle e os seus, sempre teem lidado. As crianças brincam com velhas árvores como brincam com velhos parentes, velhos amigos ou velhos servos; e os seculares castanheiros ou carvalhos teem para com a gente pequena as mesmas sábias festas moderadas dos bons anciãos.

Estes arbustos —romanzeiras, bra-

çanas, buxos — deverão ter sofrido muitos contratempos. Não quero dizer que o solo fôsse hostil para com as espécies que vieram de fora; mas com certeza lhes foi avêsso — êle, montanhoso, acostumado a dar-se às raízes de ferro dos castanheiros e dos carvalhos, árvores estóicas, que, no tórrido verão, se alimentam de fogo, e, em trágicos invernos (em pé e de cabeça erguida), se defrontam com tempestades, batendo-se com chuvas, resistindo ao gélido azorrague do nordeste varredor ventando do mar cantábrico e das serras nevadas da vizinha Espanha. Apunhala-as o pensar que, emquanto tão mimado carinho se dispensa às favorecidas árvores dêste parque, outras há desprezadas por essas serras, que a estas horas sofrem horrores de sêde, de fome, de aconchego. São árvores mendigas. São árvores trágicas. A sua sombra não pacifica. A dor exala dores. A sombra da dor é dor.

*

* *

Num parque namora-se; numa floresta reza-se. Num parque de árvores tenras a vida é um sorriso leve; num bosque de árvores antigas moram ideas. A' sombra das velhas árvores, carregadas de anos e de dores, tôda a cogitação se torna paz, todo o pensamento se desdobra e ala em sonho... Os conceitos morais não pousam na inconsciente juventude das árvores novas que a mão do homem cuida e acarinha, ainda nas que se mostram, como o álamo, em atitudes de rezar, pois o seu misticismo suave é o dos santos adolescentes que se sentem votados a Deus, como, por exemplo, o dêsse verdinho choupo novo, que tenho diante dos olhos, todo revestido de folhitas trementes, elevando para o céu seus mil braços unidos, é um amável São Luís Gonzaga, sorrindo na sua beatitude fácil, feita de moci-

16

dade e de predestinação. Instalam-se, sim, nas que teem vivido entre vendavais, curtindo fomes, sêdes e injustiças; nas que teem visto tempestades no céu e no pensamento; nas que teem ouvido à terra a praga das secas e ao homem a amargura das desilusões; nessas, sim, porque em tôdas elas passou a dor que trocha as almas, as depura, as eleva, as transporta.

Tudo é novo neste parque. Tudo é de ontem. As iniciais e datas que os namorados, a registar a ilusão de um momento feliz, veem gravando na casca destas árvores môças, ainda não endureceram. São palavras a lápis que o vento apaga: — falta-lhes o tempo sábio que as enrija e as transforma em lápides.

Estas árvores teem trinta anos; os cedros do Bussaco, ou as carvalheiras do Bom-Jesus teem trezentos. As árvores novas dão-nos sombra, mas — coitadas! — não nos sabem dar con-

selho... No entanto, um parque é um viveiro de almas. A árvore é bondosa. A árvore é companheira; a árvore aconselha como pai, e abençoa como mãe; e tão acolhedoramente nos envolve, que, na nossa velhice, a árvore, esbelta, sorridente e meiga, talvez substitua o carinho da mulher. A árvore, que já é teto dos que não teem casa, será, então, o último afecto feminino com que os «sem família» podem contar na vida...

*
* *

¡E São Martinho de Bornes, — lugar de tradições e de lendas suaves —, sempre a chamar-me! Resolvo-me. Parto.

Para lá chegar, sobe-se a fêsto por um carreiro de cabras. Os pés embaraçam-se em fetos, urzes bravas e margaças lilases, agora em flor. Depois, mete-se ao caminho—duro trilho apertado entre velhos muros, de enormes

pedras recobertas do veludo dos musgos negros e das placas, esverdinhadas e cinzentas, de ressequidos líquenes seculares que se incrustam no granito, marmoreando-o. De um e de outro lado, as copas dos carvalhos e dos castanheiros, de tinta fresca, enchem o pedregoso chão, amarelo do sol, de sombras violáceas e trementes. O caminho, subindo sempre, torna-se, por fim, numa ladeira aspérrima, a pino, entre valados barrentos, esboroados, e por sôbre um piso tão de calhaus soltos que parece ter, algum dia, galopado por aí abaixo formidável enxurrada, carreando pedras da serra. Vêem-se, coevos de D. Denis, velhíssimos castanheiros, só casca, roídos pela doença da idade que os cavara, ora, por igual, em forma de guarita (¡que piedoso lugar para um oratório!), ora, caprichosamente, como gruta, ora em lucarna, como se uma monstruosa bala de monstruoso canhão os varasse de lado a lado. E faz pensar o ver, na ruína dêstes

troncos carcomidíssimos, nascer-lhes, à ilharga, o riso dos ramos tenros da folhagem verde — geração nova a viçar em macróbios exaustos.

Num pequeno planalto, na encosta, está a velha paroquial, construída em pobre fábrica românica, tendo, a um lado, uma humilde capela alpendrada, que foi de São Geraldo e hoje está profanada, se se chama profanar o servir ela para guardar abóboras e feijões, se profanar é albergar as aves da noite e prestar-se a ser pombal de pombas arrulhantes empoleiradas no arruìnado retábulo, fazendo aí seus ninhos por entre cachos, parras, gaios e corpinhos roliços de meninos, a adornar, com velha talha portuguesa, colunas salomónicas. Outras aves instalam-se nas pregas das túnicas de vetustos santos, mutilados e carunchosos, que poisam seu calmo olhar de velhos nessa fecunda abada de sêres implumes e pipilantes.

Diz-se que fôra sepultado aqui, no princípio do século XII, o primeiro arcebispo de Braga, São Geraldo, morto de febres, ao passar o Tâmega, quando andava em sua visitação pastoral. Próximo do portal da igrejinha, a meditar o vale, há uma esbleta amoreira carregada de amoras negras e encarnadas. Um rapazola contou-me, com respeito, — a voz e o olhar vagos — que essa amoreira, como a fonte ali ao lado, eram cousas santas e antigas, nascidas por milagre de São Geraldo, uma vez que êle, chegando sequioso ao lugar, pediu amoras e água ao velho reitor, que lhe respondeu:

— Senhor, aqui não há água nem amoras.

O Santo sorriu, cheio de graça celeste, e disse:

— Ide ao adro da igreja que lá encontrareis uma amoreira coberta de seus frutos; ide ao monte que lá topareis uma fonte de água pura.

Foram; e vendo o milagre ajoelha-

ram diante do santo e glorificaram a Deus.

E eu comi dessas amoras e bebi debruços na água clara dessa fonte — que cura homens e gados.

*

* *

E' dilatada a vista que se abrange lá de cima. Quanto mais trepamos, mais panoramas a montanha nos mostra. A montanha é prestigiosa como alma de mulher amada: mais a conhecemos, mais se nos revela, ¡e menos a vemos! De longe, atrai-nos; nela, esquecemo-nos de que a vida vive...

A terra de montanha, vista a distância, parece de sêda; seus penedos de veludo; macios os tojos em que nos rasgamos... Terra de montanha, és feiticeira por teus desconhecidos; és mulher por teus perigos e encantos; és religiosa por teus mistérios; és mestra por teus silêncios.

Eu ia subindo e pensando. Já sentia no meu coração o coração mágico da serra calada.

Olhando para o vale das Pedras, vê-se, a um lado, a próxima serra dos Castelos, negra, rugosa, como crosta colossal de colossal broa trasmontana. A meia encosta, ri, entre espêssas verduras de castanheiros, uma ou outra casa caiada da humílima aldeia de Rebordochão. Para cima, o monte é rapado, calcinado, tendo, no entanto, de ora a onde, a secar ao sol, panos verdes de mato novo — verde e feliz como o limo das poças. Em frente, lá no fundo, os irritantes telhados marselheses dos vastos hotéis das Pedras; à direita, a massa tenra do parque novo; para cá, a estacaria de choupos, em linha, a marginar o Avelames — seus confidentes à hora das brumas do entardecer; para além, a fita branca e estreita da estrada que, às curvas, segue, atarefada, para Boticas; em baixo, a estrada larga, recta, franca,

que vem de Vila Rial e de Vila Pouca e vai, serena e tenaz, para Bragança, passando por Vidago e Chaves. Campos verdes de milho, campos secos de feno; linhas de carvalhos e de castanheiros; raros pinheirais; casais isolados — tudo isto enche o fundo úmido do vale que se destende de outeiro em outeiro, de monte em monte, até serras que noutras serras se encostam, perdendo nitidez, esmorecendo tintas, até as últimas — nas alturas de Barroso, Larouca e Monforte, serras leves, de fumo azul, no extremo horizonte, lá na raia de Espanha. E' quieto o vale. Não chega aqui, às cumiadas de Bornes, o rumor dos quinhentos hóspedes que enchem os hotéis: as preocupações mesquinhas, que inquietam êsses mesquinhos regimentos de almas, dissolvem-se na paz do ar lavado, alimpam-se na beatitude desta altura purificadora.

*

* *

Do alto dos montes vêem-se os panoramas das serras, meditam-se os da vida, alcançam-se os da eternidade. Sim, montanhas, sois sábias por vossos silêncios e pela vossa antiguidade que muito tem vivido e visto. Sois como provérbios remotos mas sempre vivos, a rolar nos tempos.

Provérbios? Mas, afinal ¿o que se aprende com os provérbios? Cousa nenhuma.

A' primeira vista, nada mais luminoso para ensinar o caminho dos sãos juízos que o conhecimento das sentenças morais deixadas pelos que muito viveram e bem pensaram; e os provérbios, os adágios, os rifões e os anexins — cristais da verdade talhados na experiência — contendo a máxima lição, parece que deviam divulgar o máximo

proveito. Engano. Ninguêm ouve o conselho das sentenças, como ninguêm se absorve na amadurecida sabedoria de um rifão, que para tantos não excede o aspecto de um aviso. Avisos! ¿Para quê, se são mais as orelhas tontas que as prudentes? Nascer é ser condenado a viver; e viver é percorrer a fatal trajectória do devaneio à desilusão, do êrro à verdade, do pecado à virtude — ¡da mocidade à velhice! Cada homem nasce nu de saber e morre vestido de experiència que adquiriu vivendo, mas de que tarde se aproveita, pois, como os bens da fortuna, a lição da vida leva mais tempo a ser amealhada que a ser gozada... Ninguêm aprende senão por si. A experiência dos outros a raros é prestável. O homem é um ser orgulhoso: ama-se e confia. O bom-senso dos provérbios pisa em terra firme, e as àsas da mocidade, leves e atrevidas, voejam temerárias. A mocidade é a mais bela e a pior das companhias que nos fazemos. Ela aprende gastando-se,

e quando chega a saber já nem é mocidade: — é comêço de velhice. ¡Ah, a vida é preciso andá-la, e cada um por seu pé!

Os Teogonis, os Pitágoras, os Marco-Aurélios, os La Rochefoucaulds, os Pascais, os Montaignes, os Chamborts, os Jouberts, emmudecem-nos em cerradas cogitações, fecundando-nos o tino com a irradiação do seu espírito; mas a nossa melancólica concordância com tal pensar, isto é, com as conclusões a que chegaram, não significa senão que a vida se nos deparou como a êles, e que na hora tardia em que os lemos nos arrependemos de não haver seguido aquilo em que êsses mestres insistem.

A mocidade não lê nem ouve máximas morais, pelo mesmo motivo por que não busca a conversa justa da gente idosa; e, no entanto, só essa, porventura, lucraria com tal saber, pois que os velhos, desgostosos, vindo do conví-

vio da fera egoista do ardiloso homem social, chegam por si às mesmas scépticas reflexões dêsses autores; e, como êles, concluem que a vida é traiçoeira, que o homem é fraco, que as paixões são eloqùentes, que menos sofre quem mais renuncia, e que menos se engana quem menos crê no bem. E esta gelada conclusão pessimista, ao sair da vida, não é êrro menor que a aspiração optimista ao entrar nela. Uma enregela, outra escandece — ambas são enganos e perturbam. Mas à mocidade é indispensável a fecunda mentira optimista, e à velhice não pesa a persuasão do pessimismo. Portanto, tôdas essas regras, ensinando o homem a prevenir-se contra emboscadas, a enxergar sofismas, a argueirar manhas, a desfazer mentiras, emfim, a adverti-lo de perigos — todo êsse saber — chega tarde à alma do lutador. Não o previne: confirma-o no que êle já conhece, naquilo em que já cogitou.

As máximas não prestam serviços

aos homens; quando muito, enchem de aplauso o gnómico autor que soube resumir o pensar de muitos e enunciá-lo em concisas expressões lúcidas. Inúteis os provérbios: não passam de engenhos de formas roladas pelo tempo; são conceitos embalsamados; frases mumificadas; palavras mortas. Só a vida ensina. Há erros que temos de repetir em nós próprios, para nêles aprendermos lições. Cada homem vive em si a humanidade inteira; e ao morrer tem composto, por sua própria reflexão, um livro de sentenças — inconsciente plágio dessas outras considerações herdadas, de que se não servira. A vida é preciso andá-la e cada um por seu pé.

*

* *

Scismadora serra de Bornes, adeus. Deixo-te para voltar à vida que é, verdadeiramente, a grande mestra.

São Mamede de Riba Tua

Estou em terras altas do Douro, entre serranias, a uma janela da casa do escultor Teixeira Lopes, onde passei a noite. Levanto-me antes do nascer do sol. A' volta, manchas negras de montanhas; defronte, na encosta, a pequena vila de São Mamede, acarvoada e fundida na sombra. Na igreja sobranceira, uma luzinha, como lâmpada de oratório, vela religiosamente pelo lugar. No fusco, acendem-se, timoratas, espaçadas em grupos de três, as nove badaladas das Avè-Marias; e esta oração do sino é o primeiro alvor na serra.

A tinta dos telhados começa a distinguir-se da das paredes sem cal. Já o verde dos arvoredos é menos duro. Sai do seu livor e amarelece-se o leito da estrada madrugadora e trabalhadeira que, vinda de Murça e Alijó, passa por aqui e lá vai, a descer em curvas sôbre precipícios, até o cais laborioso da estação Riba Tua, na margem do rio Douro.

A massa espêssa dêstes montes, agora menos negros, recorta-se na raia esbranquiçada do oriente anunciador. Há luz nas alturas do céu limpo. Na vilinha, clareia-se o branco sujo das poucas casas caiadas; e, em redor, molha-se o verde tenro dos bacelos e o das figueiras que o outono amarelenta. Vão para as vinhas mulheres com cestos vindimos; passam viandantes a cavalo; e na estrada ouve-se o bater dos socos dos jornaleiros madrugadores. Por sôbre os casais esgarçam-se os primeiros fumos.

Dissipou-se o lusco-fusco da ante-ma-

nhã e já se vê bem São Mamede na sua tinta betuminosa: — montículo de casas miúdas de telhados em mescla de saragoças, de paredes terrenhas com negros de janelas e postigos sem vidros, sombras de toscos varandões, sob alpendres, que o sol encherá de côres. E' uma vila antiga, de mancha broenta e aspecto espanhol, pobre e pitoresca, que, fugida dos negrumes de um despenhadeiro onde a luz mal desce, trepou a fêsto, trepou, em busca de ar e de claridade, até alcandorar-se ali, satisfeita com respirar a pureza das alturas e de brunir sua miséria com o ouro do sol dos píncaros. Friorenta, acostou-se, contra o norte, na lomba arborizada do monte Alvaredo, que pega com outros montes bravos, de alcantis a pique sôbre as águas de chumbo do Tua, estreito, torcendo-se num encaixe de rochas corroídas pelos escavões das torrentes invernosas, a rolarem de escantilhada — lá em baixo, no fundo do apertadíssimo vale de pressaga sombra.

A claridade aumenta. Todo o nascente é uma facha de âmbar luminoso a esmaecer-se no anil aguado da abóbada celeste. Florescem em luz os cômoros dos montes próximos. Vai nascer o dia. Num ponto mais brilhante do horizònte, uma placa de ouro aponta, arredonda-se, sobe. E' o sol. Num instante, céu e terra enchem-se de fulgores. O globo de fogo, de um rubro avio-lado, lateja. Freme nêle vida, entusiasmo, confiança. Varreu-se para longe a tristeza dêstes montes rudos: agora tudo ri e canta em alvorôço. O sol eleva-se, eleva-se sempre, — num triunfo. A sua luz é forte, ingénua, optimista. Êle vem criar vida, enriquecer os homens, esmaltar de luz a terra verde. A eloqùencia vital de sua voz de fogo, galgando negrumes de planícies e de serras, e penetrando nas misérias das almas, vai, emfim, ser ouvida e, finalmente, melhorar os homens. E' um Messias. E' a esperança a prègar a salvação das almas pelas alegrias da luz fecunda

e bela. Que todos ouçam seus sermões de verdade e amem os esplendores da sua beleza a bradar justiça e bondade à velha terra denegrida pelos pecados dos homens.

*

* *

E eu cogito na misteriosa influência que o espírito desta paisagem, de cerros tão austeros e de panoramas tão scismadores (mas onde é mais esperançoso o nascer do sol), possa ter tido na alma suave e triste do escultor António Teixeira Lopes, filho de outro escultor e neto e bisneto de afamados artífices manuais, nascidos nesta serrana melancolia.

Seu bisavô era tanoeiro e torneiro, mas topava a tôdas as artes, sempre com destro jeito e gôsto afinado. O avô, ferreiro e músico, fazia o que queria: umas vezes trabalhava de carpinteiro ou de marceneiro, outras compunha ou construía instrumentos de metal e de

madeira; e sempre das suas mãos habilidosíssimas saíam peças bem acabadas. E um seu tio-avô, notável espingardeiro que fêz a campanha da Cristina, atirava-se a tudo: um dia deu-lhe para fazer o relógio da tôrre desta paroquial de São Mamede, e com tal segurança e arte se houve que a obra, concluída há muitas dezenas de anos, ainda hoje presta serviços e é admirada. O pai de António Teixeira Lopes, aos 13 anos, já esculpia imagens de *Senhores-dos-Passos* e de *Nossas-Senhoras-da-Soledade.* Por estas redondezas, nas igrejas de Cotas, de Alijó, de Castanheira do Norte, de Amêdo,—gerações de homens e de mulheres teem rezado devotamente a essas imagens expressivas, feitas, aliás, a goiva e formão, pelas mãos ingénuas de uma criança que ninguêm ensinara e se servia da ferramenta inadequada do tio espingardeiro.

O mesmo espírito e a mesma aptidão teem vindo, pelos anos fora, de pais a

filhos a servir a ânsia de almas religiosas e artísticas iluminadas de beleza. ¡ Misteriosa transmissão de sonhos; misteriosa herança de chamas belas ! Mas Teixeira Lopes, herdeiro das mãos habilidosas do pai e dos avós, herdou a mais um elemento novo: a ternura da mãe — a luz do coração. Por isso a divisa da sua oficina devia ser êste dizer de Heine: «Le cœur du poète est le point central du monde».

*

* *

Meditando na tinta úmida do sol na alvorada, a desfazer, em sorrisos, a catadura brava dêstes cerros, penso que tôda a arte natural de Teixeira Lopes se prende à luz esperançosa do sol nascente, ao anunciar o dia, à luz da manhã da vida — à vida rosada das crianças. Teixeira Lopes é, essencialmente, o escultor da ternura portuguesa no que nela há de mais profundo

e feminino: o amor aos filhos, o carinho pelos pequeninos, que só as mães sentem e os artistas bons entendem. O Espírito-Santo dêste poeta desceu num raio de sol côr de rosa, que lhe tocou a alma e lhe ameigou as mãos no ensino afectuoso de moldar tenras carninhas onde mora a frescura das almas que não atravessaram ainda o paúl do mundo mau. Teixeira Lopes é, no barro, o Corot das telas das madrugadas do sol a nascer. Os meninos do escultor são as manhãs do pintor. Corot pinta a luz da alvorada através de brumas; Teixeira Lopes modela o clarear da vida na luz indecisa da infância. Vivendo no meio dela, a sua bondade ingénita banha-se no gorgeio dos seus tagarelares, que êle ouve musicais, e toca-se da luz da sua alegria a borbulhar viçosa como os rebentos das fontes.

Os homens são maus e a infância é boa. O pessimismo do artista (que muito tem sofrido) foge para êste optimismo. A

vida é dura e compacta; mas a criança é um mundo leve e indefinido. ¿Em que pensarão elas? Mistério! E já seus anseios de artista se embalam neste encantamento vago...

A modelação das carnes das criancinhas tem extremas delicadezas. Exige meiguice de alma. Há passagens subtis. Um nada a mais torna duro o que deve ser flocoso. Tudo nelas são meias tintas fugidias. Seus cabelos não teem fundos: — só levemente acusados dão suavidade e côr. Os olhos olham sem ver. Elas são leveza, distância, vago... E' preciso dar a vida que se esboça — vida que não é ainda vida, como êste dia que rompe não é dia ainda...

O setíneo do mármore e a sua meia transparência foram feitos para reproduzir o grão fino da pele sãzinha da criança. ¡Que pena que o escultor não tenha à mão os mármores pantélicos, da côr das fôlhas das rosas, para nêles modelar as carnes frescas dêsses meninos-auroras!

E é tão grande o sentimento que enche o artista, todo coração, que com êle tudo atina: êsses meninos são generalizações só alcançadas pelo pensamento agudo e culto, ou pelo coração a pulsar em instintos adivinhos e belos. O coração também tem ideas. O coração também cria. O coração também é genial. Estes meninos são temas humanos: conteem mundos de pensamentos. Numa fôlha está a árvore; num gomo, a flor e o fruto; na criança, a humanidade. O universo cabe num grão de areia: depende de como se vê êsse grão de areia—da potência interior com que o observamos, meditamos nêle, o ampliamos.

Tôdas as mães (em especial, as portuguesas) diante dêstes meninos, rochunchudos e roliços, terão sempre íntimos movimentos de ternura, ao ver, nas suas gracinhas e jeitos, as àtitudes e as expressões dos seus próprios filhos. Sorrirão para êles, mimando-os do fundo de alma; e diante de algumas boqui-

nhas, puras como pétalas de flores em botão, e sequiosas, talvez sintam o humano e divino desejo de as saciarem, oferecendo-lhes o próprio seio...

— ¡Só lhes mingua a fala! — dizem algumas.

E outras, piedosas, acrescentam:

— ¡Só falta levá-las à pia do baptismo, para serem cristãs!

*

* *

A seguir ao amor que apega o artista a tratar crianças, vem o gôsto de esculpir bustos de raparigas novas de carnações em flor. E' lógico. A mulher é ainda uma criança... grande. Pelo sentimento ela está próximo da criança, e pelo desconhecido no seu sexo de mistério, — alongada no desconhecido que há no alvorecer da infância. E ambas são manhãs de esperanças — para a vida e para o amor.

Seguem, na sua predilecção, os velhos — idade em que, tantas vezes, se volta à meninice. Também êles teem candura, e raros são os que, pelo ensino da vida aspérrima, não cristalizam em bondade. Os olhos dos velhinhos, já sem luz, são os que mais se parecem com os das criancinhas, ainda de côr indefinida. E, como forma, é interessante para o artista passar do simples ao complexo, tratando, acolá, carnes lisas, tôdas rôscas e covinhas sãs; aqui, superfícies sêcas e rugosas de carnações envelhecidas, mas cheias de côr e pitoresco. Ambas, porêm, em polos distantes, são tocadas espiritualmente de bondade: radiosa ao entrar na vida; apurada ao sair dela. ¡Bondade, flor rara que só se desabotoa nos pontos extremos da curva da existência!

Veem depois os santos — almas lavadas como as dos meninos, almas de paz como a dos velhos — que êle constrói dentro do seu sentimento que continua

em lógica linha ascensional. Neste escultor a teoria da santidade não é a que se alcança com induções de raciocínios, mas a que corações dotados da claridade do Grande Amor de si próprios deduzem.

No *Santo Izidoro de Sevilha,* Teixeira Lopes não verá um sábio teólogo e douto gramático do sétimo século, nem um medieval bispo espanhol, rudo e violento, a combater as heresias arianas, a pugnar, tenaz, pela ortodoxia pura e pela disciplina rigorosa da Igreja; não verá nêle o misticismo truculento da raça espanhola a torturar a carne para edificar o espírito; — verá simplesmente um bom velho, pálido e magrinho, de íris bebidas pela imensidade da luz dos céus, com o olhar, pôsto no infinito, já cheio da paz das alturas, e todo êle impregnado da suave devoção dos santinhos portugueses, de alma leve a querer desprender-se da carcaça do corpo para a claridade celeste: os ombros fugidios desta esque-

lética imagem teem a leveza da ascensão, e tôdas as linhas da sua figura sem carnes, levitadas, sobem como fumos de incensos.

Santa Isabel, a aragonesa rica, fidalga e poderosa, há de impressioná-lo, a êle, plebeu e poeta, como a humildade rasa dentro de um corpo que veste régio manto de brocado e põe na cabeça, envôlta em oral de olanda fina, uma coroa resplandecente de ouro e incrustada de cabuchões de balaios e pedras citrinas. E a alma simples do escultor amará, sobretudo (estudando o contrastar do aparato opulento de uma rainha na mesquindade de uma santa), demorar-se na interpretação das belezas interiores desta linda alma e traduzir-lhe os propósitos de beatitude na exteriorização da humildade dada pelas curvas das costas, pelas da cabeça inclinada com respeito; dada no retraimento dos braços, no acanhamento das mãos, no titubear dos lábios, no baixar do olhar submisso — no cambalear do todo o

seu corpo frágil ao sentir-se, nesse encontro com o marido, agraciada por Deus com o milagre do pão e das rosas.

Nos retratos, ouvindo em si a palavra forte e sincera destas montanhas que não sabem mentir, procura, acima de tudo, na precisão e na semelhança, a arte da verdade, realizando-a com a mais perfeita mestria de execução livre, franca e leve. Seus modelos não estão parados: — andam; não estão silenciosos: — falam. O artista quer surpreender nêles o movimento, a expressão, a beleza. No muito ou no menos ou no levemente cavado da íris dá a côr dos olhos negros, castanhos, azuis; no furo das pupilas, — a inteligência, a viveza; numa areia de mármore num canto da córnea, — o brilho dos olhos; e assim com nadas chega a tudo — à expressão, ao milagre do olhar, ao sôpro da vida.

As figuras alegóricas que mais ama, são as que traduzem sentimentos cla-

ros, simples e humanos. Será incapaz, como pretendeu Rodin, de esculpir ideas (ou Teixeira Lopes não fôsse uma alma lusíada da corda lírica dos Bernardins Ribeiros, dos Antónios Nobres); mas tem raízes no seu próprio sentir esmoler a concepção da figura da sua *Caridade.* O escultor representa-a por uma Irmãzinha-dos-Pobres, com o seu hábito de lã azul de fartas mangas (como a acolher tôdas as misérias), sua coifa branca de cambraia gomada, — velhinha tão repleta de amor do próximo e tão freimada nêle, que a sua virtude caï no pecado da avareza de bemfazer: são garras de Harpagão os dedos ossudos e recurvos dessa santa mulher que, como São Francisco de Paula, sai do seu hospício e penetra as multidões das ruas das cidades à caça de criancinhas nuas e esfomeadas, que necessitem de assistência do amor das mães.

Mas onde Teixeira Lopes atinge a máxima arte, forte e simples, posta ao

serviço da máxima ternura humana, é nesse barro de génio *O grupo dos pais,* que eu chamarei as *Bodas de ouro* da recordação do passado feliz continuado no carinho da hora presente. Estão casados há cinqüenta anos; e aquele par ditoso vem pousar um momento diante das pupilas comovidas do filho querido que, escultor e poeta, quer fazer o registo artístico daqueles corações que, pela vida fora, muito se teem amado, e êle adora.

O pai — bela cabeça de longas barbas brancas, escorridas e solenes, faces e olhos fatigados mas tranqùilos, testa alta de rugas curtidas nos trabalhos da vida — olha serêno para o filho artista. A mãe, — velhinha, cabeça redonda de menina, singela no seu cabelo de risca ao meio, boquinha miúda e sumida em queixos sem dentes, rugas de bondade; — a mãe, achegando a sua fraqueza de mulher à fôrça do marido, inclina-se-lhe no ombro, terna e respeitosa; e, ao mesmo tempo, um pouco escondidamente

(pudor de amor) a sua mão direita, encarquilhada, de sessenta e tantos invernos, a tremer de comoção, procura a mão direita do espôso para fielmente lha apertar, como, cinqüenta anos antes, certa manhã, na igreja desta aldeia, sob a estola dourada e sagrada do Sr. padre-cura, que, com prestigiosas palavras latinas os casou, entre sorrisos bons, ao repicar de sinetas no ar lavado destas serras honestas. E como se tanta ternura não bastasse, a outra mão tateia o peito do marido, no sítio do coração — para o sentir. E essa espôsa respira fundo e enlevada: — lá está. Segura dêle, queda-se feliz, rezando agradecida. E' a doçura grata de recordar... Seus olhos, a titubear de felicidade, olham, no passado distante, aquele amor de meio século, começado nestes alcantis do Douro e continuado pela vida fora, sempre igual, sempre o mesmo — e sempre novo! E já seus olhos rasos de comoção, e seus lábios finos a tremer, murmuram baixinho,

religiosos, — tôda a sua alma dada ao ser amado:

— José! meu José!

E sempre êste escultor se encontrará à vontade e sincero, quando tenha de expressar altos sentimentos em almas simples, da sua igualha, que o seu grande coração abranja com comovido amor; e nisto é Teixeira Lopes um artista bem português, em tudo se guiando pela sensibilidade enternecida—pelas visões da sua emoção «clarividente», para me servir de uma palavra exacta de René Bazin.

*

* *

Vindo das serras e saído de gerações modestas, a sua arte, natural, detesta convenções, academias e ênfases, para amar a sinceridade, a simplicidade.

Só sabe inspirar-se na verdade. Como Rude (porventura o escultor francês com quem mais se parece o seu tempe-

ramento artístico) também poderá dizer:

«Quoique je veuille exprimer, la nature seule m'en fournit les moyens et je ne peux rien emprunter qu'au monde visible. Je prends donc un modèle en chair et en os, je le plie autant que possible à mes intentions et je me mets au travail».

Assim é.

Ante o modêlo vivo, sua pesquisa é funda e pormenorizada, indo o culto da verdade até ao fanatismo, — até à «réalité avec excès», como de um pintor flamengo escrevera Fromentin. Parece que foi discípulo do autor do relêvo guerreiro do *Arco do Triunfo* e fixou suas palavras, quando êle assim falava aos discípulos, — uma tarde, nas oficinas da «Rue de l'Enfer»: «Copiez ce qui est devant vous. Laissez aux impuissants la manie *d'arranger, d'embellir.* Sculpter c'est dessiner en ronde-bosse, suivant les trois dimensions. Tout chef-d'œuvre est une concentra-

tion de réalité faite par un artiste qui sait voir — par un maître. Quelles que soient vos aspirations, il importe que la nature soit tout pour vous».

Sim, mas o belo não está na natureza: está em nós. A natureza oferece-nos elementos dispersos: a alma estética une-os e cria a síntese bela de que o artista se enamora e em que se enleva.

¿Só «concentration de réalité», mestre? Não. A fórmula completa será: concentração de realidade e condensação de sonho. «Le seul principe en art est de copier ce que l'on voit», dizia igualmente o pagão e espiritualista Rodin que, aliás, tambêm afirmava: «au delà des surfaces, nos regards plongent jusqu'à l'esprit» — êle, o poderoso sonhador de belezas novas, que pretendeu ir até à plastização das ideas abstractas.

O único princípio justo em arte é copiar o que vêem os olhos e exprimir o que adivinha a inspiração. A verdade integra é feita da exteriorização das

cousas — matéria; e da expressão delas — espírito. A beleza está subjacente à verdade. O artista revela-a. A forma é interior e não exterior. Tôda a forma é espírito, pois só êle tem o poder de nos transportar.

Quem diz arte diz o alêm belo onde a verdade real não chega. «A arte começa onde a vida acaba», disse Goethe. A arte, vivida e alada; deve ser a côma de sonho de uma árvore cravada fortemente na realidade profunda. Ante uma escultura bela, se a realidade nos prende, quem nos eleva é o polvilho de visão que o artista põe na verdade observada—nas fugas de beleza que há nas linhas e nas expressões. Mestres, no torso maravilhoso do *Ilissus,* do Partenon, o natural é já sobrenatural... Êsse bocado de mármore tem mais espírito que matéria.

Porque a escultura é a mais plástica das artes, deve ela ser a mais transportada de tôdas. Começará num «bloco» de pedra e perder-se há num floco de nu-

vem... Arestas vivas e àsas de fogo... Assim como a música, a menos formal das artes, deve, para tomar corpo, descer à plasticidade da escultura; assim a escultura, para ser sonho, deve subir à subjectividade da música. Por sôbre os medalhões de David d'Angers sopra muita rajada de lirismo; como se cobre de ouro a volúpia das carnações das dançantes de Carpeaux, volteando em delírios de movimentos tão sensuais como musicais.

Caro mestre português, dize-me:

—¿Não será por ser intensamente real («plus vivant que la vie» — como diria Teófilo Gautier) que o teu *Bacho* é mais um homem vivo que um deus imortal? ¿Não devia aqui a tua técnica perfeita fugar no sentido daquele divino para que os gregos focavam as suas criações olímpicas? E o «véu diáfano da fantasia» que, em pregas de mármore, cobre a tua «forte» *Verdade,* ¿não deveria ser expressão em vez de ser pedra?

*

* *

Nesta aldeia serrana, as figuras dos homens, das mulheres, dos rapazes, são vincadas de poderosas expressões. Teem carácter. O *Caim* de Teixeira Lopes (mau como um filho de Quasimodo, no dizer de Fremine) era um garoto daqui; e o *Homem do povo* foi copiado de um velho dêstes sitios, tão decrépito e enregelado,—o corpo sem um desejo, o olhar sem uma ilusão—que, esmorecido, vencido, bem pode simbolizar o *Inverno da vida*...

Eu penso, mestre, que devias ter descido à cidade e corrido a Paris únicamente a aprender, nas escolas, a arte de manusear o barro; de moldar o gesso; de, servindo-te do compasso, o copiares para a pedra, nos seus planos e linhas principais; de desbastar, a golpes firmes de escopro e de maceta, o mármore branco; de o golpear, cavando

fundo; de o pulir, boleando superfícies; de, por fim, o esfumilhar com cinzéis e limas, — outra vez diante do modêlo vivo, na interpretação final e subtil dos íntimos pormenores da vida e da beleza. Depois, assim ensinado, devêras ter regressado a esta serra, onde te enraízam as tradições de teus pais, de teus avós, da tua paisagem — espíritos de herança a iluminar em ti a visão das almas destas gentes e dêstes panoramas. E aqui, esquecido de academias e convenções, afastado de aristocracias e mundanismos exigentes de almas lisonjeiras, para as quais «il y a des artistes spéciaux», como sagazmente te observou o célebre Sargeant, a ti que nunca deste um golpe de cinzel que não fôsse sincero: — e aqui todo te devêras virar para as figuras locais, estremadas de expressões e de caracteres portugueses — gente humilde e infeliz que a tua bondade e a tua tristeza entenderiam até à adivinhação da humanidade dolorosa que ela contêm.

¡Que grande galeria de tipos!

Sem falar na chusma dos idiotas, casquinhando risinhos; dos melancólicos de olhar corujento; dos imbecis de olhar estupidificado; dos «fala-sós» meditabundos; dos maníacos de faces convulsas, pupilas em fogo e cabeleiras em vendavais, semi-nus, gestos apocalípticos, a clamarem, pelos montes, as palavras desconexas dos doidos e as frases profundas dos videntes; para só falar dos pobres (que a tua simplicidade melhor compreenderia) — ¡que poderosa galeria de tipos!

Os pobres!

. . . .

*

* *

Cai o dia. Do fundo do vale, em que o Tua se espessa em ardósia negra, as sombras do anoitecer veem subindo pelas lombas dêstes montados aspérrimos; — veem subindo, endurecendo os verdes dos carrascos, dos sobreiros, e

os das raras oliveiras, côr de aço, na serra da Tralharia; avioletando os penhascos ossudos; apagando os amarelos nos fraguedos tostados; tanando os telhados; acinzentando as caliças das casas brancas; bebendo os laivos de ouro nos barros das paredes velhas da vila de estamenha; subindo sempre, sempre, até apagar o esmalte das comas dos últimos pinheiros no fio dos montes. E' uma lenta maré de treva, que cada vez mais se adensa e sobe, até sepultar tudo no mar negro da noite.

¡Pungentemente pesaroso, o anoitecer na serra! Assiste-se, mais de perto, aos desalentos do sol, repassado de ideas melancólicas, na dorida consciência de, ao partir, saber que deixa os homens tão maus como os tinha encontrado, ao amanhecer. Mas o sol morre para ressuscitar. Amanhã voltará. Insistirá. A sua tenacidade é potente; a sua fé infinita. ¡Também êste deus tem ilusões! Ah, se não as tivesse, não seria fecundo...

BRAGA ANTIGA

O braguês

Essa Braga de há uns sessenta anos, embiocada e beata, era uma cinzenta cidade de ruas esganadas, de ruelas aos cotovelos, de praças mortas e de hipócritas casas cobertas de bisbilhoteiras rótulas e de disfarçadas janelas de suspensão. Algumas senhoras usavam ainda mantilha de lapim sôbre a saia de merino, lisa e curta, a deixar ver a meia branca de linha fina e o sapato miúdo e decotado, de atar com duas fitas pretas pela perna acima; os homens usavam chapéu alto, de feltro, e serviam-se de

fartos capotes azuis de vários cabeções sobrepostos, gola de veludo, de um palmo, com farfalhudos alamares de flores de prata. O Têrço era rezado à noitinha, de casa para casa, às escuras, acocorando-se amas e criadas na padieira das varandas, ou nos poiais das janelas do peitoril. Quem passava, abafava os passos; e, a um desconhecedor de tais usos, o múrmuro bichanar de dezenas de bôcas piedosas, escondidas na noite, dava a impressão de que, a essas horas nocturnas, as casas tinham voz e cochichavam seus segredos...

Saía-se pouco, e sabia-se tudo. A maior parte das senhoras só iam de casa para a missa e da missa para casa, mas isto era bastante para conhecerem o que se dizia e se inteirarem do que de mais oculto se passava na cidade. Janeleiras, viviam à sacada, noite e dia. Os janelos de crivos mexericavam ditos e enredos, espionando tudo, pois das adufas se via sem ser visto, se falava sem ser ouvido.

Aos domingos, algumas famílias, raras, iam passear até ao Bom-Jesus-do-Monte, em trem fretado. Na concha do carro levavam a borracha do verde, e, num açafate, entalado entre douradas rôscas de pão de trigo, o pacato jantarzinho, que piedosamente comiam debaixo do Cedro, ou à sombra de uma capela, ou, entre sobreiros, na Mãe d'Agua. Outras, arredias, escondiam-se em passeios modestos, a pé, pelos Granjinhos, pelas Hortas, por São João da Ponte, Galos, Maximinos, Falcões; — ou até Ferreiros, pela estrada do Pôrto. Muitas, ainda mais reservadas, mais bisonhas, ficavam-se pacatamente em suas casas; e, depois do jantar, que regulava entre a uma e as duas horas (jantar que, em certos domingos, era obrigado a frigideiras ou a sôpa sêca feita no pasteleiro) recebiam pessoas amigas, que iam passar um bocadinho da tarde: e aí, em volta de cálices de vinho abafado e de pires com suplicos e forminhas de São Vicente, «desenfer-

rujavam a língua...» Era a maledicência profissional passeada pelos domicílios; e nunca faltava, para «prato do dia», um suculento escândalo, em que mais se demoravam, mordendo-o, mastigando-o, saboreando-o — deliciadamente. Havia grandes artistas em escabichar os «fracos» dos seus semelhantes, esquecendo-se das mazelas próprias, pois defeitos e perfumes vêem-se e sentem-se mais nos outros do que em nós... ¡Não se poupava ninguêm!

Em várias classes, faziam-se grupos idênticos; e mais por aqui, mais por ali, quási todos caíam na partidinha da merenda, bem picada de má língua e bem regada com o vinhinho adamado e aconchegado da «Companhia», que confortava o estômago e a alma. Não havia outro meio de encher as insípidas tardes do insípido domingo braguês. Empregados públicos, militares, coreiros da Sé, que, segundo o estilo da terra, tinham jantado cedo, eram certos, pela volta das cinco, a petiscar nos re-

tiros da Ponte e de Maximinos, ou, mais simplesmente, a beberricar o seu vinho do Pôrto e a mordiscar sequilhos, em qualquer recanto envergonhado de botequim, de confeitaria ou de mercearia — ao fundo, por detrás da armação, sentados em mochos, a uma pequena mesa entalada entre barricas de manteiga, caixotes de passas, latas de bolacha, sacas com arroz.

Aos sábados à noite o Têrço era passeado pelas ruas da cidade por um lamuriento grupo de devotos encapotados que o rezavam a meia-voz, soturnamente, atrás de um pequeno andor, entre lanternas de chamas moribundas, e uma decrépita campainha badalando, triste, de onde a onde. Nas igrejas, missionários truculentos clamavam contra os pecados da carne e denunciavam os pavores do Inferno; os homens batiam cavamente nos peitos, e, de joelhos, oravam de braços abertos, em espasmódicas expressões de olhos e bôcas escancaradas e estúpidas; e as mulheres do

povo, horrorizadas, chamorravam o cabelo à escovinha, como galuchos, impunham-se a penitência de se não lavar nem mudar de roupa, e, mantéis pela cabeça, rezavam de bôrco, com as bôcas postas nas lajes das sepulturas — de bôrco, semelhando obuzes, como dizia Camilo. Havia muitas procissões e muitos «lausperenes». Algumas pessoas ouviam diáriamente três e quatro missas. No entanto, por tôda a cidade fervilhavam cartas anónimas, denunciando crimes, inventando calúnias, intrigando amigos, indispondo famílias, desfazendo lares. Os enjeitados eram expostos tôdas as noites nos pátios das casas; a Roda abarrotava; e nos tribunais jurava-se falso por meio quartilho de vinho.

*

* *

Além dos pequenos centros oficiais de bisbilhotice local — na rua do Souto, Porta-Nova, Chãos e Fonte-da-Cár-

cova, — paradeiro certo eram os alpendres do Campo de Santana, baixos e negros; e aí, como nas ruas esconsas da cidade, o braguês pautava seus passos meditabundos e roçava seus ombros receosos às colunas das arcadas, sempre com o olhar desconfiado, a luzir de viés na cabeça rebuçada na alta gola do seu amplo capote azul. O braguês (mercador ou clérigo, boticário ou paramenteiro, sirgueiro ou tropa) era um homem calado, desconfiado, ronhento, inculto e presunçoso. Escutava muito, sondava sempre, fazia perguntas sorrateiras e pesquisas de raposa, mas nunca abria a bôca para se pronunciar. Só depois de assaz informado a respeito de um assunto e de ouvir várias opiniões; só depois de ter baloiçado no seu tíbio cérebro os prós e os contras de seus juízos, e de ter amadurecido as conclusões a que chegara, com os prudentes conselhos do seu travesseiro consultado; só depois, e só então, e ainda muito rogado, é que a sua

bôca se abria, numa frase sovina, demorada, sentenciosa e... ôca! A reserva obstinada era a firme norma do seu propósito velhaco. A cavaqueira de três caturras, na loja de qualquer mercador da rua do Souto ou cirieiro da rua Nova, era mais gesticulada que falada. Como se não faziam preguntas e só se ditavam sentenças, quatro ou cinco destas davam para um serão, porque cada uma delas levava horas a apalpar, a ponderar, a meditar — e não se viam senão graves meneios de cabeça, uns afirmativos, negativos outros, indecisos o maior número. Alguns, cerrada a viseira da catadura agressiva, escanchadas as achavascadas pernas, uma das mãos atrás das costas, outra segurando o queixo longo e scismador, espetavam os olhos nas tábuas do soalho, baloiçando o tronco meditabundo; outros, fitando as pupilas nos barrotes do teto, com a cabeça inclinada, braços cruzados, beiça caída, alavam o espírito, aéreamente, esperando que do alto

descesse a luz iluminadora de seus trevosos miolos; e o dono da casa (mercador, cirieiro ou paramenteiro), pessoa circunspecta e barbeada, na cabeça calva a respeitável gôrra de sêda negra com borla pendente, tendo os nodosos joanetes suavemente instalados em búdicos ourelos e os ombros aconchegados pelo velho e amigo chale-manta;—o dono da casa, tipo autêntico da ancentral basófia e da instintiva ronha indígena, um pouco arredado do grupo, tamborilava com os dedos no balcão furado e tinha os olhos cerrados e deliciados na solução encontrada por êle, lá no seu canto, para o obtuso caso que se discutia; e sorria, um sorriso frio, de faca afiada, um sorriso sarcástico e olímpico por sôbre a cegueira dos outros — «umas bêstas!», — comentava êle, senhor da situação.

Na sombra do mal iluminado estabelecimento ninguêm interrompia estas graves figuras grotescas. No seu oratório, na armação da loja, um pequenino

Santo António, entre jarrinhas com flores de pano, o menino ao colo, — sorria; na rua, havia o silêncio das horas mortas: sómente, de onde a onde, se ouviam os tamancos de algum raro noctívago, batendo no lajedo da calçada, e, pela noite dentro, na igreja de Santa Cruz, as lentas badaladas de um sino triste, a tocar «às almas!».

*
* *

Os que se não podiam encafuar na sua toca e tinham, convivendo e aparecendo em público, de exteriorizar, amiùdadas vezes, as suas opiniões cavilosamente solicitadas—êsses usavam de expedientes defensivos muito curiosos: alêm de se barricarem, quanto podiam, por detrás de frases de anódina responsabilidade, ou de elástica interpretação, como: «¡ é cousa para ser ponderada!...»; «é grave!...»; «¡ tem que se lhe diga!...»; — serviam-se de

tudo que pudesse entretê-los um momento e desviar do assunto. Assim, o administrador de uma casa fidalga, ao ser interpelado, tirava mansamente os óculos de ouro, esfregava os olhos piscos, e, mastigando fáceis monossílabos, punha-se a limpar devagarinho os vidros à borda do seu alcobaça; — disfarçava e não respondia. Um prestamista da rua da Sé lustrava com a manga a sêda arrepiada do seu chapéu alto, rindo umas risadinhas sóbrias, incolores; — disfarçava e não respondia. Certo conceituado padre-mestre tirava, das profundas algibeiras das suas disformes calças, pesada caixa de rapé, que demoradamente abria, pitadeando-se com estrépito e regalo; — disfarçava e não respondia. Tôdas estas delongas defendiam o braguês (cujo maior prurido é o de não querer que o comam por tolo) do compromisso das suas falas arriscadas, ganhando assim tempo para compor as tais precárias respostas em fórmulas escassas.

Com esta sabedoria — a do muito bem calculado silêncio prestigioso — tiveram em Braga farta reputação de sábios, militares de cérebro córneo e analfabeto, mas de gloriosas máscaras bismarkianas; funcionários ineptos, mas de espinha altiva, colarinhos espetados e sobrecenho valoroso; bacharéis ignaros, mas de campanudo ar catedrático, ou de rígida mudez inabeirável ao trato; e passaram por doutores muitos padres vulgares que subindo pela tarimba — de sacristães a tonsurados e de tonsurados a coreiros — tinham a batina escovada, o porte sisudo, o sorriso discreto, e, principalmente, o finíssimo ouro dos seus silêncios preciosos...

*
* *

Vão mudados os tempos; no entanto, ainda hoje por lá se topa, aqui e além, com um ou com outro espécime do au-

tóctone braguês (não confundir com bracarense culto, esperto e franco) representativo desta minhota desconfiança, desta constitucional e estulta rópia.

Leça da Palmeira

Leça é uma vilinha marítima, cheia de luz, de casas brancas, postas, de um lado, num areal de ouro, de outro, num rio azul. Cheira à maresia dos sargaços e ao sol da roupa a secar. Pequenina, num labirinto de ruas estreitas, quebradas, silenciosas — é praia de inglêses, no confôrto e na frescura da graça sóbria. Estes britânicos, gente prática e elegante, foram-se às velhas casas, baixas, de miúdas janelas, e caiaram-nas muito bem caiadas, como a Ripolin; pintaram-lhes de branco os caixilhos, de vermelho os

beirais, puseram *brises-bises* de rendas nas vidraças, cortinados de cambraia, com fôlhos, — de lavar — por detrás das sacadas, persianas verdes nas janelas, tôldos listrados de encarnado, em terraços altos de onde se vê o mar; e, por sôbre os murinhos, a dar para ruas varridas, colgaduras de trepadeiras: madre-silva, *ficus,* e vinha-virgem — verde esmeralda meio ano, de cobre e de sangue no outono de transparências ambreadas.

Há uma luz especial, vivaz e sonora, nesta terrinha branca que, vista da bacia de Leixões, tem, como fundos, para alêm de um céu de turquesa pura, os verdes espessos dos pinhais da Boa-Nova, da Memória, de São João e do Montado. A' direita, Matozinhos com seus casarios aquêm das matas de Vilarinho, prolongadas para lá da Fonte da Moura, e unidas às de Nevogilde, às do Castelo do Queijo, salpicadas de claros, adiante, pelas primeiras casas de Gondarêm, depois pela correnteza das de

Carreiros, até à Foz que tem no alto o seu farol com o lindo nome de ladainha — «Senhora da Luz»; e, ao longe, da banda de lá do Douro, o recorte amarelo das praias de Lavadóres, do Senhor da Pedra — até Espinho, por sôbre um mar chão, muito azul, arrepiado de maretas rebordadas de espuma, e florido de latinas poveiras.

No interior da vilinha, a vida é tranqùíla e cortês, na cerimónia do feitio britânico, que, frio e discreto, nunca, chega à intimidade; e é sempre distinta a nota fresca que as inglêsas, de ágil talhe — loiras, com seus fustões claros, do *tennis* e do *canotage*, seus sapatos de lona branca, seus panamás amarelos, — imprimem nestas ruazinhas solitárias.

*

* *

António Nobre viveu aqui anos, e esta praia, estas casas, estas inglêsas

ficaram sempre na sua retina como tipos predilectos da felicidade entressonhada:

> «morar, mui simples, nalguma casa
> tôda caiada, defronte o mar...»

agasalhado com

> «... mulherzinha
> loira e alegre.»

Êle saboreou esta paisagem luminosa e doce; e, quando queria meditar, quedava-se horas seguidas sentado, ali próximo, nos penedos da capelinha da Boa-Nova, a dilatar os olhos, vendo o mar estilhaçar-se nas rochas; — a dilatar a alma, cogitando na linha infinda dos horizontes... Outras vezes, no molhe norte de Leixões, voltando costas para a bacia de águas coloridas pelas pinceladas trementes, azuis, brancas, verdes, amarelas, violáceas, negras, das imagens do céu, das bordas falsas dos patachos, dos palhabotes, dos lugres, das escunas, dos mastros, das vêrgas,

das velas dos navios e das chaminés dos vapores — aguarela que o não interessava — assiste às fúrias do Oceano a rebentar-se contra milhares de «blocos» amontoados, na ameaça permanente de derruir essas montanhas de pedras. Então o instinto do poeta melancólico pressente que a sua desdita de mal-avindo também um dia se arremessará assim contra seus sonhos de ouro e os desfará...

Para conversar tinha os pescadores de Matozinhos, ali defronte — homens rudos, queimados, vestidos com camisolas de baeta crepe, calças de serrabeco, — que, na folga, compõem suas rêdes, sentados no areal, emquanto as mulheres, em grenhas, no meio de ninhadas de filhos pequenos e sujos, na soleira dos palheiros, tagarelam com as vizinhas e catam as filhas. Êles lhe contaram, nas suas vozes guturais, e alongadas do jeito de falar por sôbre as águas e para alêm das ondas, os casos das suas vidas arriscadas, na luta com

o mar para onde vão, debaixo de todo o tempo, na graça de Deus, a topar o peixe, ora para o norte, ora para o sul, — consoante o vento. No tempo de António Nobre (antes das *artes* do arrasto e das traineiras) pescava-se em botes, pelo escuro (a lua não dá peixe) e a sardinha, muita, esmalhava-se na rêde miúda de fio de linho.

E nesta praia, que criou para si um Jesus próprio — o «Senhor da Areia» — soletrou êle o nome dos barcos, tão religiosos como pitorescos: *Maim de Jesus, Sinhora da Ora, Bamos com Deus, Sinhor de Matuzinhos.*

*

* *

Próximo daqui, mais característicos ainda, nos seus fatos de varas de baetilha branca, nas suas bóinas de três côres, nas suas carapuças, vermelhuços, ruivos e sardentos como saxões ou

norrenos — tinha os poveiros, os seus queridos amigos:

> «O' meu Pai, não ser eu dos poveirinhos!
> Não sêres tu, para eu o ser, poveiro,
> Mail-Irmão do «Senhor de Matuzinhos».

¡Oh, como o poeta entendia as almas fortes, «calafetadas pelos breus das Dores», dêstes homens do mar! De tal convívio, nas suas vozes longínquas como se saíssem do fundo do Oceano, lhe ficou aquele feitio de, quando conversava, com voz afeiçoada, vinda de um outro mundo, a bôca levemente torcida, a bailar nela um subtil sorriso de ironia e orgulho, marcar muito as palavras, lento, sublinhando-as, como a penetrar-nos do poético sentido que os termos continham, do qual êle se enamorara construindo sua arte. Se eram vocábulos antigos, a inflexão toava-se de ausência e de remoto, e com o poeta seguíamos para tempos recuados e para terras distantes de aquêm e de alêm mar...; se eram expressões de hoje e

populares, aflorava-lhe aos lábios a candura das cousas mansas. Então, os termos, que, até ali, nos pareciam mudos, falavam; e os vulgares modos de dizer, por quem passáramos sem reparar, iluminavam-se de um significado ainda não colhido. E de tal arte era êste revelar vozes raras em vozes comuns, que parecia que António Nobre nos falava numa língua diferente... Na verdade, a linguagem era outra: — era a da íntima emoção, tecida no íntimo de cada cousa, e que só as almas dos poetas desfiam, para nos sobressaltar com belezas comovidas — como os dizeres e os olhares longínquos dos pastores nos enchem de infinito, ao explicar-nos, no silêncio absoluto da noite, ante o céu estrelado, a marcha, os amores, a vida das constelações...

Na palavra fácil, lia êle a palavra profunda; como na vida singela interpretava a vida eterna; e, mais que ninguêm, era a natureza quem o ensinava a cogitar, como era o povo, marítimos

ou aldeões, quem lhe dizia as maiores verdades, sob a mais natural e clara das formas. As falas dos velhos criados humildes e liais; as dêstes pescadores, com as caras curadas pela baforada do mar e as almas curtidas pelas tempestades do alto; as dos serranos de olhos fundos; as dos caseiros, discorrendo acêrca de colheitas e gados, formulavam-lhe tôda a sciência da vida, nos dizeres atilados dos seus corações adivinhos, e nos das suas almas experimentadas. Igualmente lhe comunicavam conceitos e beleza o Oceano, a Lua cheia, por sôbre as serras; o carreiro de água azul, esperta e trabalhadeira, a regar hortas e prados; outeiros esmaltados de luz amarela e poente; tiras de Sol em chãos de carvalhidos; ermidas brancas à beira-mar — «flores de areal».

Tambêm o modo saùdoso como António Nobre olhava as paisagens, observadas pela primeira vez, era mais *rever* que ver. ¡Dir-se-ia que já houvera

passado por elas..., noutra idade, noutra encarnação! Êle tinha em si o pecado original da saùdade portuguesa, que antecede tudo em que pousa a alma.

A natureza era espectáculo grande e simples. Os sábios é que, com suas pesquisas imprudentes, suas exigências excessivas a des-serviam, como quem, debruçado sôbre uma pôça de água límpida, não se contentando com a imagem pura que ela espelha, agita as águas e revolve o fundo, em busca da alma das linhas e das côres, que ninguêm atinge.

¡E como essas palavras, que andam nas bôcas de todos, tudo dizem! Não são palavras, são expressões. ¿Que melhor escrita que a das maneiras chãs, que todos entendem, com a poesia que os artistas nelas vêem e sentem? ¿Para quê rebuscas de dizeres cultos, se os termos naturais se exprimem melhor que os sábios? ¿Para quê literaturas

sobrepostas noutras literaturas, quando o melhor letrado é aquele que menos letras tiver? Se o sentimento é forte e belo (pensava António Nobre), não há senão atirá-lo para o papel, que êle lá cria beleza sua e forma própria. Por isso, nas suas falas, silabando as palavras — sêres vivos — o poeta do *Só* exauria ante nós tôda a emoção que elas continham, e seus versos, fáceis como conversas fáceis, foram postos numa língua franca, simples como a erva e a água, entendida por pescadores e moleiros, môças dos campos e mendigos das estradas.

¿Ao que se há de rezar? Ao que é bom. ¿O que se há de cantar? O que é bonito e nosso. ¡E é tão linda a terra portuguesa, com seus rios, montes e aldeias brancas; tão belos os seus heróis, ardidos na guerra e senhores do mar; tão amorosas as suas cantigas; tão ternas as suas violas; tão meigas as suas tradições campesinas e marítimas, com lendas de santos e de poetas!

*

* *

Rio Doce! E' o mais lento e manso riinho de Portugal. ¿Quantas vezes subiu o poeta as suas águas silenciosas, entre salgueiros de raízes ao sol, que das margens próximas se dobram sôbre o rio? Quantas! Lá o diz no *Só*:

«*O' Rio Doce!* túnel de água e de arvoredo!
Por onde Anto vogava em o vagão de um bote...»

Já ficaram para trás as lavadeiras arregaçadas, que enchem as águas com as tintas, brancas e vermelhas, a tremeluzir, dos seus lenços, dos seus chambres de chitas variegadas e dos seus saiotes encarnados, e enchem o ar de cantigas que os nossos poetas compuseram nestes sítios de encanto. O barco verde, raiado de branco, voga nas águas vítreas a espelhar silvas e amieiros. Silêncio triste... Voltas magoadas como

curvas de música dolente... Rasos com o rio, campos de pastagens. A brisa arrepia as águas meio dormentes que se perturbam como se ouvissem uma má nova... Mal se sentem os remos lentos coaxar no rio. Chilreiam flosas, verdilhões, pintassilgos. Recolhidos, calamo-nos, deliciosamente tristes, penetrados de paz e de doçura. Um choupo, todo debruçado, conversa baixinho com a sua sombra...

Agora o vento espalha a luz, que embranquece, numa tremulina mais larga, o verde da superfície do rio. Outra curva. No espelho puríssimo das águas paradas, as imagens dos arbustos reflectidos, dão a impressão exacta de que o fundo do rio é um jardim de verdura.

Ponte de Guinfães. Chegamos. A tarde cai. Acolá, o chão do pequeno recanto da ribeira é feito da música de muitos verdes melodiosos: os amarelentos, na sombra da encosta do nascente onde, a essa hora, o sol não dá: os da lomba oposta, esmaltados pelo

veludo do sol rasteiro, de luz quente; e ainda os do fundo — úmido como lameiro. E êste chão de prado desce, como rio de limo, até os campos a espraiarem-se na várzea farta, pacífica, onde pastam bois, e no meio da qual, a irrigá-la, deriva, demorado e em silêncio, entre tufos de amieiros, êste bucólico Rio Doce, que, prêso do encanto das margens, não tem pressa de se lançar no mar.

Regressamos. Em baixo aparecem, de um lado, as primeiras casas de Matozinhos e de outro as de Leça — brancas no céu azul que as enconcha sôbre a mancha esverdecida do Oceano, ao longe.

*

* *

Mas o mórbido temperamento sonhador de António Nobre e a sua ingénita melancolia, como se êle tivesse nascido com cem anos contados, ou saùdoso do tempo que noutro avatar vivera, en-

sombram tôdas as tintas desta natureza, tôdas as alegrias da vida, picando-as com o comentário de um sorriso amargoso de protesto contra a época em que existiu, e em que não desejaria ter existido.

Passam-se anos. E' então que na alma do poeta, que tinha por íntimo amigo o outono, caíram dois grandes males que a sua emoção transformou em beleza: a nostalgia da terra pátria, por seu fado o fazer ir parar ao «*País de França*», e a marcha lenta de uma espectral doença em que os pulmões uivam, a face empalidece no pavor da cova, o corpo se verga magro e vencido, as orelhas se despegam como sêcas fôlhas outonais, se estreitam as mãos transparentes, e os olhos, de luto, se enchem de um langor demorado e romântico, que anuvia tudo — ¡tudo até o azul do Céu, até o ouro do Sol!

O afastamento da terra onde brincou, onde adolesceu, e a desesperança de encontrar na vida a esquiva ventura,

à cata da qual correra, males que, ambos, se resumem na dor da ausência da felicidade premeditada, criaram nêle a saùdade funda e suspirosa, que esvazia o peito e o olhar, e o pessimismo negro — cadáveres que para sempre lhe atravancaram seu coração de poeta solitário e mal-avindo.

Deixa Leça.

O *Só,* escrito em Paris, num antigo convento do *Quartier,* é filho da ausência e do tédio, foi criado pela saùdade e mamou o leite da dor. Portugal, visto do Bairro Latino, era para o poeta um quadrozinho de fresca tinta, sua amiga, alêm, muito alêm, com abades prazenteiros, pescadores tagarelas, moleiros enfarinhados, lavadeiras e ceifeiras, cantando e bailando — gente de pouca monta e sem qualidade, mas estimada e bondosa. Paris, em que êle poisava seus pés estrangeiros, e por onde o seu orgulho passeava seu desdêm, era um espêsso negrume de egoísmos e de estranhezas, que lhe enchiam

de frio a alma desejosa, a suspirar pelas areias de ouro das praias de Leça, onde meditara, pelas tardinhas meigas, em poentes suaves, na ermida da Boa-Nova, que se vê do oceano largo, e a que se apegam os corações de fé dos que mourejam a vida por sôbre as águas do mar.

Quantas saùdades!

E a «lendária Coimbra», moura e caiada, com seu romântico rio, seus choupos friorentos, seus luares coalhando em leite o silêncio das noites, seus poentes a poetar, suas fontes a carpir, suas raparigas airosas e dedicadas, seus descantes de amor; a tôrre da freguesia onde o poeta nasceu; romarias minhotas; procissões; repiques de sino a noivado; eiras ao luar; histórias à lareira; violas a gemer o fado; sol branco; touradas vermelhas; e barcos de pesca, a saírem de Matozinhos, com as ilhargas pintalgadas de côres vivas, com signos misteriosos e cândidos nomes de santos.

Quantas saùdades!

E a infância e o lar — tão distantes! Ah, recordar a alegria é mais triste que recordar a tristeza... Então, seus versos afligem-se e choram. E' a saùdade portuguesa que êle canta — êsse sentimento que enche a alma de macerada luz roxa e a perfuma do deleite de recordar. Êsse pungimento que se agradece como o sal das lágrimas, que nos abafam e consolam. E' a nostalgia de todos nós, lusos mareantes, quando, atirando-nos para o mar, com os olhos febris de aventuras, lá ao longe, ao olharmos, doridos, para a terra que perdemos de vista, nos apetece desistir de tudo — do amor e da riqueza — e voltar para trás a viver vida simples em plena bondade.

Em Paris, na ilha da Madeira, no mar da América do Norte, em Alemanha, nas tempestades da Biscaia e da Mancha, nas montanhas e nos lagos da Suíça — vivia longe, sempre longe, quem sonhara viver na sua terra.

A solidão fôra para êle, tedioso, aquele mesmo fraternal espectro, vestido de negro,

> «un pauvre enfant vêtu de noir,
> qui me ressemblait comme un frère».

que na vida, por tôda a parte, acompanhou a alma de Musset, que passara, pelo mundo amando, penando, cantando... Por isso, ainda que António Nobre não tivesse saído de Portugal, escreveria o *Só,* porque aquela *ausência e soledade,* de que o livro é filho, tinha-as êle dentro de si próprio, e alimentava-as deleitosamente.

*
* *

No espírito de António Nobre redemoinharam mil pequenos contratempos que a sua sensibilidade subtil exagerava e avolumava em altaneiras ondas de mar bravo, na demora da volúpia

doentia de escardichar na própria dor, o que é ainda um devaneio. Mágoas, tédios, ânsias, pesadelos, desilusões, orgulhos, ódios, despeitos, amarguras, tristezas mudas, adversidades pungentes e angústias que estrangulam, o tomaram todo e o acabrunharam numa abulia absoluta. E o poeta, esmorecido e vencido, cantou então as suas dores, que, no fundo, são o regresso ao melancólico mal romântico de se não encontrar na vida o idealismo entressonhado, ou, melhor, a doença de exigir que a humanidade seja, não como ela é, mas como cada um, contemplativamente, fantasiou que fôsse. Analisou-se, rebuscou-se, esquadrinhou-se, e tudo nos disse, numa confissão geral estertorosa, nos solavancos da paixão e na língua comum do infortúnio que não escolhe palavras, mas tambêm na língua rara da poesia que luariza tôdas as misérias postas em cadência e rima.

O *Só*, que é um poema da desgraça, consola os desgraçados; e muito

será lido por quem «na tristeza busque remédios de tristezas», pois sempre a «tristeza foi alívio de tristes».

*

* *

António Nobre viveu numa época transitória de protesto contra os excessos do naturalismo, num período de reacção idealista, individual e independente, em pleno «decadismo» e «simbolismo», engenhosamente sugestivos, cheios de inéditas belezas formais, com novos metros, novas rimas e exigentes aliterações a plasticar o som e a luz, pondo, ao lado de muita emoção sincera, muito bizarrismo artificioso, e tudo envolvido em subtil scepticismo gaulês e em pessimismo germânico, compacto e sombrio. Nas letras de há vinte e cinco anos, numa ânsia de ideal novo, cada um trouxe para a rua a estésia das suas sensações raras, ou o documento da sua dor pessoal, seguindo aquele dizer de

Goethe: «faze da tua dor um poema», tomado tão excessivamente à letra, que ninguêm cogitou em que só são literáriamente belas as dores das belas almas que a arte diviniza. O excepcional, no sentimento ou na expressão, não conta em arte durável. Nas letras, preciosismos formais, ainda os mais belos, quando só beleza exterior, passam como passam as modas. Complexidades e subtilezas, fora da integridade dos sentimentos universais, são anormalidade e deformação que não resistem ao tempo. O pessoalismo só vale, quando amplamente se projectar na humanidade, se integrar no infinito.

Tôda a forma, por mais estranha que seja, é legítima, com a condição manifesta de que a impulsione um original temperamento, forte e sàdio, a visionar o universo por maneira assinalada e grande. Sómente perduram concepções enraìzadas nos sentimentos eternos, temas de eterna beleza, sôbre que se edifica a arte, sempre idealista, pois ela,

que «começa onde a vida acaba», vive para além da vida, num mundo próprio que para si criou, onde é outra a luz, outros os sons, as tintas, as linhas...

As formas andam com as épocas. Nas marcadamente vitais, predominam as formas verbais; nas profundas, as substantivas; nas decorativas, as adjectivações polifórmicas e policrómicas. O verbo, o substantivo, o adjectivo. E através de tôdas vive a Beleza eterna sorrindo para todos os artistas altos e sinceros, que buscam encarar nela — mas só para êsses. As formas são tantas quantos os temperamentos; mas uma única regra de arte pura as liga: a máxima expressão na mínima composição, como quem diz, o perfeito estilizar, no completo expressar. ¡Ah, a paz das linhas puras no equilíbrio dos espaços harmoniosos!

. . . .

*
* *

António Nobre, com a *sua* forma espontânea (solidária com o coração), é um poeta intensamente pessoal e, ao mesmo tempo, extensamente humano. Pela ampla interpretação dos grandes sentimentos, une a sua voz individual ao clamor colectivo. Supondo confessar sómente os segredos do seu coração, patenteia os de todos. Êle é o mago que adivinha a dor dos outros na sua dor; o poeta que põe em emoção o sofrer de tantos; a criatura fadada para as letras, que fixa, em formas belas, o pensar e o sentir de muitos que sabem sentir, mas não expressar, e ainda menos cantar, o que pensam e sentem. As suas dores são o reflexo da Dor; e na sua alma cabem todos os que sofreram desilusões.

Quando o poeta recorda os dias leves de menino — as suas «quimeras de mo-

ço» — todos, com êle, e em idêntico estado de saùdade, recordam os seus; e quando canta seus «*males*» magoam-se de o ouvir os namorados, empana-se a cantiga das raparigas que lavam nas pôças, comovem-se os velhos de ver alguêm padecer ainda na flor dos anos; mas consolam-se — porque o entendem — os poetas, os tristes e os doentes que, física e moralmente, penam semelhantes desgraças.

E' esta humanidade, no poeta da saùdade e da dor, cuja tristeza e pessimismo não eram literários, mas o seu próprio sangue, que torna grande António Nobre e o fará, como outros poetas românticos, sempre querido da alma sentimental portuguesa — do «Lusíada coitado!».

*

* *

Leça evocou-me António Nobre.

Há nesta paisagem qualquer cousa

dêle..., se é que não o seu próprio espírito eterizado na luz...

Leça da Palmeira, embora risonha por fora, é, e será sempre, a viúva magoada dêste poeta triste ¡que morreu de saùdade!

A Terra-Negra

No meio da suavidade da terra minhota, feita da verdura dos campos e da simplicidade das almas; nesta alegria construída com o riso das môças e com a desgarrada das violas, um lugar há, em pleno coração do Minho, entre Bougado e Famalicão, onde os pinheirais gemem alto os seus remorsos; o vento endoideceu; as curvas dos atalhos são traição; mal cresce a erva nos lameiros; nos raros campos cultiváveis mingua o pão e o vinho; o céu é o dos cemitérios por entre ciprestes; na borda dos caminhos há cruzes pedindo, aos que passam, Pa-

dre-Nossos pelos assassinados, e tudo aí é espêsso de lendas de crimes, de roubos e de mortes... Êsse lugar é a *Terra-Negra.*

¿Porquê, em pleno canteiro minhoto, êste torrão desirmanado e desnaturado, que não sai ao pai nem à mãe? ¿Para quê estes veios negros como carvão, e, em vez de humo, esta escória vulcânica, insensível à beleza da verdura e ao exemplo da terra dócil que, ali a dois passos, produz pão e flores? ¿Qual o motivo desta tristeza maléfica entre duas alegrias honradas — os vales de São João do Calendário e do Ribeirão? E' que, como nos homens, há na terra lugares criminosos-natos, gerados por tenebrosas degenerescências encadeadas — índoles ruins que induzem os maus e os endemoninham.

Neste valha-couto de perdição se abrigaram mal-avindos descoroçoados do trabalho, por os homens lhes pagarem

rebaixadamento, sugando-lhes o suor, tirando-lhes a camisa e arrancando--lhes a pele; miseráveis que deixaram de ser honrados por verem que a honra era, para o maior número, cousa desapreçada, se não irrisória. Muitos corações em desespêro, ludibriados nas ilusões do amor — sentido único da sua existência — se encheram do fel dos despeitos que tudo envenena, acabando por amarfanhar em si próprios os derradeiros pruridos do brio, numa rancorosa destruição, contra qualquer resto de beleza que, porventura, sentissem florir ainda em si; muitas almas, nascidas cegas para o bem, aí procuraram no mal o prazer de viver, no mesmo inconsciente desejo dos que, nascidos constitucionalmente bons, o buscam na prática da bondade; refractários, desertores, foragidos das cadeias; antigos condenados, vindos dos degredos; salteadores de profissão, criminosos de tôda a espécie; uns com fome de pão, outros com sêde de vingança; estes,

bons, mas que as más companhias perderam; aqueles, maus, e que as mesmas companhias pioraram; — todos irmãos no infortúnio e na desesperança, para aqui vieram, induzidos por outros a quem a cobiça do ouro e a atracção da aventura chamavam de longe com enganoso aceno.

O ataque à liteira, à caleça, à mala-posta, ao mercante, ao almocreve com a sua récua de machos, ao correio, ao peão; o assalto à casa rica, em que, mascarados, com chapéus para os olhos e lenços nas caras, bacamartes à bandoleira, facas á cinta, escalam janelas, arrombam portas, amordaçam homens e mulheres, lutando, matando, para arrancar, à fôrça, das mãos dos seus donos, arcas e baús cheios de sacos com peças de ouro, que, depois, entre gáudios, se repartem, às mãos cheias; — tais façanhas, em scenários de noites negras e clarões de archotes, seduziam-nos mágicamente.

*

* *

A *Terra-Negra* foi moradia de bandidos que, por fim, podres, acabaram seus dias em fétidos calabouços, de roldão com a vasa repelente dos tísicos e dos piolhosos. Outros foram morrer, verdes de febres, na calcinante Costa de África, ou estrangulados pelas cordas das fôrcas, vexatóriamente, em praças públicas, no meio de multidões, que, voluptuosas, presenciavam os pormenores das agonias patibulares, até à scena derradeira, quando o carrasco se acavalava nos ombros do desgraçado, para, com o pêso do seu corpo, lhe apertar, mais cerradamente, a corda na garganta, a fazer-lhe vomitar pela bôca fora a língua de palmo e meio.

Aqui, e em volta daqui, em tascas imundas, onde se jogava o lasquenete e o monte, e os parceiros se esfaqueavam por brigas ao jôgo e cousas de

mulheres; na Trofa-Velha, na Peça--Má, na Carriça, na Lagoncinha, viveram as quadrilhas do Faísca e dos Ribeirães; e ainda na ficção literária de Camilo, um Tagarro de Monte Córdova, que, com murros hercúleos, afocinhava banqueiros; um Alma-Negra, de sinistros olhos estrábicos, a espiar, por dinheiro, em certa noite de negridão pavorosa, um homem, para, à falsa fé, chamando-o à janela, o varar com uma bala de clavina; o Luís Meirinho, salteador e assassino, que arrombou a cadeia de Famalicão e abocava aos peitos dos viandantes pistolas aperradas; e um tal de Felgueiras, que, numa emboscada cobarde, ¡matou o pai! Daqui saíram as maltas dos scelerados das quadrilhas de Lanhoso, com o «Torto», o «Mata-Mouros», o «Negro», o «Apóstata», o «Jamanta», o «Mata-Sano», e outros facínoras a quem, por fim, quando as tropas de linha e as ordenanças não conseguiram ferropear e manietar de anjinhos, a gente do sítio teve de

fazer montarias, nos pinhais, atirando-lhes como a lôbo.

A *Terra-Negra* foi uma aula de bandoleiros.

Ao lusco-fusco de certa madrugada, os povos de vários lugares fizeram cêrco às freguesias de Ribeirão, Bougado e São Martinho, para apanhar, ainda na cama, os assassinos da mãe de um padre, que, conduzidos à Cruz-das-Almas, foram aí mortos a tiro; e foi o braço do filho vingador quem comandou a escolta popular e a sua bôca quem pronunciou a voz de fogo contra êsses malvados.

Na *Terra-Negra* ainda hoje se vê uma valeta, em que mal escorre o visgo de uma água sinistra, onde se encontraram os cadáveres de dois viandantes, roubados no pinhal e arrastados até ali, por cima de tojos e de fetos verdes, que ficaram esteirados de sangue. Lá se aponta um poço para onde se atiravam os mortos que era preciso esconder; uma cruz de pedra indica o sítio

em que foi assassinado um viajante; e a pequena ermida do «Senhor dos Perdões», é voto de gratidão de certo feirante que, cheio de dinheiro, tendo atravessado incólume êsse pinhal de salteadores, atribuíu a salvação a milagre. Sôbre negras estalagens, hoje em ruínas, de lojas de sombras traidoras e de postigos velhacos, pesa a nódoa funesta dos crimes que elas viram cometer, após lutas sangrentas; e ainda se ouve certo afiar aspérrimo de faca de ponta e mola, nas bordas de um alguidar, preparando um crime que o acaso frustrou...

*

* *

Numa destas estalagens, eram donos, havia muitos anos, uns velhos casados que tinham tido terras e as perderam, como perderam vários filhos que, tendo abalado novos para o Brasil, nunca mais deram notícias. De infortúnio em infortúnio, de miséria em

miséria, de baixeza em baixeza, as suas almas, que um mau fado arruìnou, mortas para qualquer sorriso de ilusão, vegetavam agora, mal enxugando a fome com o magro rendimento daquela hospedaria de dois únicos quartos sórdidos, e da taberna que era coio de salteadores e de facínoras. Certa noite de inverno, negra como pez, a-desoras, tinha acabado o jôgo entre os mais contumazes parceiros, e a estalagem estava trancada havia muito, — quando bateram à porta. Tresnoitado e carrancudo, o taberneiro assomou à janela do varandão e, vendo que era alguêm a cavalo, desceu a íngreme escada interior e veio abrir a porta. O desconhecido desmontava de um macho que um almocreve, carregando com uma pequena mala, conduzira até ali. O viajante pagou ao arrieiro e êste subiu para o macho, que lá trotou para as bandas do Pôrto.

O hóspede era um homem de quarenta e tantos anos, extremamente pá-

lido, com a face emaciada, as pálpebras inchadas, custando-lhe a respirar, como se o sufocasse o ar espêsso da fumarenta e gordurenta tasca, impregnada de tabaco, de emanações do vinho, de aguardente, de cheiros de caldos e de frituras da sórdida cozinha, a um canto de funesto negrume.

Pousando um olhar tristíssimo e comovido na desgrenhada velha que, com a candeia na mão alta, alumiava a scena, murmurou ofegante:

— ¡ O Senhor seja louvado, que me deu vida para chegar até aqui!

Os taberneiros preguntaram-lhe se êle queria tomar alguma cousa, beber. O hóspede levantou os olhos das encardidas tábuas do soalho para que, pensativo, olhava, e respondeu:

— Quero deitar-me. Amanhã. . ., amanhã...

Subiu a custo a escada estreita, ansiado, fatigadíssimo. No patamar disse:

— Só estes ares me poderiam ter curado... Agora, é tarde...

Entrou no quarto, sentou-se num escabelo, e pondo a mão esquerda no peito, do lado do coração, que galopava como um cavalo, viu-se-lhe no dedo um anel com grande brilhante e no colete uma grossa corrente de ouro, com medalha cravejada de pedras. Aos pés tinha a maleta. O taberneiro inquiriu:

— Pelos modos, é doente!

O hóspede olhou-o, desolado:

— Venho morrer à minha terra. Cuidei que não chegava... O mar era tanto!...

— Vem dos Brasis?

— Do Pará.

— Então...

— Amanhã..., amanhã...

Os estalajadeiros acenderam-lhe o candieiro e retiraram-se, dando as boas-noites; e o hóspede, lançando um olhar lastimoso e vexado para a miséria daquele quarto imundo, ficou quêdo uns segundos, meditando, vencido, com o queixo no peito, a cabeça e os bra-

ços caidos. Em seguida, levantou-se, despiu-se, meteu-se na cama, apagou a luz e adormeceu.

No quarto do lado, os velhos estalajadeiros entreolharam-se silenciosos. Depois, o marido disse para a mulher, baixinho, quási só com os beiços, arregalando muito os olhos:

— E' brasileiro.

Seguiu-se um outro silêncio, pesado e funesto. De novo, os dois se entreolharam e as suas pupilas entenderam-se. Não havia mais hóspedes. Estavam sós. Na quietação absoluta da casa negra, à luz pobre da candeia, pareciam mais duras as sombras das cousas...

— Com o dinheirame que deve vir na mala...; o grilhão...; aquele anel...; — íamos por aí fora, disse o velho, sondando o olhar da velha.

A barca *Virgem Maria* sai amanhã do Pôrto. Leva o «Chico Enjeitado», acrescentou a mulher.

E o outro deitando contas à sua vida, murmurou, planeando:

— Acabávamos com isto... Era de uma vez esta pobreza...

Então, no silêncio da espelunca, ouviu-se, vindo do quarto do hóspede, um sibilar estertorado: o viajante ressonava.

— Dorme, disse o homem.

Daí a instantes, a mulher continuou, a meia-voz, o pensar do marido:

— Sim, aquele anel...; aquela corrente...; — devem valer boas moedas.

Luziu o olhar do velho que, saindo para o corredor, foi, pé ante pé, até à porta do quarto de onde vinha o sibilo de um ressonar fatigado. Sem o menor ruído, tateou a aldrava, que premeu, levantando o gatilho. A porta abriu-se. O hoteleiro entrou de esconso pelo vão da porta meio-aberta, e a mulher que o seguia, pôs fora a luz no chão. Com mil cuidados, o velho aproximou-se da cabeceira da cama onde estava dependurado o casaco, o colete e um bojudo cinto de coiro, com dinheiro, a que logo deitou a mão. Tirou a corrente e o reló-

gio, e da mala vários saquitéis com libras, e um grande embrulho de papéis que se lhe afiguraram ser valores. Fazia isto devagarinho, passando tudo para o avental da mulher, a olhar de revés para o hóspede que dormia com a cabeça alta e a respiração entrecortada. Iam sair, quando a velha, tocando no braço do marido, sem pronunciar palavra, apontou com o dedo para o brilhante que luzia na mão pendente. O homem voltou atrás e, cuidadosamente, chegou à cama; e ia a tirar o anel, quando o hóspede acordou e, em sobressalto, vendo na meia-luz do quarto aquele ladrão, rouquejou, sufocado como num pesadelo. O estalajadeiro deitou-lhe imediatamente as mãos à bôca e ao pescoço, e debruçando-se, premindo-o, segurou-lhe o corpo com o seu corpo. Foi um instante — êsse doente, com a garganta agarrada tenazmente por semelhantes mãos de ferro, o peito opresso, em poucos minutos morreu asfixiado.

A mulher, que fora rebuscava os bolsos do casaco do viajante, tirando-lhe a carteira e tudo o mais que encontrava, quási que não deu conta desta trágica scena muda. O hóspede soltou ainda um ronco sumido e ficou-se com os olhos doidamente arregalados, a envidraçarem-se.

— Está morto. Toca a safar, disse o velho.

— ¡ Nossa Senhora nos valha ! clamou a aflita mulher, pondo as mãos para o céu.

— Leva de rumor!... Chiu!... Não há tempo a perder. E' preciso chegar ao Pôrto, antes de romper o dia. Depois — mar largo!

*

*   *

Na noite do dia seguinte, quando, já fora da barra do Pôrto, a barca *Virgem Maria* se balançava sôbre os vagalhões do mar alteroso, o velho, acocorado com

a mulher num canto da nau, diante do saco dos papéis, que, na verdade, eram valores, encontrou uma carta fechada, sobrescritada, com estampilha por servir, que, evidentemente, o dono se esqueceu de levar ao correio. O velho abriu-a, notou que estava datada da véspera, que era dirigida a um amigo; e, soletrando-a com dificuldade, viu que quem a escrevia comunicava que acabava de regressar do Brasil, muito doente, e que todo o seu empenho era chegar a tempo de ver seus pais, que o consideravam morto. «Vou hoje dormir a casa dêles, mas só me darei a conhecer amanhã, que é o dia de anos de minha mãe» — escrevia.

Quando isto ouviu, a mulher sentiu no coração uma punhalada atroz, que lhe tirou a respiração e a fala. Pasma, erguendo as duas mãos e enterrando nos cabelos os dedos crispados, com os olhos em agonia, a bôca torcida, a língua entaramelada, gaguejou para o marido, que lhe dissesse depressa, de-

pressa, quem assinava o papel. Então o velho, boçal e inconsciente, insensibilizado pelos infortúnios, pela miséria, pelo alcool — alma estagnada — nada percebendo daquele desalinho da mulher, soletrou, sem o menor reparo, um nome para êle inteiramente esquecido. Súbito, a velha aspirou um uivo horrível — um gutural e abafado uivo para dentro — e, encolhida e amarfanhada, arrimando-se ao homem, numa cobardia absoluta, pôs-se a tiritar de pavor. ¡Tinham assassinado o próprio filho!

¡ *Terra-Negra, Terra-Negra,* queima teus pinhais, põe-te em brasa dia e noite, semanas seguidas, anos, séculos inteiros, a padecer, a sofrer, a calcinar o teu negrume, porque só o fogo pode limpar teus crimes, só no fogo poderás expiar teus pecados!

Bussaco

¿ O que teria sido, séculos atrás, a montanha do Bussaco, quando êste ar, esta terra, estas árvores eram sêres religiosos? O espírito do Senhor pousara nesta eminência de verdura, como branca pomba no último ramúnculo de uma oliveira de cinza e paz; e as almas, fortes por meditarem o céu que, dêste alto, se deixa ver todo, ensinadas pelo saber dos silêncios, e leves pela oração, deviam viver aqui mansas, fraternizando com as ervas e os musgos, na humildade rasa em que tudo é um. Essa alegria, jovem e calma, seria a dos bem-aventurados que

em si absorvem e de si expandem a luz clara dos sorrisos felizes.

Das ladainhas psalmodiadas; dos missais lidos nos altares; dos breviários todos os dias meditados à luz do sol, sob árvores, ou à luz minguada das candeias em celas humildes; — deviam, por êsse tempo, evolar-se imagens de místicas alvuras — de Apóstolos, de Doutores da Igreja, de Pontífices, de Prelados, de Virgens e de Mártires — com suas rondas de lendas douradas, que encheriam a floresta de luares perfumados e espirituais murmúrios. Então, atravessar estes bosques sagrados, absorver seu silêncio impregnado de preces, e sua luz alvaiadada pela candura dos justos, seria banhar a alma em doçuras de beatitude, de bem querer e bem fazer — belezas interiores, brancas e musicais, que são a delícia dos corações enamorados do Grande Amor.

*
* *

Entre arvoredos, num humílimo conventozinho, de celas miúdas, dando para um estreito claustro com corredores baixos, à volta de uma igreja em cruz, tudo forrado — tetos, portas, ombreiras, catres e bancais — de cortiça, áspera como o esparto das cordas dos hábitos e como êles parda; — neste rasteiro conventozinho viviam carmelitas descalços, fazendo observante vida cenóbica, e, em casitas espalhadas pelo monte, no silêncio absoluto da floresta, — frígidos retiros eremíticos.

Neste convento térreo, tão pequenino que cabia na palma da mão, tudo era pobríssimo: o chão, de seixos; as paredes, de cascalho sôlto; o mais — cal e cortiça. Tirante o aparelho de um muro para sustentar os campanários dos sinos e das sinetas, não se apicoou uma só cantaria, pois, ainda nos pila-

res das arcadas da entrada, apenas a pedra se desbastou, e a pico grosso, ficando rústica, a dizer com os grumos da terra que, ali, esperava os frades para lhes consumir os corpos. Sómente as paredes exteriores—¡para os de fora! —se colgaram com embrechados de pedrinhas brancas e negras, incrustando silvas, vasos e flores, em volta do escudo da ordem: — uma cruz preta plantada no píncaro do Carmelo, aluminado por três estrêlas celestes.

O adôrno do mais, que o fizesse a sombra das árvores e a graça das trepadeiras do lugar, subindo aos beirais, alastrando-se pelos telhados, com seus tufos de verdura e flores.

E, como se não bastasse a êsses espíritos exigentes de recolhimento (místicamente voluptuosos de maus tratos) convento tão só, e nu, e frio, e austero, ainda certas almas, sôfregas de solidão, construíram, para seus rigores, nas dobras do monte, aqui e ali, mínimas ca-

sitas com mínimos oratórios — tudo de tetos tão baixos e de portinhas tão estreitas que, nalguma delas, se andava dobrado e se entrava de esguelha — retiros onde durante semanas, inteiramente insulados, não vendo ninguêm, não falando a ninguêm, tremendo no desconfôrto, faziam rigorosa vida de eremitas, jejuando, rezando, meditando, contemplando.

O insulamento era absoluto: sómente de onde a onde, as pequenas sinetas das ermidas davam sinal de vida, soando horas canónicas, a dizer ao convento e à serra que o servo do Senhor vivia, estava àlerta e rezava. E em noites claras as vozes meigas dos sininhos a picar a matinas eram como orações; e, em noites de negrume, como lâmpadas de bento azeite votadas a Deus naquela mística solidão.

*

* *

De tais alturas, as grandes monta-

nhas do arredor deviam parecer pequenas; os orgulhos dos homens, lastimáveis; o saber dos sábios, obra vã; a beleza das mulheres, graça passageira e endemoninhada; e os prazeres da vida, falsos engodos de um momento. Da sciência, pensariam o que dela pensa o *Eclesiástico*: «a pior ocupação que Deus deu aos filhos dos homens». A única sciência verdadeira era a de conhecer Deus, santificar seu nome, receber na alma seu reino divino, seguir sua vontade; a única beleza, a da Natureza; os únicos gozos, os da virtude.

Êsses miradouros (cada eremitério tinha um parapeito ante a paisagem grandiosa) eram coros de rezas e logradoiros de meditação. As almas debruçavam-se aí sôbre a vida e sôbre a morte...

¡Como a alguns fradinhos artistas, esta luz, enchendo-lhes as pupilas de prazer, lhes edificaria o coração bom! Vendo-a tão pura e bemfazeja, por

tudo se espalhando, clara e generosa, seus olhos devotos deviam rezar a ela, na gratidão da beleza terrena. Mas quantos, menos sensíveis à luz da terra que à luz da bondade, e só nela cogitando; — quantos, depois de penarem em si o remordimento dos próprios pecados, não se puseram a padecer tambêm os pecados alheios, conhecidos e desconhecidos. De todos os idealistas, os santos são as criaturas que mais sofrem na vida, pois não sofrem sómente por não encontrar sôbre a terra a bondade sonhada, mas ainda porque tôda a miséria humana lhes apunhala o coração, que de tudo se morre. Como as alegrias do bem lhes iluminam a alma de alegrias divinas, assim os pecados da humanidade lha entenebrecem em noites de pêsames. Se as preces dos bons suspendem o braço justiceiro de Deus, são as lágrimas dos santos que lavam o mundo.

*
* *

Ainda conheci o Bussaco humilde, com uma única hospedaria modesta onde se albergavam os raros visitantes que subiam à serra, a passar horas suaves na paz de floresta religiosa, e horas de elevação nos panoramas das Portas de Coimbra, das de Sula, e da Cruz-Alta.

O pequeno convento, embora vazio, estava intacto; e um velho homem, dobrado de anos, cara mal barbeada, longos cabelos brancos e olhar sereno — servo e hortelão — cuidava da hortazinha de couves e feijoais, que verdecia a sul do mosteiro, no mesmo sítio onde, algumas dezenas de anos atrás, mansos carmelitas, de hábitos arremangados, e empunhando duras enxadas de ferro brunido, de cortar leivas, a haviam cavado, talhado e amanhado.

Tudo era ainda cheio de simplicidade: percorria-se a mata sem topar viva

alma; o silêncio era augusto; e as ruas, entre árvores espêssas, guardavam o prestígio das terras santificadas pelo pisar das sandálias dos frades que, de pardos buréis, em tardinhas bentas, as tinham atravessado, recolhidos e piedosos, de breviário na mão, a murmurar antífonas e psalmos.

Sentava-se a gente à beira das fontes, que tôdas tinham nomes de santos: Santo Elias, Santa Teresa, São Silvestre. Mediam-se com abraços, entre amigos, os cedros seculares; colhia-se o musgo, assedado como pelúcia verde, das velhas árvores e das velhas pedras — como recordação; percorriam-se, com sentimento cristão, os Passos da «Via-Sacra», e, às portinhas das ermidas arruìnadas, tirava-se o chapéu ao lugar das imagens que já lá não estavam... ; subia-se, em bíblicos burricos, através de sendas com o chão laivado de sol amarelo a dourar, no alto, as ramarias verdes; — subia-se à Cruz-Alta, a absorver, calados, o mistério

dêsse panorama de maravilha. E tudo isto, por ser feito em silêncio, a pisar terra sagrada e a atravessar um bosque religioso, nos invadia do sonho vago das cousas...; e tanto, que se uma noiva ou espôsa, tomando-nos carinhosamente o braço, se cingisse a nós, êste passeio, mudo e profundo, para sempre ficaria na nossa vida tocado de religiosa poesia — como a ternura espiritual de um beijo que, num período de amor enlevado, se troca, em recato, na sombra de uma nave gótica, longe, em terra estrangeira, quando no interior da catedral geme o órgão e sobe o incenso: — beijo de amor nobre, que, na recordação, vem saboreado dêsse incenso e conserva em si qualquer cousa da música pura que naquele momento o órgão rezava...

Nas celas, estreitas e baixas, mal alumiadas por um postigo, nuas, com seu catre duro, tudo forrado de aspérrima cortiça, cogitava-se na vida austerís-

sima dos pobrinhos carmelitas descalços, que dormiam paredes-meias com as lajes do cemitério.

Meditava-se arrepiadamente, nas mortificacões da vida asceta, ao ver, por entre os negrumes dos arruìnados painéis do claustro, as caras de fome dos frades, envoltos na mortalha da sua estamenha rôta, estreitando ao peito, com mão esquelética e contente, com um sorriso doce nos olhos ao fundo de órbitas negras, os símbolos dos seus tormentos deliciosos: as caveiras, os crucifixos, as disciplinas de cordas ennodadas.

Pensava-se na profundeza do pensamento místico, ao ler as divisas de alguns dêsses bem-aventurados—sínteses de vidas angustiosas inteiramente consumidas em jejuns e cilícios, a amarfanhar os ímpetos dos desejos, a domar a vontade, no sacrifício torcegado da renúncia violenta. Uns, certos de que *«em soledade, oração e penitência se acerta o eterno»*, pediam a Deus, no fim de uma

vida de dor, mais anos para mais sofrer, porque «*não pode ser grande o padecer que dura pouco*», e êles sentiam que não tinham sofrido bastante para se alimparem de seus pecados, pois «*o mau tratamento do corpo é aproveitamento do espírito*», e a «*vida penitente é via para a glória*», que se alcança «*encaminhando as obras*» de maneira a um bom «*ajustamento na vida para ter alegria na morte*» — morte que «*faz deixar o que podia danar*» e, libertando o espírito do corpo-pecado, inicia o justo na vida da eterna beleza espiritual.

¡Dolorosas e altas sentenças!

*

* *

Depois, revivia-se uma página vibrante da história portuguesa, em volta da terceira invasão napoleónica: Lord Wellington, instalado no convento, a dirigir o exército anglo-luso, firme no viso desta serra, fazendo frente

à avançada das divisões de Massena, que, vencedor em Almeida, descia de Viseu sôbre Lisboa.

Imaginava-se o alvorôço dêstes pacíficos fradinhos, quando, por uma tarde cariciosa de Setembro, ouviram na floresta, lá longe, o grosso tropear de muitos cavalos, e logo viram apear-se à sua portaria, a figura sêca, de rosto barbeado, olhar frio e expressão dura, alto bicorne, do marechal Wellington. Cercava-o o seu Estado-Maior de muitos oficiais inglêses de uniformes encarnados e ouros brilhantes, e de tenentes portugueses com fárdetas azuis, de abas curtas e golas altas, dragonas em canutilho de latão, barretinas empenachadas e banda de retrós azul e branco.

Vinham fazer o seu Quartel-General no pobrinho convento, ocupando, para isso, tôdas as celas, a igreja, a sacristia, a livraria. E onde, dias antes, tudo era silêncio rigoroso instalava-se agora o alarme guerreiro de generais, oficiais

e soldados, a postarem-se para dar batalha a poderoso inimigo — a defender a Pátria de mais uma invasão francesa. O cicio das rezas era abafado pelo algazarrar das vozes altas na algaravia das linguagens inglêsas e portuguesas misturadas; o picar manso dos sininhos, chamando a horas canónicas, não se ouviu naqueles dias, mas sim o vibrar bélico das cornetas de cobre, o rufar das caixas, o bater dos tambores; e o entrechoque das camândulas pendentes dos buréis carmelitas foi substituído pelo som cavo das coronhadas das espingardas de pedreneira e pelo tinir das esporas de latão nas lajes sepulcrais da claustra.

Dias depois, ouvem-se, vindo dos lados de Mortágua, os primeiros tiros de milhares de franceses que se aproximam com o fragor de um enorme exército em marcha, suas carretas de artilharia, o tropear de mil patas de esquadrões de cavalaria, a algazarra espêssa da soldadesca desbocada, o longo com-

bóio de víveres, e a garrulice de indisciplinadas vivandeiras empoleiradas em carros de guerra, ou à garupa de cavalos.

A tarde cai. Os postos avançados escaramuçam aqui e ali. De noite, nas lombas dos montes fronteiros, e, lá em baixo no fundo dos vales, elevam-se enormes fogueiras: casas incendiadas, bivaques franceses. Ao romper do dia, as companhias da Lial Legião Lusitana, a artilharia portuguesa e as brigadas inglêsas estavam postadas nestes cômoros. De lá, escondidos nas dobras dos montes, os franceses, milhares, vendo seu caminho barrado de tropas, tomam posições. Rompe o fogo. As balas silvam. A artilharia troa. O inimigo avança. E' formidável! Tocam as cornetas. O fumo é espêsso. As brigadas trepam. Estão quási a escalar o alto do monte. De repente, dois regimentos, um inglês outro português, numa fúria de leões, despenham-se pela montanha abaixo, de baioneta calada,

e varam e varrem o que encontram diante, correndo com o inimigo, que deixa a encosta coberta de cadáveres. Uma capela transforma-se em hospital de sangue. Os aldeões, ferozes, precipitam-se sôbre os feridos estrangeiros para acabar com êles. Os fradinhos correm a defender os franceses, a pensar os feridos, a confessar os moribundos, a absolver os agonizantes, e, à pressa, benzem um canto de olival para enterrar em sagrado, juntos, franceses, inglêses, alemães e portugueses — irmãos na morte.

Vencido, o inimigo recua para Mortágua; e, desviando-se por Murcela, vai tomar a estrada livre que vem do Pôrto. Os aliados descem apressadamente a montanha, atravessam a várzea do Botão, galgam o Mondego, e, sempre à frente dos franceses, correm a sul, até às portas de Tôrres, onde esperam barrar a passagem ao exército de Massena.

O furacão passa. A paz volta. Mas

quando os bons fradinhos regressam ao seu santo mosteiro, encontram as portas arrombadas; as alfaias das igrejas saqueadas; a dispensa vazia de pão, de vinho, de azeite, de mel; ceifados os milheirais e arrancados os feijoais; limpa a horta; muitos cedros cortados; muitas árvores destruídas; muita lenha roubada.

Correm uns vinte e tantos anos e outro furacão, não de inimigos da pátria, mas de portugueses políticos e desumanos, tempestua de novo por aquele santo lugar — e tudo despoja e varre. Expulsos, os frades partiram e não mais voltaram. Instalou-se o abandono. O convento, as capelinhas, as ermidas arruìnaram-se. E êste cantinho de oração transformou-se em estância de prazer frívolo e de luxo ostentoso; e nos esconsos de sombra de sagrado recolhimento entraram e espanejaram-se as gargalhadas dos banais.

*

* *

O Bussaco moderno está todo errado. Da cêrca dos fradinhos, cheios de silêncio santo, pensou-se fazer uma tapada realenga, inçada de caça grossa e miúda para venaturas de fidalgos, com o tumulto alacre das correrias dos seus cavaleiros na vibrante coloração das suas casacas encarnadas, dos seus bonés de sêda, dos seus calções brancos, das suas botas altas de verniz brilhante, no meio de monteiros a galopar, de matilhas de cães a correr e a latir, entre gritos de entusiasmo, lamirés de buzinas e sinais de trombetas. E no lugar onde dantes pequenos casebres se achegavam ao caloizinho do humilde convento, projectou-se erguer um palácio para os reis de Portugal. Mas o risco dêste edifício não foi traçado por um arquitecto português que sentisse o torrão desta província

beiroa, sua luz, sua côr, e, sobretudo, seu íntimo modo de ser nos aspeitos fidalgos das suas tôrres, honras, solares ou morgadios, para, com tal sentimento e espírito, levantar o paço dos reis portugueses que tinham uma tradição de oito séculos.

Nada disto. Deu-se tal encargo não a um arquitecto, mas a um scenógrafo, demais a mais estrangeiro e italiano, de outro pensar e sentir, amando a abundância e o espectáculo, com as pupilas irisadas pelos reverberos dos mosaicos florentinos e cheios da luz quente e falsa das ribaltas e das gambiarras, vendo tudo pelo aspecto decorativo e lentejoulado do teatro mentiroso. Inspirando-se na linha da tôrre de Belêm, que talvez Garcia de Rezende insinuasse e mestre Boutaca desenhasse, rendada e tradicional, para ela se mirar nas águas amplas da embocadura do Tejo, e ser vista, do alto mar, pela ânsia dos navegantes saùdosos que demandam a pátria; servindo-se

do estilo manuelino, cheio de exuberância e orientalismo a cheirar ao alcatrão dos moitões, das cordoalhas de bordo, e à maresia dos seus sargaços e búzios decorativos; e copiando os motivos ornamentais do claustro de Santa Maria de Belêm, pagão e cristão; — esta construção, de híbrido carácter, diz tão bem ou tão mal no alto desta terra serrana e no meio desta floresta religiosa, como bem ou mal diria; uma caravela na serra da Estrêla, ou um moinho de vento pousado no fundo do Atlântico!

A' perspectiva geral do edifício faltam-lhe largos terreiros fronteiriços que permitam vê-lo todo — falta-lhe espaço de onde a vista o corteje e valorize; e os preciosos pormenores dos ornatos das suas voltas, das suas abóbadas de artezões e bocetes, dos seus fustes e dos seus capitéis evidenciam os despropósitos de instalar bizantinismos entre árvores singelas e na luz franca destas terras rústicas que des-

conhecem os luxos das estilizações do Oriente.

Tudo errado!

A enorme mancha branca dêste monumento, todo de pedra de Ançã, novinha e acabada de abrir a canivete, destoa da tinta das copas dos cedros seculares, dos carvalhos e dos pinheiros, irmanados, com doçura, nos matizes dos seus verdes diferentes; e a tez macia e pálida desta anémica pedra feminina, que usa pó de arroz, mais amaneirada parece aqui, ao lado do grão duro do granito azul que se marreia para a brita das estradas e predomina nos serrados da máscula crosta beiroa. Para mais, êste exótico palácio, porque se instalasse onde não devia, teve de afastar de si, com os cotovelos, tôdas as dependências modestas que lhe tomavam o lugar, e de esmagar, com o seu orgulho de franduno endinheirado, o humílimo conventozinho que, à sua ilharga, é hoje ¡um velho

carmelita descalço, mutilado, vèxado, a ver-se-lhe a carne mísera por debaixo do burel em farrapos!

Dentro, nos seus salões de altos tetos em caxotins de Flandres, fogões monumentais, antecâmaras com silhares de azulejos históricos, escadarias, painéis, vidramentos, afrescos e pinturas murais; — dentro, a pompa dos castelos medievos, a exigir o fausto antigo das indumentárias das sêdas dalburcas, dos veludos de Génova, dos coiros lavrados de Córdova, e dos aços damasquinados do Toledo, com castelãs, senhores, trovadores e côrtes de amor. Mas porque o paço não foi, afinal, para os reis de Portugal e teve de, industrialmente, passar a ser uma hospedaria, êsses grans-senhores tiveram de ser subtituídos por hóspedes modernos, de rabona ou *smoking*, que pagam a sua diária como qualquer outro mortal sem pergaminhos velhos nem dinastias riais.

Tudo errado!

*

* *

A aristocracia do país, sobretudo a do sul, dá aí ponto de reùnião, nos dias calmosos do estio, porque o hotel é de luxo, os preços elevados, há pessoas conhecidas e os ares são frescos. Ela quere-se com os seus. A pele fina, as mãos brancas de veias azuis, os tornozelos delgados, os olhos claros das raças apuradas teem imperiosas exigências, absolutamente legítimas, de só se entender com outras peles finas, outras mãos brancas, como as suas, em quem se vejam como em espelhos; e os seus espíritos susceptíveis só se encontram bem no confôrto das maneiras polidas e dos sorrisos amáveis em que se afizerem a viver. E' justo.

A vida que fazem nas cidades, entre elegâncias e atitudes discretas, continua-se aqui, com o aperitivo de um ou outro conhecimento novo e o agrado

imprevisto do passadio em comum, por algumas semanas, num hotel que (visto muito se viver dentro de casa) é como um transatlântico de luxo em viagem rápida, espairecida, bela...

Demais, para um homem de boa sociedade, em tudo comedido — nas ideas e nos sentimentos — a existência não passa de uma viagem de prazer, num transatlântico ou num expresso, em grande velocidade, de que se deve tirar de-pressa, de-pressa, o máximo partido. A vida é uma anedota — anedotas: bilhetes postais com duas, três palavras instantâneas. O mundanismo é a mentira artística de dourar a vida áspera, tornando-a leve e galante. Amigos? Não; bastam conhecimentos agradáveis para a conversa amável ao almôço, ao jantar, no salão ou nas cabinas, junto das grossas vidraças do vagão confortável do expresso fugindo ante a paisagem que em comum vão vendo e gozando, com facilidade e elegância, a trocar com êles comentários

leves, entre fumaças de cigarros perfumados.

E assim no hotel, e assim na vida. No mais, correcção extrema e aquelas polidas atitudes de ombros, de mãos e de alma, que a herança e a educação tornam naturais e fáceis. Alguns usam-na, ainda, e assisadamente, como sistemático meio de manter o respeito humano, visto serem raríssimas as almas que podem com o aprêço de intimidade. Pois se até, às vezes, ¡o coração precisa de ser diplomata! Porêm, se em raros essa extremada correcção é nobre atitude de espírito e de gentileza, na maioria é ela um cinismozinho amável que tudo encobre e adoça:— um humor sorridente com que se encara nas pessoas, nos acontecimentos graves, na miséria, na alegria, na dor inevitável.

Nessas poucas semanas de Bussaco, as senhoras continuam nos salões do hotel a vida do seu salão, passando os

dias nos terraços, entre costuras conversadas. Os homens, no seu *bridge*, pelas salas do jôgo; nos seus jornais, pelas salas de fumo; e, em tardes brandas, algumas pessoas dão pequenos passeios a pé, pela avenida do mosteiro, até as Portas de Coimbra; pela rua da Rainha, até o vale dos abetos.

Os dias somem-se assim.

Meditar o Bussaco? Para quê! Cogitar na vida? Que maçada! A filosofia é para os filósofos; a sciência, para os sábios; a poesia, para os poetas. A vida é uma artificial flor cujo perfume é necessário usufruir entre volúpias de sorrisos e maneiras gentis. O homem de sociedade só precisa de saber ser correcto, discreto e espirituoso. Um scintilante paradoxo vale academias.

*

* *

No Bussaco instala-se também o burguês grande industrial ou alto comer-

ciante, do norte ou do sul, bem trajado, bem encamisado, bem calçado, de trato exteriormente lustroso e fácil, de maneiras amáveis, buscadamente à vontade, que vive com luxo e pratica a ostentação. Um dos seus prazeres é privar com os grandes—aristocracia e senhores de qualidade. E lisonjeia-se tanto com êsse contacto, que se não molesta de conviver com altas titulares de nota equívoca — êle que, lá na sua província, honesto chefe de família, nem à sua porta quer ver outras damas de muito menos mau nome que essas outras, mas que — defeito gravíssimo! — são ainda mais burguesas do que as da sua roda.

Fragilidades!

Tambêm êste não vê o Bussaco no que tem de grande. Não subiu lá para isso, mas para mostrar o seu dinheiro nas marcas dos seus automóveis, nos vestidos, nas peles e nas jóias de sua mulher. Não, não o vê. Pelo contrário,

nêle pulveriza o seu espírito inculto; o seu sentimento vulgar; a sua estesia que não vai alêm da pacotilha vistosa e cara; o seu dinheiro que soa alto e luz; o seu ar rígido de falso gran-senhor; a sua futilidade; o seu rastaquerismo; o seu snobismo.

Ao lado dêle nada resiste: o céu aburguesa-se; a mata banaliza-se; os panoramas amesquinham-se. Nada resiste! Estou aqui há oito dias e já vi dois piqueniques sob altos cedros seculares que, reza a lenda, vieram da Terra-Santa; e para amanhã anuncia-se uma gaiata gimkana na avenida sagrada do mosteiro. Fujo para não ter de, mais dia menos dia, assistir a um tango obsceno mesurado sôbre as lajes sepulcrais da claustra carmelita, ou a um chá-das-cinco, com muita intriga e algum calão, servido por elegantes meninas espirituosas e levianas, nas ruínas religiosas dos eremitérios da mata onde os fradinhos penaram.

Fugi!

*
* *

Uma hora depois, estava eu na Cruz-Alta, tendo lá subido, de carro, às voltas, longamente, por fora da mata, e defronte das aldeias de Moura e de Sula, numa paisagem serrana de montes côr de burel, nus, boleados, com o pico rochoso do Caramulinho na extrema esquerda, e, do outro lado, muito longe, a mancha azulinha da serra da Estrêla, extensa, vaga.

Cruz-Alta!

Do cimo da tôrre Vitória, no parlamento inglês de Westminster; ou da cúpula do «Sacré-Cœur», na colina de Montmartre; da balaustrada da Giralda, no «Madison-Square-Garden», sôbre Nova-York; ou no Tibidabo, sôbre Barcelona, vendo em baixo milhares e milhares de chaminés e tetos cinzentos de

milhares e milhares de casas aglomeradas de cidades colossais, belas, com palácios, teatros, hotéis, avenidas, pontes, jardins, sumptuosos salões chameados de ouros, pompas de mobílias de arte acabada, quadros e bronzes célebres, tapeçarias e porcelanas preciosas — tudo maravilhoso, ouvindo-se o marulho feito pelo rodar das carruagens, pelo buzinar dos automóveis, pelo tropear dos cavaleiros e das amazonas, em montadas de raça, no frémito ofegante da vida luxuosa das mulheres belas na volúpia dos seus corpos brancos cobertos de jóias, de veludos, de sêdas, de rendas, de peles, a rescender perfumes de sedução, em requintes que a lubricidade inventa e que os desejos e a vaidade alimentam com rios de ouro; —vendo tudo isto, adivinhando tudo isto, amando tudo isto, a alma do homem, atiçada pela infernal gula do gôzo insaciável, febricita-se, entontece, delira, na vertigem diabólica de enriquecer seja como fôr, mas de-pressa, muito de-

-pressa, para alucinadamente gozar todos estes gozos, todos oferecidos pela curta existência, incendida de delícias, gozar dia e noite, dando-se inteiramente à vida de sensualidade ardente e bela, que o queima e requeima, o fascina e o arrebata na voragem dos prazeres a sorrirem, a cantarem, e a lampejarem com imprevistos brilhos de perdição.

Na montanha arborizada e relvada de Caux, no panorama, azul e neve, dos Alpes saboianos e das terras altas bernesas, vendo em baixo, na esmeralda do Léman, enseadas verdes, encastoadas nos braços das vilinhas brancas de Montreux, Clarens, Vevey, Ouchy, com os seus monumentais hotéis que custam milhões de francos e são palácios riais no luxo e no confôrto absoluto das idades modernas; — deseja-se ansiadamente ser milionário.

Nas margens do Lago dos Quatro-

-Cantões, com os seus chalés verdes e as suas casitas claras, aconchegadas entre tufos de jardins preciosos, onde a vida, parada na paz dos lagos e na do silêncio dos parques arruados e fechados, é doce e risonha: — o egoísmo dos homens introrsa-se ainda mais sôbre si próprio e apetece insular-se de vez da humanidade que sofre; e, longe de tudo e de todos, gozar o brando e repousado prazer dêsse insulamento fôfo de confôrto e de quietação.

Na paisagem renana, entre Colónia e Maiença, feita de ricos montados vinhateiros em volta de velhos e torreados castelos aristocráticos, como os de Saal, de Volfraths, de Johannisberg, de Bromsen, cheios de grandezas e de lendas, reconstitui-se, pela imaginação culta e quente, a vida senhorial dêsses paços na dourada era medieva; e as almas, brunidas de devaneios e entumecidas de orgulho, ambicionam nobreza e fidalguia, para viver como êles na

ostentação magnífica das grandes honras, dos grandes títulos, em côrtes de imperadores e de reis, em salões de príncipes e de princesas.

E tôdas estas são paisagens de agitação, de ambição, de egoísmo, de orgulho — de pecado!

Cruz-Alta!

Aqui, vendo ao longe, na planura vasta, pequenas vilas modestas, aldeias menos que remediadas, e, mais próximo, casais de telha vã, escuros, de pedra sôlta, broentos, sem cal, e tudo na serena acalmia dos sêres satisfeitos com o pouco que Deus lhes deu; — aqui a alma, logo empolgada pela grandiosidade da Natureza, não se entufa com a ambição das riquezas, mas pelo contrário, iluminada já de verdades eternas, pensa com gôsto, em ser simples, em acomodar-se à vida humilde que de tudo se basta, vivendo no assos-

sêgo das cousas modestas e no do labor cantado com que bem-aventuradamente se enchem os dias.

¡Ah quanta canseira inútil, quanto sofrimento errado, por não termos tido diante de nós a eloqüência de um panorama sereno!

Esta paisagem envolve-nos, toma-nos — pasma-nos. E' persuasiva. Já a alma se deixa penetrar dos ensinos da vastidão, dos do silêncio, dos da luz mística que vive no alto dos montes, que serão sempre os altares escolhidos por Deus para vir falar aos homens. Nas alturas esquecemo-nos do turbilhão artificial das cidades, do cisco miúdo da vida errada; — e o espírito ascende às belezas dos sentimontos nobres. A luz pura da serra cria o desejo da verdade pura; a harmonia das côres, a distribuição da justiça exacta; a paz da Natureza, a paz entre os homens: — o amor pleno que a todos sorri, a todos beija e estreita.

Então pensa-se, com doçura, na vida

simples que neste deserto fizeram aqueles devotos fradinhos descalços, tão pobres de tudo e tão ricos de graça; tão tristes de penas e tão alegres de claridades interiores.

Já a vida do espírito domina a alma do homem descuidado...

Amplidão!

Parece que se vê daqui Portugal inteiro — o mundo todo! Montes para além de montes, serras para além de serras, céus que não acabam. O Caramulo, a serra da Estrêla, a da Louzã, altas, azuis, distantes. Em baixo, lá no fundo, as ribeiras da Vacariça, do Pêgo, de Santa Cristina, verdes, às curvas, assemelham-se a rios de águas paradas; os milheirais, chatos e uniformes, parecem prados; os rios luzem; as fitas das estradas branquejam. A grande distância, acolá e além, grupos de aldeias: para as bandas do sol, — Moira, Ameal, Sula, Lourinhã, Pendurada; para os

lados do oceano, — a Curia, Mogofores, Carreira, Anadia, Moita, Salgueiral, Monsarros, Vale de Avim, Coimbra. Neste mar de verdura, os casais insulados e brancos são salpicos de cal; os telhados novos, pinceladas de vermelhão. As sombras das nuvens mancham de cinza violácea os panos verde-negros e ondulados das copas unidas dos pinhais bravos; o mar brilha, a poente, longe, muito longe, para lá dos areais fulvos das gândaras dos Palheiros de Mira e de Quiaios, até o Cabo Mondego, de um azul de lapis-lázuli. A' direita boleiam-se, uns nos outros, nas suas corcovas estamenhadas, os primeiros contrafortes do distante Caramulo côr de lousa; e por entre os ralos pinheirais sobem caminhozinhos amarelos, que, ora sumindo-se, ora reaparecendo, lá vão até o alto, tenazes, para ganhar a jorna de trepar. A nossos pés, ondula, seguindo as dobras do monte, o tapête das copas pegadas dos vários verdes úmidos da mata de carvalhos, de

cedros, de medronhos, de adrenais, de sobreiros; e, por entre êles, aparece o briche dos telhados do conventozinho desmantelado e os panos esverdidos das paredes das ermidas e das capelinhas em ruínas.

E tudo parado! E tudo sereno!

O silêncio vem do íntimo da terra — da alma da terra — sobe, enche o espaço, ascende ao céu. Terras, árvores, águas, meditam profundamente. Agora o céu limpa-se de nuvens e o sol esplende. O ar é transparente. A claridade, plena de graça. As côres esmaltam-se.

Já a vista vai, perfurante, até o fim do horizonte intérmino; as pupilas alagam-se, inefáveis, na maravilha de luz que dos infinitos céus azuis se derrama sôbre a terra verde; a retina dulcifica-se com a harmonia das mil côres e dos mil tons — amarelos, violáceos, esverdinhados, pardos e azulinos — das serras, dos outeiros, dos campos, das árvores, dos rios e do mar, que a Natu-

reza, com arte divina, tonalizou e sinfonizou.

A luz funde-se em música. Flui. A luz é uma bênção. Esta luz puríssima é bondade excelsa. A nossa bôca sorri em graça; os olhos, agudos do alto sentido das cousas, penetram religiosamente na claridade do céu, e os ouvidos, no silêncio misterioso da planície.

Esta luz é espírito. E' um sorriso divino a encher de mercês o coração dos bons, que sobe à bôca e reza sem palavras... A poesia do Infinito invade-nos. A alma parece querer levitar-se, partir-se. Os olhos extasiam-se, os ouvidos absorvem-se; todos os sentidos param-se em serenidade absoluta. A vida do corpo suspende-se ¡e o espírito, transindo da beleza à arte e da arte à oração, libra-se na infinidade e rende-se a Deus!

*

* *

E estas são paisagens do Senhor, em

que as almas se convertem, se alimpam, se aformoseiam e, em prece e congratulação, se elevam, se elevam... ao Infinito!

PORTUGAL VELHO

O Morgado de Sabariz

ANDA por aí, de mãos nos bolsos, a coçar as esquinas do Pôrto, com o fraque rapado e curto nas mangas, as calças no fio, justas e curtas nas pernas, botas cambadas, colarinho encardido, barba de muitos dias, gravata cebácea e côco ressudado; o peito em arco, sêca a face, o olhar esquecido; — anda por aí, a arrastar a sua vida de mal-avindo, o neto de um opulento morgado minhoto, bizarro dissipador, conhecido pelo fidalgo da *Casa grande*. O pai, o último Morgado de Sabariz, morreu de repente em

Prado, na feira dos 13, em cima de um jantar, num quarto da estalagem do Pisco, onde ia muitas vezes, de súcia com sangüíneas moçoilas ordinárias, de calcanhar rachado, vistosas nos seus lenços de ramagens vermelhas, cruzados na fartura dos seios, ancas possantes, sob refegadas saias, e chinelas de biqueira na ponta do pé — o seu tipo voluptuoso. Em Braga, à tardinha, a mulher rezava a Coroa das Dores com as criadas, quando lhe deram, de chofre, a notícia da morte do marido, — nova que a abalou. Andava no fim do tempo: o parto foi prematuro; a mãe morreu; e o filho, o órfão, cresceu e educou-se entre as saias solteironas das tias beatas, que o queriam para padre; mas pouco mais fêz que instrução primária, e, comidos uns dinheiros herdados das velhas, começou esta sua enxovalhada vida de pária vagamundo...

*
* *

O avô dêste rapaz, o Bernardo de Abreu, era um bonito homem alto, sêco, cabelo e barba grisalha, face amável onde sorriam, com doçura, dois grandes olhos de puro azul — ingénuos como de criança. Aprumado com nobreza natural, tinha o gesto sóbrio e elegante; e no seu modo de estender a mão para cumprimentar acentuava um acolhimento tão rasgado que a sua bondade logo prendia. Sem um único propósito que não fôsse bom, sem uma migalha de reserva, — era alma aberta diante da qual tôdas as almas se abriam francas e confiantes.

Seu solar, pôsto em colina frondosa de copas de castanheiros, era uma forte construção de graves linhas, do século XVII, com uma fileira de muitas varandas com cimalhas de frontões triangulares, e a empena, longa e bai-

xa, do telhado português de telhas curvas, caleadas à mourisca, a prolongar-se num farto beiral, sôbre rica cornija do cachorros — saliências que enchiam de côres a honrada frontaria. Aos lados, fazendo ângulo recto com a fachada principal dêste edifício de um só andar nobre, para que se subia por uma acolhedora escada de dois lanços, parando num patamar alpendrado; — aos lados, continuava-se o paço em duas alas: numa, a capela, noutra, a livraria, unidas, na frente, por um muro ameado, no meio do qual se erguia o monumental portão de colunas, tendo no cimo uma grande pedra de armas com o escudo dos Abreus, emmoldurado em paquifes ornamentais que enchiam todo o campo da fidalga entrada.

No centro, — o terreiro para receber os carroções, as liteiras, as cadeirinhas, as caleças, e para onde davam cocheiras e cavalariças, servindo ainda de picadeiro de potros alfários, que o

fidalgo punha gôsto em amansar, baixando-lhe as upas escabreadas, torcendo-os em curveteares airosos, envaidecendo-os no garbo das patas finas e do jôgo das mãos altas dos quarteados cavalos de cortesias.

Dentro, os salões, cheios de velhos retratos de família, eram amplos, com reposteiros armoriados, silhares de azulejos e tetos, em maceira, de tábuas de jacarandá com talha dourada nos artesões e nos bocetes, tendo, no apainelado do centro, a metais e côres, o escudo da família: em campo vermelho, cinco cotos de águia, de ouro, em aspa, com o seu timbre cimeiro — o mesmo coto estendido. Predominava o mobiliário austero de pau santo, com muitos torcidos e tremidos; bufetes; cadeiras de sola lavrada com grossa pregaria amarela e solenes espaldas; contadores árabes, indianos e portugueses; lacas vermelhas e verdes, floridas de ouros gastos; camas D. João V, e outras, muito altas (para que se su-

bia por mesinhas de noite em forma de escadotes), com cabeceiras de bilros e quatro colunas torneadas, aos cantos, sustendo docéis de damascos carmezins. Os armários da sala de jantar estavam pejados de pratas, de porcelanas da Índia, de faianças japonesas. Havia um alto relógio de xarão; e um lavatório de granito com carrancas — farto como os das sacristias dos conventos. Os arcazes abarrotavam-se de bragais; e os baús de coiro, com adornos de preguinhos azebrados, — de cobertores de damasco e colchas orientais. A cozinha era enorme: debaixo da sua monumental chaminé cabia tôda a gente dessa aldeia — símbolo da hospitalidade do solar que agasalhava a vasta pobreza daqueles arredores, a todos assistindo, desde a malga de caldo dada a qualquer pobre passante que a pedisse, à mèzinha para males e feridas, ou à galinha gorda para tôda a mulher que estivesse de parto.

*

*   *

O Morgado de Sabariz, senhor de Redondo, a maior terra vinculada não só de entre Homem e Cávado, mas de todo o Minho, desbaratou os seus dilatados haveres em política, caçadas, jantares, e amásias que tinha por todos os cantos da província. A política do Sr. D. Miguel levou-lhe muito dinheiro, por o fidalgo dar às mãos rôtas, armando soldados à sua custa, assinando galhardamente avultadas subscrições, aboletando tropas e tratando os comandantes como príncipes, assim como os muitos hóspedes que diáriamente se limpavam aos seus guardanapos e se estiravam nos seus lençóis de linho fino. Recebia à larga, à grande.

No Solar de Sabariz cada senhora (e eram muitas) tinha duas e três criadas, e quási tôdas com filhos do Morgado Bernardo — filhos naturais que, de

cambulhada, se criavam com os legítimos, comendo, bebendo e foliando com o prazenteiro fidalgo, que queria ver todo o mundo contente à roda dêle. Quando essas criadas, mães de seus filhos, se casavam, dotava-as, a umas, com leiras de terras, azenhas, pesqueiras, juntas de bois, ou pés de meia túmidos de peças de ouro de duas caras, herdadas da mãe, que lhe deixara um alqueire delas; a outras que se estabeleciam fora, punha-lhes casa com fartos bragais, adiantava-lhes dinheiro, para merca de touros a ganho, e nunca mais lho pedia; e a algumas enchia-lhes a adega de vinho, as arcas de milho e a salgadeira de mantas de toucinho. Pela Maria-da-Fonte, tinha bastardos homens, e tantos que o chalaçudo reitor de Caldelas dizia com graça:

— Se o Morgado de Sabariz arregimenta a filharada que para aí tem, ¡nem o 8, de Braga, mete dente com êle!

*
* *

Em novo, andava em caçadas aos quinze, aos vinte dias por fora de casa, com o Morgado da Ribeira, o Chico de Lamas, os irmãos Pedralvas, o abade de Rio-Mau e outros amigalhotes que, de desabado, um lenço ao pescoço, polvorinho e chumbeira a tiracolo, correia e saca de caça à cinta, bôlsa empinada de buchas, espingarda ao ombro e botarronas de bezerro, cardadas, desciam os contrafortes do Gerez e da serra do Extremo para estas fartas patuscadas, em que o fidalgo, folgando à larga, tudo pagava, pois onde estivesse o Morgado de Sabariz ninguêm tinha o direito de puxar pelos cordões à bôlsa.

Quem lhe administrava a casa era o seu velho capelão, o frei Diogo, antigo beneditino de Rendufe, um molengo desmemoriado que, não tendo livros, não tomando apontamentos e fazendo

contas de cabeça, pagava duas e três vezes, atrasando-se em tudo, desleixando-se nos assuntos mais importantes, abandonando a caseiros velhacos e a feitores sem escrúpulos (que enriqueciam) terras e negócios, a ponto de, por incúria, deixar relaxar décimas sôbre décimas. Debalde lhe aconselhavam que tomasse para administrador o esperto padre Jerónimo, homem sabedor, de bom pensar e ao mesmo tempo de tão belo humor. Mas o Morgado respondia:

— Êsse não, que o quero para me fazer rir.

Em pleno século XIX, aquele fidalgo não dispensava um bobo ¡para as sobremesas dos seus jantares, para as seroadas do seu solar!

*

* *

Na verdade, o padre Jerónimo, ex-professor de latim, era um velho pra-

zenteiro e engraçado. Suas chalaças tinham fama, e seus ditos repentinos, como as alcunhas que encasquetava nas cabeças dos adversários, corriam de bôca em bôca. Suas historietas, contadas com veia, faziam rir uma sala inteira. Ninguêm como êle para encher um serão. Sabia muitas adivinhas, mil preguntas capciosas, tinha um vasto pecúlio de anedótas para todos os paladares, fingia o latir dos cães, o mugir das vacas, o zurrar dos burros, o cantar dos galos e sabia ruflar numa vidraça, imitando as cornetas e o rataplã dos tambores na procissão dos Passos, em Braga. Fazia bichos na parede com as sombras das mãos; e nas longas cartas que escrevia, conservava o mesmo estilo da conversação, enchendo-as de diálogos e entrelinhando-as com caricaturas e desenhos bárbaros, mas pitorescos, quando se referia a tipos e queria explicar situações. Assim, por exemplo, escrevendo de um amigo que andava em viagem dizia:

«O padre Alves (aqui a caricatura do padre) partiu para o Pôrto (desenhava a tôrre dos Clérigos) e lá comprou um galo (um galo empoleirado) no mercado do Bolhão». ¡Recreativo homem, o padre Jerónimo!

O fidalgo achava-lhe imensa graça e mandava-o chamar muitas vezes para se rir com as suas pilhérias.

No entretanto, o frei Diogo lá seguia com a sua administração ruìnosa. O Bernardo não se importava e continuava a viver à larga, à grande, gastando, dando, esbanjando. Quando lhe apontavam bens comprados por caseiros seus, medrados à custa do solar, respondia:

— E' preciso espalhar. A pobreza é muita.

Não queria saber de contas: o que exigia era ver a cavalariça cheia de cavalos, o canil repleto de perdigueiros, galgos e cães de coelho; na casa, um estadão de criados; e bem servida a enorme mesa da sua hospedeira sala

de jantar, a que diáriamente se sentavam vários comensais, convidados ou não convidados, pois sempre havia em Sabariz talheres postos e quartos preparados para qualquer que quisesse comer e dormir, havendo quem entrasse e saísse sem ver o dono da casa que, às vezes, fatigado, estava dias seguidos nos seus aposentos.

Na roda do ano, cozinhavam-se no solar todos os pratos tradicionais, desde o caldo de castanhas em domingo de Ramos, aos formigos da consoada, às rabanadas pelo Natal. Repetiam-se as várias costumeiras que vinham de pais a filhos; faziam-se tôdas as festas de família; e os remotos avós tinham, nos dias dos seus aniversários fúnebres, sufrágios piedosos na capela do Morgado.

Comia-se muito, bebia-se muito. Assavam-se vitelas inteiras e havia jantares que, por assim dizer, ¡duravam oito dias! E por cima de tudo isto pairava a bonomia galharda do fidalgo

Bernardo, que só se sentia contente vendo os outros contentes.

Nessas jantaradas, êle, à cabeceira da mesa, a que presidia enchendo tôda a sala com a sua pessoa a respirar cordialidade e bondade, repetia, feliz, a sua costumada frase:

— Quero-me com gente de qualidade e vinho do sítio.

Era o fidalgo provinciano, com todos os defeitos da sua incultura, seus vícios de dissipação com mulheres, jôgo e cavalos, mas tambêm com todo o seu garbo de honrador das memórias dos seus maiores bem nascidos, com tôdas as suas primorosas qualidades de alto respeitador de senhoras, suas maneiras nobres e naturais, fôrça, lialdade, desprendimento e generosidade extensa até à bizarria; e dentro dêle, a trasbordar, uma alma rasgada, lavada, grande — portuguesa, com quem sempre se podia contar.

*

* *

Neste desarranjo, não tardaram a surgir as primeiras dificuldades de dinheiro adiantado; depois, as pequenas hipotecas; em seguida, as grandes; e, por fim, coincidindo esta decadência com o pagamento da avultada indemnização imposta pelo partido liberal, então no poder, tôda a propriedade de Sabariz, carregada sob o pêso de formidáveis dívidas, de juros vencidos e acumulados, de décimas relaxadas, de contas sôbre contas, de soldadas atrasadas, acabou por avergar e quebrar, declivando para o rápido descalabro de tão opulento casal. O Bernardo de nada suspeitava. As irmãs do fidalgo as filhas, o capelão e uma velha criada grave procuravam, por aqui e por ali, batendo ocultamente à porta de usurários, obter dinheiro que só conseguiam rogadíssimo e cada vez mais

caro; e para pequenas dificuldades de momento, quási semanais, lá saiam âs escondidas, sob o capote envergonhado, salvas, jarras da Índia, peças de prata, teias de linho, cobertores de damasco, que se vendiam por ¡dez réis de mel coado!

Mas o Morgado permanecia na impressão de que era muito rico e que os campos de Sabariz continuavam a render, só de pão, trezentos carros limpos. Mas uma vez que o besuntão frei Diogo, esturrando-se em meio-grosso, esboçou, canhestramente, certa dificuldade do dinheiro, o fidalgo foi a um velho baú de coiro, que tinha num vão do seu quarto de dormir, trouxe de lá uma mão cheia de dobrões de D. Manuel e entregou-os ao feitor, dizendo altivamente:

— Empenha-os, mas não mos troques, ouviste?

E de outra vez, numa situação mais aguda, a propósito da venda de uns cavalos, venda alvitrada a mêdo pelo

encolhido administrador, o Bernardo, todo fora de si, replicou do alto do seu orgulho irado:

— Um fidalgo não vende, nem pede. Nasci para dar e não para rogar.

Mas como as novidades estavam já empenhadas sôbre o campo, faltavam absolutamente os pastos e as rações, — ¡os cavalos, à manjedoura, morriam em pé de fome! Era então trágico, altas horas da noite, quando os criados dormiam, ver o capelão e vários caseiros de confiança descerem às cavalariças e retirarem de lá um ou outro cavalo que durante o dia tinha caído de inanição. E, à luz frouxa de candeias, seguras pelas mãos trémulas das senhoras morgadas, lá arrastavam êsse escalavrado cadáver por cima de campos e através de bouças, indo, silenciosamente, enterrá-lo em soturnos pinhais arredados, para que ninguêm suspeitasse da miséria extrema a que chegara a *Casa Grande* e o senhorio de Redondo.

*

* *

O Bernardo, na última semana que viveu, ao receber no seu quarto uns raros amigos que o visitaram, ordenou aos criados que lhes servissem vinhos finos nas melhores salvas de prata do seu nobre solar. Então as velhas fidalgas fecharam disfarçadamente as portadas das janelas para que, na meia-luz da sala, o Morgado não pudesse perceber que elas ofereciam, às suas visitas, ¡ vulgares copos de vinho verde em vulgaríssimos taboleiros de madeira!

Na tarde do dia em que morreu, um crèdor penhorou-lhe a cama de bilros de pau santo e um pelado baú de coiro e pregaria. ¡Era o que restava!

Foi encerrado no carneiro da capela da casa, — panteão dos melhores

Abreus. Assistiram sómente dois amigos fiéis. Nesse dia sepultou-se uma boa parte do Portugal Velho.

FIM

Índice